

Esta manhã
em Lisboa e no Algarve

A terra tremeu por três vezes

A terra tremeu esta manhã por três vezes em Lisboa e no Algarve (Sagres e Portimão). Segundo afirmou ao «DL» um técnico do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, os sismos de pequena intensidade e de origem natural (não causados por nenhuma das explosões experimentais realizadas nos últimos dias em Sesimbra e noutros locais) ocorreram entre as 7 e 50 e as 8 e 30. Até à hora do fecho do nosso jornal ainda não eram conhecidos os valores dos sismos nem a localização do seu epicentro.

2.ª-feira, negociações de pescas com a Espanha

Guerra por 200 barcos

Pág. 10

Porque o ano agrícola vai ser “catastrófico”

Governo reúne 2.ª-feira para tomar medidas

O nosso futuro alimentar está em dúvida para este ano, que no campo agrícola já não terá salvação. Com a prolongada estiagem e a falta de água que se vem verificando desde 1 de Setembro, também o turismo é arrastado para a indefinição, para o mar de interrogações que se colocam. No que toca à energia, e também por escassez de precipitação fluvial, a situação é pes-

sima, como afirmou ontem ao «DL» um técnico da Central da Caniçada. O Governo, que há dias tomou posição sobre o problema energético determinando reduções no abastecimento e anunciando um «Plano de Emergência» para qualquer situação especial que se venha a desenvolver, reunirá depois de amanhã a maioria dos seus ministros a fim de encarar em toda a sua

dimensão este quadro de crise que se desenha e agrava por falta de chuva e o prolongamento da seca, que ciclicamente se abate sobre Portugal de quinze em quinze anos, como ontem afirmou na Portela um técnico do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica de Lisboa, prevendo a irrecuperação do ano agrícola.

Reportagem nas Págs. 10 e 11



Jose Izaquirre

Em Espanha
**Este homem
foi torturado
até à morte?**

Pág. 14

Tripulantes do “Boa Nova” não dão sinal de vida

Pág. 20



A velha drogaria da Rua dos Pescadores ficou reduzida a um montão de destroços

Drogaria arde esta madrugada

Pânico na Caparica com explosões de gás

Uma série de explosões de garrafas de gás colocaram esta madrugada em pânico a população da Costa da Caparica, durante um incêndio que destruiu completamente a drogaria «Ferro Velho», localizada na Rua dos Pescadores. No combate ao fogo participaram quatro corporações de bombeiros que conseguiram evitar que as chamas se propagassem aos prédios vizinhos. A drogaria, que se

encontrava instalada num velho edifício, cuja demolição estava anunciada para breve, era um estabelecimento muito popular na zona, dedicando-se à venda de uma imensidade de artigos. Os prejuízos estão avaliados em centenas de contos, tendo um bombeiro ficado hospitalizado devido a forte intoxicação.

Pág. 20

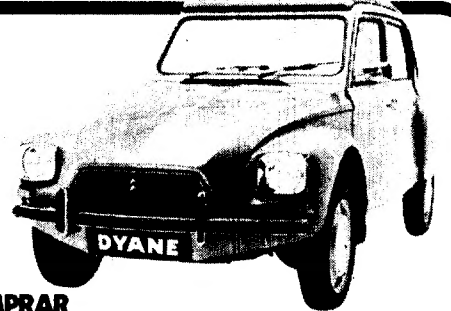
Quinze segundos até à morte

Quatro anos depois conhecem-se pormenores da tragédia do Funchal

Foi em Novembro de 1977. Pouco depois das 21 horas de uma noite chuvosa, o Boeing «Sacadura Cabral», da TAP, despenhava-se no mar, depois de ter percorrido parte da pista do Aeroporto de Santa Catarina, no Funchal, sem conseguir deter a corrida: 131 mortos, a maior tragédia da história da aviação portuguesa. Tudo correu em 15 segundos apenas. Agora, quase quatro anos depois da fatídica noite, é finalmente conhecido o inquérito realizado pelas autoridades competentes e que, tanto quanto se sabe, está terminado desde o ano passado. Que sucedeu naqueles 15 segundos? A «caixa negra» do avião, recolhida no mar, permite reproduzir agora textualmente as últimas palavras da tripulação. Sabe-se, por exemplo, que esta se apercebeu da iminência da tragédia e que o co-piloto ainda tentou uma manobra de recurso.

Pág. 9

COMPARE A DYANE...



ANTES DE COMPRAR

Compare o seu conforto inultrapassável...
Compare o seu espaço interior e o espaço da sua bagageira.
Compare a sua magnífica estabilidade.
Compare a sua espantosa simplicidade mecânica e de condução.

**PONTO POR PONTO
A DYANE GANHA SEMPRE!**

ANTES DE COMPRAR

Compare o seu preço.
Compare a sua economia em combustível e em manutenção...
Compare a sua forma de pagamento...

**CONTO POR CONTO
A DYANE GANHA SEMPRE!**

NO COMPARAR É QUE ESTÁ O GANHO!

CITROËN DYANE

Escândalo na Fundação José Fontana?

O PS responde

Pág. 20

TAMBÉM A VIDA TEM PREÇO?

1950: todos os doentes — muitos até bastante jovens — que sofrem duma afecção progressiva dos rins estão condenados à morte; a medicina, quando muito, pode atenuar o sofrimento da agonia.

1959: pela primeira vez, e simultaneamente nos Estados Unidos e no hospital Necker de Paris (professor Jean Hamburger), o enxerto de um rim normal proveniente de um dador voluntário permite a sobrevivência de um doente atingido por destruição renal irreversível.

Desde 1943 que o holandês Kolff tornara operacional um «rim artificial» que permitia manter vivos os doentes afectados por alterações renais.

Em 1960, perante as dificuldades em obter rins para enxertar e graças aos aperfeiçoamentos técnicos no âmbito do rim artificial, a escola americana de Seattle lançou um vasto empreendimento — dialise iterativa (ou seja, depois de acção sistemática, três vezes por semana, cento e cinquenta vezes por ano, pelo rim artificial) nesses doentes, provando que eles podem assim sobreviver (e levar uma vida mais ou menos normal) muitos anos.

O custo desse tratamento levanta desde logo um dilema de ordem ética, mas por razões económicas, que perturba a consciência médica mundial. Pela primeira vez, com efeito, o corpo médico encontra-se na obrigação de recusar uma terapêutica salvadora para um grande número dos seus doentes e por razões de preço.

Constituem-se «comités moderadores» aos quais incumbe a terrível tarefa de determinar os critérios de selecção dos doentes que poderão, graças à dialise regular, ser arrancados a uma morte certa e retomar uma vida

familiar e profissional normal, e os que ficarão condenados. Os mais afortunados adquirirão o seu próprio rim artificial; para os outros, cotizam-se aldeias, bairros e oficinas. Outros ainda, suicidam-se. As pressões que as famílias exercem sobre teólogos, moralistas, médicos e representantes da população que constituem os comités moderadores, são insuportáveis.

O direito de vida ou de morte implícito nas suas sentenças reveste-se de um carácter exorbitante — e dramático — que agita violentamente a sensibilidade popular e a faz tomar consciência, de modo fulgurante, do preço da vida, primeiro, e do facto de que a sua salvaguarda depende, muito mais que das decisões ou da ética médica, de dados económicos.

A decisão espectacular tomada há vinte anos pelo professor Scribner, de integrar nos «comités de vida ou de morte» que constituíam responsáveis políticos, autoridades morais e religiosas, representantes dos grupos socioprofissionais de toda a população de Seattle, dava claramente a medida de um conflito que punha em confronto, pela primeira vez, a moral médica e o custo da saúde.

Como sublinha o professor Mion, a verdadeira dimensão deste conflito surgia assim em toda a sua amplitude: «A de um problema político que põe em jogo a noção de solidariedade social e implica, à escala de uma nação, decisões de consequências económicas maiores, impossíveis de evitar.»

A França, como a América, optou, há vinte anos, pela solidariedade social. Desde então, os investigadores dos hospitais e da indústria conseguiram aperfeiçoar o rim artificial de tal modo que se tornou possível, a um preço ainda elevado, mas muito mais baixo que no hospital, utilizá-lo em casa.

Desde então, também, os progressos contínuos da imuno-

pelo dr. Escoffier-Lambiotte
«Le Monde»

logia, a descoberta dos grupos dos tecidos orgânicos pelo francês Jean Dausset — descoberta recentemente coroada com o prémio Nobel — conduziram a flagrantes melhoramentos no êxito dos enxertos renais.

Essa intervenção que, é claro, liberta o doente da dependência do rim artificial, custa cerca de 100 000 francos. As dificuldades encontradas nas doações de órgãos de cadáveres explicam as longas e dolorosas esperas de numerosos padecentes de insuficiência renal, que ficam então para sempre na dependência da diálise.

A importância da prevenção

Actualmente, em França, sete mil e setecentos desses doentes estão sob tratamento em centros de diálise, onde vão três vezes por semana. Cada um custa à colectividade, por ano, 246 600 francos. Mil e trezentos doentes seguem o tratamento em casa, por uma despesa anual duas vezes menor, ou seja 108 420 francos por doente.

O orçamento total consagrado às diálises renais é então de 2 biliões de francos, ou seja, consideravelmente mais que a totalidade do orçamento atribuído em França à pesquisa biomédica, incluindo todas as fontes (1,2 bilião).

Não restam dúvidas de que nesta situação exemplar foram os progressos desta pesquisa, de créditos, por outro lado, modestos, que levaram pela sua aplicação clínica a um importante problema económico, suscitando um debate e um dilema de ordem moral e político de alcance mundial.

O que leva a pensar, e nenhum investigador duvida disso, que a

solução de «prótese de substituição» assim adoptada, é apenas provisória. As causas precisas e os mecanismos da destruição renal progressiva que atinge estes doentes serão um dia descobertas; a sua prevenção ou o seu tratamento médico tornar-se-ão assim acessíveis e o episódio do rim artificial ou do enxerto não será mais, a partir daí, que uma página — gloriosa mas passageira — da história dessa doença.

A lição teve, pelo menos, os seus frutos e as nações industrializadas interromperam unanimemente há uma dezena de anos as pesquisas conducentes à obtenção de um coração artificial.

Elas limitam os enxertos cardíacos e uma comissão americana, ao estudar recentemente o custo da cirurgia das artérias coronárias que irrigam o coração, deplorou que esse custo implique cada ano um encargo de 60 biliões de francos, enquanto um enorme número dos cem mil doentes anualmente operados, ultrapassavam largamente 75 anos.

Todos os progressos científicos não conduzem, longe disso, a aplicações onerosas ou a debates de consciência insolúveis.

A descoberta da vacina contra a poliomielite levou, em todos os países em que a vacina é largamente utilizada, ao desaparecimento daquela doença; a economia realizada pela colectividade americana graças à obra de virologos muito modestamente subvencionados, cifra-se em dezenas de milhões de dólares.

Não é inútil recordar o papel importante que desempenhou a opinião pública no apoio a esses

trabalhos e, nomeadamente, a famosa «march of dimes» (a marcha dos dez cêntimos) organizada em todo o país por voluntários.

As descobertas respeitantes aos factores múltiplos, responsáveis por numerosas doenças (conjunção de uma fragilidade inata específica e do ambiente ou do modo de vida), abrem, de modo evidente, a perspectiva de uma medicina do futuro mais eficaz e menos dispendiosa, baseada já não em próteses paliativas, mas na prevenção ou nas terapêuticas precoces e específicas.

Esta orientação nova, obtida a partir de descobertas científicas, assume toda a sua importância quando se sabe que a parte dos recursos consagrados à medicina curativa é, no conjunto das despesas da saúde, inferior em mais de metade à que implica a compensação dos danos (morte prematura, trabalho perdido, indemnizações por invalidez, etc.).

A tentação dirigista

Será ainda preciso evitar prudentemente uma tendência para a «medicalização excessiva da vida», denunciada no colóquio de Paris por René Lenoir e que se encontra em oposição radical ao conceito de «assumir encargo individual, responsabilidade pessoal e colectiva», descrito a propósito do sistema de saúde chinês, pelo professor Wu (Pequim).

Certamente que é necessário avaliar mais sistematicamente a eficácia real das diligências sanitárias e favorecer (como actualmente fazem o Instituto Nacional da Saúde e da Pesquisa Médica (INSERM) e a Fundação para a Pesquisa Médica (FRM) certos sectores de pesquisa considerados prioritários devido ao seu alcance social, interesse fundamental ou mesmo alcance industrial.

Mas nada poderia ser mais radicalmente contrário ao próprio espírito de inovação e mais esterilizador para a pesquisa que a tentação dirigista, tão perigosamente presente nos propósitos de alguns economistas ou responsáveis políticos.

A etapa mais importante para a melhoria universal da saúde, a que permitiu a economia mais espectacular do seu custo, resultou, há cerca de um século, de trabalhos empreendidos por um químico que estudava a fermentação das cervejas, Louis Pasteur, que primeiro trabalhou sozinho e, depois, numa instituição criada não pelo Estado, mas pela generosidade privada internacional.

Ninguém se apercebeu, mais perto de nós, da revolução industrial e cultural que implicavam os obscuros trabalhos conduzidos em Basileia por um químico suíço e que, juntamente com o génio genético, determinava uma etapa do destino humano, a domesticação dos infinitamente pequenos, tão importantes como foram, durante milénios, a domesticação das plantas, dos animais, depois a dos elementos.

Não será, finalmente e sobretudo, conveniente interrogar-mo-nos sobre a hierarquia de valores que afirmam as sociedades modernas, ao debaterem febrilmente o custo possível da pesquisa biomédica, toda ela orientada para uma melhor qualidade de vida do homem, para o recuo do sofrimento, da doença e da morte — enquanto que, ao mesmo tempo, os orçamentos da pesquisa militar, dez vezes mais elevado, não são minimamente postos em causa?

A obra da morte será mais importante, e a esse ponto, que a obra da vida? Será que o homem, na História do Universo, não passa de um agente da destruição?

Doença propaga-se a todo o País

Porque morrem os ulmeiros?

A morte dos ulmeiros do Jardim Zoológico, assim como os da Avenida da Liberdade e de outras artérias de Lisboa, bem como dos espalhados por todo o País é devida ao fungo *Ceratocystis ulmi* que provoca a doença vulgarmente conhecida por «grafiose» ou «doença holandesa dos ulmeiros». A enfermidade surgiu pela primeira vez em França em 1918, já no fim da 1.ª Guerra Mundial e apareceu depois na Holanda e Bélgica no ano seguinte e na Alemanha em 1921, passando sucessivamente a todos os países da Europa, EUA e Canadá.

Em Portugal fez o seu aparecimento em 1933 justamente no Jardim Zoológico de Lisboa, tendo aquele agente patogénico sido identificado em 1934 pelo então director do Laboratório de Patologia Vegetal Veríssimo de Almeida, prof. Manuel Sousa da Câmara. Sucessivamente a doença foi-se propagando a todo o País onde existiam as espécies esportivas *Ulmus Procera* e *U. Minor* que, pouco a pouco, têm vindo a ser dizimadas, à semelhança do que tem acontecido nos outros países.

Há portanto cerca de 50 anos que a doença existe no Jardim Zoológico e quanto a nós, só de certo modo nos surpreende que nos últimos 4 anos se tenha manifestado com mais virulência.

Isto, porque era do conhecimento dos meios científicos que na década de 60, uma estirpe mais agressiva do fungo, havia surgido na Inglaterra, após uma importação de toros de madeira de ulmeiros provenientes do Canadá. Gradualmente esta nova estirpe foi-se disseminando pela Europa e nos EUA, destruindo mesmo novas variedades de ulmeiros consideradas resistentes à estirpe inicial.

Dai que não seja de excluir a hipótese que a estirpe mais agressiva já tenha chegado até nós.

A doença tem como vectores principais insectos coleópteros do género *Scolytus* que fazem características galerias entre a casca e o lenho de árvores enfraquecidas ou já mortas, onde completam o seu ciclo biológico. Se essas árvores estiverem atacadas pela grafiose, o micélio do fungo desenvolve-se favoravelmente nessas galerias e os insectos ao abandonarem essas árvores vão alimentar-se sobre gomos e rebentos de outros ulmeiros possivelmente ainda sãos, mas como transportam esporos daquele agente patogénico vão assim disseminando a doença, ajudados muitas vezes involuntariamente pelo Homem quando transporta ou utiliza a madeira atacada em vez de pron-



tamente abater e queimar os ramos e as árvores mortas ou moribundas.

Como meios de luta, estão sempre indicadas para além das medidas profiláticas já referidas, a eliminação de todas as causas externas que possam conduzir ao enfraquecimento

dos ulmeiros, nomeadamente o ataque de outras pragas, na medida em que, como já referimos, tal circunstância permite a proliferação dos insectos vectores. Foram ainda aplicados em alguns países insecticidas contra tais insectos, assim como a quimioterapia, isto é, a injeção de fungicidas no tronco das árvo-

res, mas tais processos constituíram meros paliativos, pelo que os cientistas enveredaram pela criação de novas variedades que fossem resistentes à doença.

Com o aparecimento da estirpe mais agressiva, houve necessidade de enfrentar esta nova e desastrosa realidade, o que foi muito recentemente conseguido por cientistas americanos com a criação dos clones «Urban Elm» e «Sapporo Autumn Gold», este último resultante da hibridação de um ulmeiro siberiano com um ulmeiro japonês. Vale a pena referir que estas novas variedades que estão a ser produzidas nos EUA ainda não se encontram comercializadas e, em Inglaterra, por exemplo, existem desde Setembro de 1980 apenas 3 exemplares da cultivar «Sapporo Autumn Gold», um dos quais foi plantado no Castelo de Windsor e os restantes no Hyde Park de Londres, mas todos eles fornecidos pela Universidade de Wisconsin dos EUA.

Provar ou não a existência no nosso País da nova estirpe mais agressiva do *Ceratocystis ulmi* é a nova linha de investigação que já está a ser explorada pelo Laboratório de Patologia Vegetal Veríssimo de Almeida, dentro das suas muito honrosas tradições, embora os recursos humanos e financeiros disponíveis

sejam excessivamente modestos, não obstante a obra profícua que tem vindo a desenvolver há mais de meio século.

Curiosamente, coube também ao Laboratório de Patologia Vegetal Veríssimo de Almeida a honra de identificar em Outubro de 1980, e pela primeira vez em Portugal, a terrível doença conhecida pelo «cancro dos cedros e ciprestes», cujo aparecimento na Europa data de 1944.

O seu registo no nosso País foi feito pela primeira vez através de uma nota publicada em 13/10/80 no «Diário de Notícias», que então constituiu um alerta para a gravidade da doença e para a qual infelizmente não se dispõe actualmente de variedades resistentes. Tão importante é a enfermidade provocada pelo fungo *Seiridium Cardinale*, que existe já um convénio entre cientistas franceses e italianos para estudar os meios de luta mais adequados. De novo o Laboratório de Patologia Vegetal Veríssimo de Almeida decidiu investigar tal problema e é grato registar que já obtivemos da parte do actual director-geral do Ordenamento e Gestão Florestal o maior apoio e interesse pelo trabalho de investigação em curso, que pela sua grandiosidade terá que ser executado em colaboração com aquele organismo do MAP.

ponto a ponto

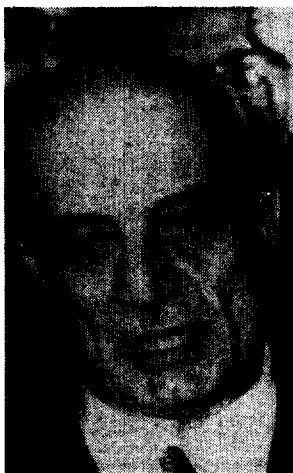
● O presidente **Ramalho Eanes** de Portugal exprimiui ao historiador francês Albert Silbert o grande apreço em que tem os seus trabalhos de investigação sobre Portugal. Albert Silbert encontra-se em Lisboa a participar no colóquio «O liberalismo na península na primeira metade do século dezanove» organizado pelo Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. A fim de transmitir a Albert Silbert a mensagem de Ramalho Eanes deslocou-se à Fundação Gulbenkian, onde está a decorrer o colóquio, o assessor do Presidente da República para as questões culturais, Alberto Machado.



● A mulher do Presidente da República, **Manuela Eanes**, visita os Açores em Março em cumprimento de uma promessa cujo teor só foi conhecido depois do dia das eleições, soube a ANOP de fonte oficiosa. Manuela Eanes prometera oferecer o seu anel de noivado ao Senhor Santo Cristo dos Milagres dos Açores caso Eanes venhasse as eleições, mas este propósito só foi noticiado depois do dia 7 de Dezembro, motivo por que Manuela Eanes recusa que o seu gesto tenha tido «intuítos eleitoralistas».



● O presidente do Senado italiano, **Amintore Fanfani**, visita a Assembleia da República portuguesa de 8 a 11 de Março, soube hoje a ANOP de fonte parlamentar. Em Abril, o presidente da Assembleia da República, Leonardo Ribeiro de Almeida, desloca-se às Cortes espanholas. No mês de Fevereiro estão previstas dez deslocações de deputados portugueses ao estrangeiro. Amélia de Azevedo, Amândio de Azevedo, Lacerda Queirós e Pedro Roseta (PSD), Salgado Zenha e António Guterres (PS) e Maria José Sampaio e Lucas Pires (CDS) vão a Paris.



● **Sá Machado**, administrador da Fundação Gulbenkian, regressou a Lisboa após uma visita de seis dias à Guiné-Bissau. Durante a sua estadia, a convite das autoridades guineenses, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros encontrou-se com os responsáveis dos serviços de saúde, educação, assuntos sociais e recursos naturais. A Fundação Gulbenkian, que forneceu recentemente equipamento e material didático para a Escola Nacional de Música e a Escola de Direito da Guiné-Bissau, já contribuiu com cem milhões de escudos para o Centro de Saúde de Bissau.



● O presidente do CDS, **Diogo Freitas do Amaral**, desloca-se no dia 18 à República Federal da Alemanha para conversações com o presidente da União Europeia das Democracias Cristãs (UEDC), Uwe Hasse. Uma informação oficial do CDS refere que Freitas do Amaral será acompanhado pelo secretário-geral do partido, Rui Oliveira, e que terá também conversações com o CDU alemão. Fala-se na hipótese de Freitas do Amaral vir a ocupar a presidência da UEDC.



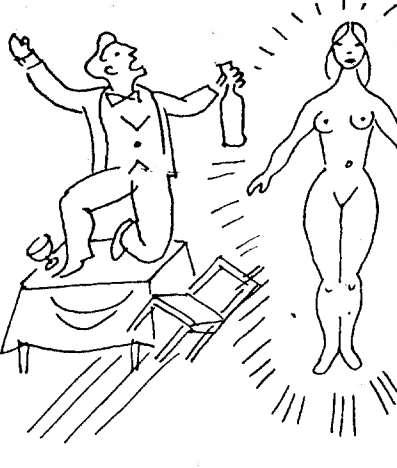
O MEU PRIMEIRO CARNAVAL



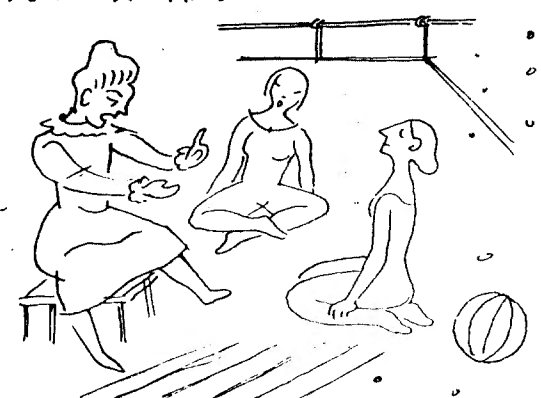
SAIREI DE BAINA NA HORA MAIS ALTA DO MEU CARNAVAL



A CATEDRAL DA MULHER



AS NOSSAS MAIS JOVENS BAILARINAS



E LA' ESTAVA ESTENDIDO NUM CATRE



NOVAS CARTAS DO BRASIL

O FIM TRISTE DE LA GUILBERT

CHIANCA DE GARCIA

PARA o autor — sons, gritos, cores, sucediam-se sob o sol nascente gotejando fogo — ao encontrar, a cada esquina do centro da cidade do Rio de Janeiro, blocos suarentos e valentes, cada um saltando o seu próprio canto que, no entanto, e no conjunto, se transformava numa só e única batucada. Era, leitor, o meu primeiro Carnaval, a valer, na capital do Brasil. As cinco da manhã, ali estava, com a cabeça tonta de tanto ter bebido. A ressaca natural de uma noite de raiva. Raiva e indignação. De todo o lado, desciam, em minha volta, endiabrados cordões: — «Não paga o bonde, iá-iá, não paga o bonde, não paga o bonde que eu conheço o condutor». Tilintar de campanhas, de guizos, no ritmo vivo dos atabaques, e, no ar, caindo lá de cima, ao soprar do vento Norte, o saracoteio de serpentina de todas as cores. Meneios, cantigas, chiffrim de gozar. E insinuante, envolvendo-nos, o cheiro dos lança-perfumes da marca Rodo. E lá vinha a «Flôr do Abacate», o «Miséria e Fome», e, entre aplausos, as morenas roliças do «Amêno Resedá». Homens, mulheres, gordas e magras, garotas, rapazes, não eram ninguém, para mim, naquele mundão onde eu, treloucado, procurava apenas aquela que desaparecera sem deixar rastro de si própria.

Sim, leitor, na confusão do Carnaval carioca, eu teimava em encontrar Marie Dupont, a incrível La Guilbert. Cadê? Cadê ela? É que, desde a primeira hora, ela tinha mostrado, junto de mim, o seu grande interesse em participar da folia carnavalesca. E tanto insistira em que eu lhe conseguisse, em alto luxo, fantasias cénicas, com que pudesse desfilar, ora como Cleópatra, ora como Catarina da Rússia, ora como a bela e fatal Lucrécia Borgia. Levei-a então à nossa oficina de costura, de que era mestra uma portuguesa, Helena Soares, sempre disposta a resolver problemas considerados insolúveis. La Guilbert explicou então o que desejava. A nossa praticia, a rir, nos seus quase cinquenta anos de cabelos grisalhos, explicou-lhe que estava habituado a fazer milagres: — Com as linhas do seu corpo vai até ser fácil...

Aí, La Guilbert, beijou-a, agra-decida...

— Mas, espere, disse Helena Soares, falta uma fantasia para o seu Carnaval. Porque, no Rio de Janeiro, ninguém ousa desafiar os santos do candomblé, sem que tenha a seu lado esse anjo protector que dá pelo nome de: — a baiana! Sim. Ele é o centro do Carnaval carioca, entende?

— Tem razão. Eu até já ouvi falar numa certa Carmem Miranda. Turbante com muitos frutos, panos coloridos, já sei... Vou gostar. Sairei de baiana, na hora mais alta do meu Carnaval brasileiro. Conto com a senhora. Certo?

De facto, já na manhã do ensaio geral, ela tinha recebido, no Hotel O.K., da Rua Senador Dantas, as prometidas fantasias.

— Lindas de morrer! como disse, para mim, horas depois...

MAS, agora, eu não andava mais atrás de La Guilbert, nem das suas fantasias de carácter histórico, que, na verdade, também tinham desaparecido com ela. La Guilbert sumira para lugar incerto e não sabido. Mas eu precisava descobrir aquela baiana verde-e-rosa, tal como saíra das mãos de Helena Soares. Para mim, estava nos fios das linhas com que fora costurada que se deviam encontrar os mágicos segredos dos orixás que mantinham, aprisionado, o coração de La Guilbert. Cadê? Cadê a baiana? Cadê a sua revolta e o seu desespero?

Porque tudo tinha caminhado direitinho, até mesmo nas horas duras do longo ensaio geral. Por sorte, o maestro, um argentino de nome Roberto, logo se entendera com ela. E vá de distribuir as partes das partituras para os vários instrumentos. Arístides Bruant, Fagus, Yehan Rictus. Canções de todos os tempos que se adaptavam, acima de tudo, à maleabilidade da voz de La Guilbert, ora numa intimidade de confidências, ora com o realismo de quem não hesita entre o lirismo e o sarcasmo. Uma delas, ela a cantava, sentada num banco, com o ar de uma avó, dando conselhos às netas (as

nossas mais jovens bailarinas) ajoelhadas em volta dela, e dando-lhes conselhos acerca do execrável comportamento do bicho-homem. Pura mordacidade. Por isso certas das suas canções viravam libelos — mas, no Rio de Janeiro, e isto por serem cantadas em francês, — não iriam ferir as susceptibilidades do Governo de Getúlio Vargas, — que nada tinha a ver com os textos desabusados dos franceses.

MAS, lá fora, na cidade, a onda de desconfiança em volta de La Guilbert, começara a crescer. Aquele negócio dos jornais que ninguém lê, mas que, no entanto, atingem os olhos de meio mundo, espalhara-se. E dizia-se: Que, no circo, palhaços se vistam de mulher para fazer rir, admite-se. Mas colocar, no palco, um homem fazendo-se passar por «neta» de uma das glórias da canção francesa isso chegava a ser uma afronta. É certo que tais palavras conseguiram tocar os vigilantes cinco sentidos de Joaquim Rolla:

— Mas não. Era tudo mentira. Que o público, tranquilo, se sentasse, e reagisse depois de ouvir. O importante era a arte. A qualidade. O génio. E essas tinham sido as armas que levaram La Guilbert a triunfar na Europa, e diante do público civilizado de Buenos Aires.

De facto, nessa altura, nossa confiança não tinha limites. E a prova é que dois dias antes da estreia, já estava esgotada a lotação do vasto «golden-room» do casino da Urca. Nós vivíamos na crista da onda.

O cenário que eu escolhera para La Guilbert, representava, em meias-tintas, e meias-sombras, o ambiente de um esquecido café de Paris que se chamava «Le Chat Noir». Homens célebres do começo do século XX, em Paris (interpretados por declamadores brasileiros entre uma canção e outra), erguiam-se e recitavam pequenos poemas. E todo o corpo de baile da Urca compunha, em cena, sucessivos quadros em harmonia com os textos das canções. Até aí, tudo bem. Mas logo que o locutor anunciou que iria surgir

no palco (por condição do seu contrato) a nota de Yvette Guilbert, começou a zoeira...

A primeira canção, do poeta francês Léon Xanrof, abordava o ainda, então, escabroso caso que atingira Abelardo, o infortunado amoroso de Heloísa. Aí, na sala, começaram os risos: — «É homem ou é mulher?», ou: — «Quem está no palco? É ele, ou ela?». Risos. Palmas. Vaia. La Guilbert, surpresa, abria, desmesurados, os seus olhos verdes. Porquê? Parecia que eles, de tão verdes, queriam desafiar aquela sala irrispetosa. No entanto, foi o instante necessário para que ela e a orquestra se desentendessem. O fio quebrara-se. Ela ficara perturbada. Parara o espectáculo. Em vão o locutor começara anunciando uma outra canção, tão conhecida e tão famosa, que ele começara por traduzir o título: — «Quando tu eras virgem, se acaso o foste alguma vez...

...E, então, mais intensa, a baderna recomeçou... — «Cai fora, tu és, és homem!» Viu-se então Benjamin Vargas, irmão do presidente da República, que tinha mesa cativa na Urca, saltar para cima da mesa, e gritar indignado para o dono da casa:

— Seu Rola, esta casa, é, para nós, a catedral da mulher. Agora, homem, nós não queremos!

E toda a sala aplaudiu. Mas então, já ela ia iniciar, ante um novo e seco frio da plateia, — a mais popular das suas canções: «Um fiacre allait trotinant, cahin, caha, Hu'dia, Hop lá». E logo se ouviu este grito vindo da sala: — Chega! Já ouvimos essa história mais de cem vezes, mas cantada por verdadeiras mulheres...

Foi então que ela, mandando calar a orquestra, se dirigiu resoluta, para o microfone, e desabafou, colérica e insolente, num francês que o locutor foi traduzindo palavra por palavra: — Homem, ou mulher, isso que importa?, cretinos? Mas a vocês, sim, a vocês, sejam vocês quem forem, eu, a todos, vós amaldiço-o oh mesquinhos e abomináveis pequenos burgueses!

Aí, ninguém mais se entendia.

Continua na pág. 18

O Poder e a Informação em África

Com o título «Poder, Informação e Desenvolvimento em África», o jornalista, ensaísta e professor universitário Herve Bourges, obteve em Paris o doutoramento do Estado em Ciências Políticas, máximo galardão universitário francês.

O ex-director da Escola de Jornalismo de Lille, fundador da Escola Internacional Superior de Jornalismo de Yaounde (Camarões), ex-conselheiro de Ben Bella e actual director da Informação Pública da UNESCO, dissertou durante duas horas sobre o sistema multinacional e a manipulação da informação em África e sobre as implicações políticas que têm no continente as intervenções de «todos os imperialismos».

Desenvolvendo a sua tese Bourges baseou-se nos seus dois últimos livros: «Descolonizar a Informação», publicado em 1978, e «As 50 Áfricas», em 1979.

Perante um júri composto de cinco professores de diferentes universidades francesas, Bourges explicou como a «África foi traída pela imagem convencional ou sensacionalista que os meios de comunicação ocidentais fazem circular» e reivindicou «a necessidade de uma nova ordem internacional da informação».

Ao mesmo tempo fez uma análise crítica dos diversos regimes do continente africano e destacou os esforços que a África moderna realiza para controlar as suas riquezas e tomar nas suas mãos o seu próprio desenvolvimento.

Nomeado em Setembro por Amadou Mahtar M'Bow, director-geral da UNESCO, como seu porta-voz, Bourges desempenha-se hoje como director do Bureau de Informação Pública daquela organização internacional.

A partir de segunda-feira

Nova programação do Canal 1 da RDP

Na próxima segunda-feira, a RDP apresenta algumas alterações na sua programação do Canal-1, que passa a chamar-se «Antena-1» e que incluirá novas rubricas entre as de alguns conhecidos nomes da nossa Rádio.

Assim, o programa rural, difundido em Lisboa, passa a designar-se «Terra e Mar», sob a responsabilidade de Luis Filipe Novais.

O programa da manhã, agora chamado «Pátio das Cantigas», será realizado por Paulo Fernando. Entre várias rubricas, contará, à segunda-feira, com um programa infantil. «Ponto de Encontro» manter-se-á sob a responsabilidade de Costa Martins, mas com outras rubricas. A partir das 14 e 30, surge o programa «Recordar é Viver», de Cândida Cortes e Carlos

Proença, alternando com «Temas e variações», de Maria Júlia Guerra. O «Programa sem margem» mantém-se no mesmo horário, embora com algumas novidades. A partir das 20 horas, «Antena-1» apresenta novos programas, como, por exemplo, «Animação Cultural», de José Atalaya, à segunda-feira. Outros programas: «Criminalidade e delinquência juvenil», à terça-feira; música clássica, apresentada por António Vilela, à quarta-feira; «Album Musical» à quinta-feira; e um seminário cultural, por Luis Filipe Costa, à sexta-feira.

O «Programa da Noite» continua com os mesmos responsáveis, mas incluindo à sexta-feira uma rubrica de «jazz» por Paulo Gil.

No fim-de-semana, surge

uma série de programas especiais. Ao sábado de manhã, «Operação Antena-1», de Fernando Cerajo, que continua a apresentar «Ao correr do Som». De tarde, «As Alegres Matinées da Televisão», com Júlio César, seguindo-se «A Feira da Vida», com Nunes Forte e Paulo de Medeiros. «Toda a Gente em Peso» surgirá antes do «Jornal da Noite», após o que irá para o ar «Separata Especial de Sábado», de Palma Fialho.

O programa da manhã de domingo será entregue a Alice Cruz, seguindo-se uma rubrica infantil, «Os mais Pequenos». A manhã termina com um programa feito por Raul Durão e Nicolau Breyner. Haverá a habitual tarde desportiva, mantendo-se a programação do domingo sem alterações.

Luís Fontoura no CI

Suspensos da RDP vão ser reintegrados

O secretário de Estado da Comunicação Social, Luís Fontoura, disse numa reunião do Conselho de Informação para a RDP que o estatuto do pessoal da Radiodifusão será publicado dentro de três meses.

Jorge Galamba (PS) foi, entretanto, reeleito na mesma reunião do CI para a RDP, presidente deste conselho de Informação.

Fontoura reconheceu terem-se verificado situações incorrectas na RDP, em face das informações que lhe foram fornecidas pelos conselheiros — disse um dos presentes. Explicou que diligenciará no sentido que tais situações sejam corrigidas e não voltem a repetir-se, nomeadamente no que respeita à quali-

dade da Informação — disse ainda a mesma fonte.

Fontoura anunciou que os jornalistas suspensos na sequência do 25 de Novembro e posteriormente amnistiados vão ser reintegrados brevemente e que tinha despachado favoravelmente uma recomendação do conselho no sentido de ser feito

um inquérito à publicidade na RDP — explicou ainda a fonte.

Aquele membro do Governo declarou também que, excepto em situações pontuais, procurará evitar que sejam admitidos na RDP mais contratados a prazo — referiu ainda a mesma fonte.

Renascença instala emissor no Algarve

A Rádio Renascença vai instalar no Algarve um emissor de onda média a fim de melhorar nesta região as suas condições de audição e de cobertura.

O emissor, que implica a

construção de uma torre com cerca de oitenta metros de altura, é o segundo a instalar por aquela estação de rádio com vista à renovação e amplificação da sua actividade.

Após venda do «Times»

Teme-se que Murdoch «viole» «A velha senhora de Fleet Street»

Tido como modelo do jornalismo sério, e funcionando como símbolo do rigor britânico, sem o qual o «gentleman» inglês não seria o que é, «The Times» sobreviveu à crise mais grave da sua história, após ter encontrado um novo proprietário no magnate australiano Rupert Murdoch, possuidor já de «The Sun» (a maior tiragem do Reino Unido) e do semanário «News of the World».

Segundo um enviado especial da Agência France Presse, Antoine Merlino, que assistiu aos últimos passos das negociações, o desaparecimento do célebre jornal, por muitos designado por «A velha senhora de Fleet Street», teria sido sentido, sem dúvida, como uma catástrofe nacional na Grã-Bretanha.

A compra do jornal por Murdoch, apesar de estar longe de suscitar uma satisfação unânime, não deixará contudo de ser saudada como um acontecimento positivo pelo conjunto das Redacções londrinas, para as quais «The Times» continua a ser uma espécie de «Bíblia».

Fundada em 1 de Janeiro de 1785 por John Walter, um nego-

ciante de carvão, «The Times», professando opiniões conservadoras mas com moderação, tem afirmado sempre não estar ao serviço de um partido ou de interesses particulares.

Num tom douto, as críticas de «The Times» não poupam ninguém. Além disso, o debate nas colunas reservadas às cartas dos leitores continua apaixonado.

Assim, ao lado de uma cobertura completa dos acontecimentos estrangeiros, das informações científicas, esse correio dos leitores dá conta, de uma maneira incomparável, da diversidade das preocupações britânicas: podemos aprender, aí, a melhor forma de não ter frio nas mãos, de escutar o canto do rouxinol, de dar de comer ao cão de cada um ou, até, o tamanho correcto das fraldas de uma camisa...

Enfim — «The Times» sobreviveu e poderia ter um novo impulso, mas teme-se em Fleet Street que o novo patrão, especialista de jornais sensacionalistas, venha a mudar a imagem do velho jornal, e «viole», numa palavra, «A velha senhora de Fleet Street».

Conselho de Gerência agradece

Ferreira do Amaral satisfeito com a Anop

O ministro da Qualidade de Vida, Ferreira do Amaral, disse que, em meados do ano, «se elaborarem propostas definitivas» respeitantes ao futuro da Agência Noticiosa Portuguesa, ANOP.

A agência receberá um subsídio de exploração para 1981 — no sentido de viabilizar a sua gestão — e, no Verão, verificar-se-á uma decisão «quanto à forma de assegurar a realização dos objectivos que na altura se definirem» para a empresa — referiu o ministro.

O conselho de gerência da

Agência Noticiosa Portuguesa enviou a Ferreira do Amaral um telegrama felicitando-o pelas declarações feitas numa mesa-redonda na RDP em que menciona «o papel dos grandes meios de Comunicação Social estatizada, nomeadamente a ANOP».

No texto, o conselho alude ao reconhecimento de que estes órgãos «têm uma função cultural e de comunicação útil a prestar à comunidade, não podendo, portanto, serem vistos numa óptica unicamente de mercado e de rentabilidade económica».



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

S Z S T

DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO SUL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo 15 de Fevereiro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em Baixa Tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE PALMELA

— Craveiras e Vinha da Bicha, das 8.00 às 11.00 horas.

— Colónia de Férias, Bombeiros, Ciclo e S. Julião, das 8.00 às 15.00 horas.

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1980
Electricidade de Portugal EDP/Empresa Pública
Direcção de Distribuição Sul
Manuel Fernandes Camacho

COZINHEIRO/A

Habilitado, para Restaurante na Zona de Sintra. Trata no BAR «O CHICO», Rua Arco do Teixeira em Sintra, ou através do Telefone n.º 293 1942

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

ADMISSÃO DE TÉCNICOS RADIOGRAFISTAS

1. Para conhecimento dos interessados se publica que se encontra aberta inscrição até ao dia 18 do corrente mês, para a categoria acima referida, para admissão imediata, em regime eventual, para serviço de escala.

2. Poderão candidatar-se os indivíduos possuidores do respectivo curso profissional obtido ao abrigo da Portaria n.º 18 523.

3. Os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa, sito no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 91-2.º Esq. Lisboa, de 2.ª a 6.ª feira, das 9 às 12 horas ou das 14 às 16 horas, onde lhe serão prestados todos os esclarecimentos.



1931

50.º ANIVERSÁRIO SESSÃO COMEMORATIVA

TEATRO ABERTO Domingo 15/2 - 15h.

Debate com
DIAS LOURENÇO
MEMBRO DA C.POLÍTICA

1981



Os jornalistas e a revisão constitucional

Papel dos Conselhos de Redacção deverá ser mais valorizado

— defendeu Silva Costa

A liberdade de imprensa é compatível «com a existência de órgãos de informação pertencentes a empresas privadas, a cooperativas, a entidades da administração regional e local e ao Estado» — sublinhou Silva Costa, redactor editorialista do «Diário de Notícias» na sua intervenção durante o colóquio «Os jornalistas, a Informação e a revisão constitucional», iniciado ontem na Casa de Imprensa, com a presença de dezenas de profissionais da comunicação social, dos deputados Vital Moreira, Jorge Lemos, Helena Cidade Moura e de outras figuras ligadas ao sector da informação, como o antigo presidente da RTP, João Soares Louro.

Na sua intervenção, o antigo assessor de Ramalho Eanes considerou ainda que «a revisão constitucional deve ser negociada, em relação à liberdade de imprensa, no âmbito de um enquadramento que implique a revisão da Lei de Imprensa, da Lei da Televisão, do estatuto do Conselho de Imprensa e um projecto de uma Lei da Rádio».

Silva Costa defendeu igualmente que a responsabilidade da função intelectual em cada órgão de informação deve pertencer conjuntamente à direcção, à chefia de redacção e aos demais profissionais que exerçam funções jornalísticas, para o efeito representados no Conselho de Redacção.

Impotência dos CR's

Defendeu, a propósito, a valorização do papel do Conselho de Redacção, reconhecendo-se

«o direito de audição para todos os assuntos que importem à orientação geral do órgão de informação e o direito de emitir parecer vinculativo para a nomeação do director e director adjunto ou subdirector designação da chefia de redacção, admissão de jornalistas e decisões especialmente graves como fusão ou suspensão de um órgão de informação».

Para garantias do mínimo de condições necessárias ao exercício das suas responsabilidades as direcções e chefias «seriam nomeadas por um período não inferior a cinco anos, ficando a demissão compulsiva da função condicionada, no caso das chefias, a parecer favorável do Conselho de Redacção, com recurso para o Conselho de Imprensa, e no caso da direcção, a parecer favorável do Conselho de Imprensa, sempre que no processo disciplinar fosse invocado como fundamento da demissão o desrespeito da Constituição e da lei ou das normas éticas e deontológicas».

Silva Costa enalteceu depois o papel do Conselho de Imprensa, cuja consagração constitucional considerou «um advogado, considerando-o «um profissional ético» para todas as questões relacionadas com o sector».

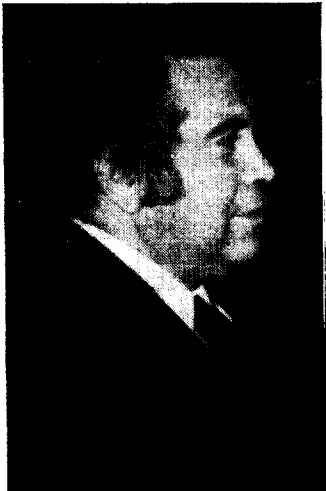
Helena Cidade Moura disse que neste momento, para além dos problemas laborais e profissionais do sector, duas grandes áreas de problemas se colocam: «a reprivatização da Imprensa estatizada e a defesa da liberdade de expressão irmanada com o direito a uma correcta informação».

Quanto ao primeiro daqueles problemas a deputada pergunta «a qual bloco capitalista daria o Governo a função de velar pela isenção e pelo pluralismo da nossa Imprensa, já que para tal se considera incapaz? Qual o grupo económico que o Governo



Conselho de Imprensa, falou a seguir sobre a importância deste órgão, que considerou pouco publicitado pela Comunicação Social.

Defendeu a constitucionalização do CI e sublinhou as dificuldades que o mesmo tem enfren-



Silva Costa, Soares Louro e Vital Moreira

quer sentar à mesa de cada redacção?»

Em relação à segunda área de problemas a oradora considera-os todos projectados na próxima revisão constitucional e aponta para «a multiplicação de grupos de controlo na sociedade civil e para a manutenção dos órgãos do poder político, aperfeiçoados e mais profissionalizados».

Ribeiro Cardoso, nosso camarada de Redacção, e membro do

tado ao longo dos seus seis anos de existência, nomeadamente para abrançar todas as competências que a lei lhe atribui.

Por outro lado, Ribeiro Cardoso chamou a atenção para «o solene desprezo do Executivo pelas decisões do Conselho de Imprensa», exemplificando com o caso da nomeação do actual director do vespertino «Diário Popular», Pacheco de Andrade, que foi considerado ilegal pelo CI por não ter o parecer favorável

do respectivo Conselho de Redacção.

Armando Pereira da Silva, chefe de redacção do matutino «O Diário», defendeu que a revisão constitucional que se avizinha «deverá reforçar os mecanismos tendentes a obrigar ao cumprimento do que a Constituição já garante» em matéria de



liberdade de informar e de ser informado.

«O direito à informação — disse — está longe de ser concretizado para a grande maioria do povo português, encontrando-nos ainda longe da concretização do que neste campo assegura a Constituição da República».

Vital Moreira

O deputado Vital Moreira,

numa intervenção escutada com particular interesse pelas dezenas de presentes, defendeu a constitucionalização das garantias antimonopolistas dos órgãos de Informação, do regime da Rádio e das garantias dos jornalistas.

José Manuel Barroso, director da ANOP, considerou por seu lado que «o problema principal é o não cumprimento dos direitos fundamentais que a Constituição garante».

Neste sentido advogou, além de outras, a consagração constitucional das questões relativas à competência dos Conselhos de Redacção e do Conselho de Imprensa, ao espelho profissional, ao direito de espaço nos órgãos da Imprensa escrita.

Deverá ainda, afirmou, ficar garantida a independência dos órgãos estatizados em relação às suas fontes de financiamento e assegurada a independência dos meios de comunicação em relação ao poder político e económico.

Entre outros profissionais da Informação, interveio também Soares Louro, da RTP, que chamou a atenção para as grandes dificuldades de distribuição informativa em Portugal. «A informação via satélite vinda do estrangeiro — disse — poderá chegar primeiro que a nacional a muitos sectores da população portuguesa».

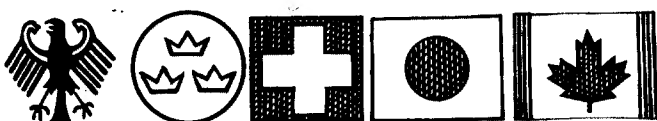
O colóquio (ontem moderado por José Carlos de Vasconcelos) prossegue hoje à tarde e à noite, com novo debate seguido de conclusões.



Horticultura heráldica nacional

Os símbolos gráficos ou plásticos que identificam os países e os Estados são muito reveladores da sua natureza. Não é meu objectivo referir-me ao conteúdo significativo desses símbolos, mas apenas, e ligeiramente, à sua forma; porque essa é, também, muito reveladora do estado de alma, do gosto, da sensibilidade e da imagem que de si mesmo fazem os povos.

Vejam-se por exemplo a águia da RFA, as três coroas dos Estados escandinavos, a cruz da Confederação Helvética, o sol nascente do Japão, a folha de plátano do Canadá, e comparem-se com o amontoado heteróclito e ridículo das armas nacionais dos Estados sul-americanos, novos africanos e das margens do Índico, e até, vamos lá, dos EUA!



Abundam as estrelas, os raios de sol, os índios, as plantas locais, bicharada poder, à indústria, alusões tonitruantes à força, ao poder, à indústria; cores esquisitas, formas bizarras, tudo lá se encontra (como nos emblemas dos clubes foleiros da terceira divisão). Quanto mais fracotes os países, maiores as farroncas.

Mas poderemos nós, portugueses, olhar de alto para o resto do Mundo, neste assunto?

Passarei sem tocar na história do acrescentamento dos castelos ao escudo nacional, em séculos recuados, (não esquecer que a parte nobre, essencial, das armas nacionais é o escudo de prata com as cinco quinas...); passarei em claro a intrigante ideia da jovem República ao sobrepor o escudo

português à esfera armilar; não julgarei se o ramo de louro simbolizando a glória e o ramo de carvalho simbolizando a força seriam assim tão necessários; e se a bela divisa retirada dos «Lusíadas» é tão importante para o conjunto.

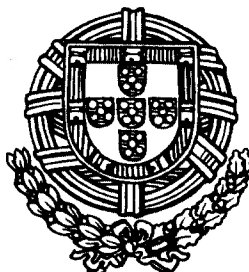
É assim que é, e é pronto. Mas não me coíbo de examinar as realizações gráficas oficiais mais correntes, isso não!

A mais usual é esta, que aparece por todo o lado, (acompanha-o a si até ao Bilhete de Identidade):



O escudo está instalado como um ninho de melro no meio de espessa ramagem de loureiro (que aliás muita gente pensa ser de oliveira em mau ano de azeitona...), e nos restos da desrama de um carvalho. Quando este emblema é muito reduzido — leitor, veja na última página deste jornal, no alto, à esquerda! — apresenta um curioso aspecto de explosão, como de uma minúscula granada de mão ofensiva a estourar.

Mas algum alto funcionário deve ter ouvido críticas a este ridículo, e tomou providências, do modo usual: substituindo-o por um ridículo maior. A vegetação está excessiva, disse ele — reduza-se pois ao mínimo! Sim, senhor director-geral (senhor secretário de Estado, senhor ministro).



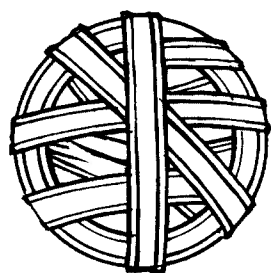
Saiu isto, que circula nos papéis timbrados oficiais, em conjunto ou alternância com o anterior:

Das ramagens passou-se à rasteira de cebolas; a horta venceu a floresta! o alho destronou o carvalho.

O ridículo acentua-se fortemente, cosmicamente e comicamente — a «esfera armilar» como sabe, leitor, representa o universo na visão antiga, geocêntrica. A Terra, rodeada pelos planetas, está no centro da esfera formada pelos meridianos e paralelos celestes, e nesta, o zodíaco apresenta os doze signos por onde o Sol aparenta passar, assim:



Mas a interpretação do escriba desenhador encarregado da transformação heráldica-hortícola foi a de fazer uma espécie de novelo de fita de nastro, ou bola de arcos de pipa ou de câmaras de ar de bicicleta; assim:



Entim! o País tem tantos problemas, há coisas tão graves a preocupar-nos, que estas coisas não parecem ser importantes.

Trata-se apenas da «imagem simbólica» do País. APENAS da imagem simbólica do País?! APENAS! Não será mesmo uma coisa importante?

J. P. Martins Barata

Conselho Nacional do CDS quinze dias antes do congresso

O Conselho Nacional do CDS vai reunir-se a 14 e 15 de Março em Lisboa, a fim de marcar a ordem dos trabalhos do IV Congresso que decorrerá 15 dias depois.

O Conselho Nacional é o órgão deliberativo do partido no intervalo dos Congressos e é composto, entre outros, pelos dirigentes nacionais e regionais e de organizações autónomas, os membros do Governo e os titulares de mandato electivo num órgão de soberania.

Entretanto, nos bastidores vão decorrendo as reuniões e os convites para os órgãos directivos a serem eleitos no próximo Congresso.

Adriano Morêira, que se poderá filiar no CDS durante os trabalhos do Congresso, poderá ascender de imediato à Comissão Directiva, acompanhado de Nuno Abecasis e Teresa Costa Macedo.

Acriação de uma Comissão Executiva poderia ser a saída para Rui Oliveira, actualmente secretário-geral do CDS, cargo em que poderia ser substituído por Ribeiro e Castro. Basílio Horta e Lucas Pires manter-se-ão como vice-presidentes, podendo Sá Machado ocupar o lugar de terceiro-vice, regressando assim aos órgãos directivos do partido.

MDP/CDE apresenta em Braga Bases do Sistema de Educação

O Sector do Ensino e Acção Cultural do MDP/CDE apresenta esta tarde em Braga, na Escola Secundária D. Maria II, o seu projecto-lei de Bases do Sistema de Educação, no decorrer de uma sessão pública orientada pelos profs. Domingos Moura (IST), Pedro Amaro (Agronomia)

e o investigador Salvado Sam-paio.

Entretanto, na sede central, na rua de Artilharia, a comissão concelhia autárquica de Lisboa do mesmo partido, leva a efeito, igualmente esta tarde, uma reunião que tem como ponto principal a revisão constitucional no tocante ao Poder Local.

Maldonado Gonelha defende-se

"A Trilateral está tão ligada ao grande capital como a Internacional Socialista"

«Não sou dirigente sindical», reconhece Gonelha. E pela razão mais simples: «Depois de se ter pertencido ao Governo, mais a mais na pasta de Trabalho, nunca mais se pode voltar».

Maldonado Gonelha respondia a Maria Helena Mensurado, jornalista da ANOP, para uma entrevista publicada no «Expresso», a propósito dos esclarecimentos que lhe foram exigidos pela FAUL por pertencer à Trilateral, organização com assento em três grandes continentes, e em que aparecem patrões

como Rockefeller, o presidente da Rolls Royce e o presidente da FIAT. Mas é outra a evidência, para o homem da José Fontana, da UGT e dos contratos a prazo. Textualmente: «A Trilateral não é uma organização que defende os interesses capitalistas». Pelo que se sente bem junto de alguém como Agnelli.

Maldonado Gonelha abre o jogo e reduzindo tudo a uma luta de interesses, que não luta de classes, explicitando porque é que não poderá ser jamais um dirigente sindical, ainda que seja um dos res-

ponsáveis pelo sindicalismo do Partido Socialista. Transcrevemos:

«Enquanto ministro do Trabalho os interesses a ter em consideração são de todos os portugueses e há que administrar um País em que os interesses das classes trabalhadoras são uns, não sendo por vezes passíveis de total satisfação, dado os interesses nacionais».

Prosseguindo nas suas declarações — muita água irá correr, porventura, sobre a filosofia política expressa por Maldonado Gonelha — afirma peremptoriamente que a Trilateral «está tão ligada ao grande capital como a Internacional Socialista».

quanto no PS há camaradas com soluções mais radicais que as minhas e, eventualmente, com soluções também mais à direita do que aquelas que eu perfilho».

Quanto à posição assumida pela FAUL não passa de «uma calúnia» (sic) e de uma tentativa de «explorar um sentimento primário de esquerda». «Só posso atribuir este ataque à luta política interna do PS e ao facto de, mais uma vez, eu ter ganho».

Gonelha defende os contratos a prazo, é ele o responsável pela sua existência. Lembremos que durante toda a campanha da FRS das questões que mais frequentemente eram postas pelo eleitorado era a lei dos contratos a prazo que Soares, caso ganhasse as eleições, prometia revogar. Nas palavras de Maldonado Gonelha, «a lei dos contratos a prazo está mal feita, permite abusos, mas não posso dizer que seja nitidamente contra os trabalhadores, porque teve uma grande vantagem. Antes dela o aumento de emprego não existia. Com ela desbloqueou-se psicologicamente o papão do contratado eternamente e aumentou o volume de oferta de emprego. Há que ser realista: quer se queira, ou não, os contratos a prazo têm de existir em Portugal».

Vitor Alves regressou: Guiné quer aprofundar relações com Portugal

As autoridades guineenses reafirmaram o seu interesse em aprofundar as relações com Portugal — revelou o tenente-coronel Vitor Alves, à sua chegada a Lisboa, após uma visita de dois dias à Guiné-Bissau, a convite do presidente Nino Vieira.

O membro do Conselho da Revolução português, que manteve contactos em Bissau com os principais dirigentes daquele país, escusou-se, por outro lado, a tecer considerações sobre a realidade actual guineense.

Salientou, porém, o «momento difícil» que o país atravessa devido às dificuldades financeiras, agravado ainda pelo «mau ano agrícola» em perspectiva.

Vitor Alves referiu ainda que não partiu de Lisboa incumbido de qualquer mensagem de Eanes acerca de Luís Cabral, e que a situação do ex-presidente foi abordada durante as conversações, tendo os dirigentes da Guiné-Bissau reafirmado a posição oficial já conhecida de o libertarem em breve.

Ser de esquerda em Portugal

Maldonado Gonelha tem muitas dúvidas sobre o que é ser de esquerda em Portugal. «O PS é um partido de esquerda. O que está por ver ainda talvez em Portugal, é saber quem é de esquerda. Se é a esquerda folclórica do discurso demagógico, com muitas palmas, se os que criam e trabalham para que as coisas se consubstanciem em organizações e instituições».

Quanto ao PS, Gonelha reflecte: «Tenho consciência de

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS
SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

DIRECÇÃO-GERAL
DAS CONSTRUÇÕES HOSPITALARES
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS
DAS CONSTRUÇÕES HOSPITALARES
DO CENTRO

CONCURSO PÚBLICO N.º 6/81-DSRCHC

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO do fornecimento e colocação ao «Centro de Saúde de Vila Nova de Poiares: equipamento médico e material diverso».

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado:

- Preço base Esc. SEM BASE
- Caução provisória 2,5% do valor da proposta

Local, dia e hora limite para entrega das propostas. As propostas serão entregues na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º, em Coimbra, até ao dia 06 de Março de 1981, pelas 15.00 horas.

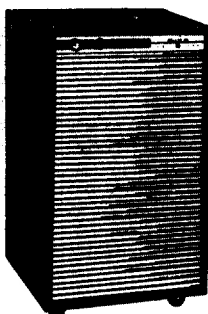
Local, dia e hora do acto público do concurso. O acto público do concurso realiza-se na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º, em Coimbra, no dia 06 de Março de 1981, pelas 15.00 horas.

Local e horário para exame do processo. O processo de concurso poderá ser examinado na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º, em Coimbra, e na Direcção-Geral das Construções Hospitalares, sita na Avenida António Augusto Aguiar n.º 19-r/c, em Lisboa, de segunda a sexta-feira, durante as horas normais de expediente.

Local de aquisição do processo. O processo de concurso poderá ser adquirido na «Papeliaria Marciano» sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 165, telefone 23760, em Coimbra, mediante o respectivo pagamento.

COIMBRA, 11 DE FEVEREIRO DE 1981

O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS,
Francisco Fernando Moutinho dos Santos



DESUMIDIFICADOR

GENERAL ELECTRIC

M. L. FERREIRA

RUA D. ESTEFANIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B
1000 LISBOA



Sindicato dos Trabalhadores
da Câmara Municipal de Lisboa

Campo Grande, 29 — Telef. 77 34 48

PRÉ-AVISO DE GREVE

Nos termos dos art.ºs 2 e 5 da Lei 65/77 de 26 de Agosto, o Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa comunica a V.ª Ex.ª que, no próximo dia 24 de Fevereiro de 1981, entre as zero e as 24 horas, terá lugar uma greve em todos os Serviços da Direcção dos Serviços de Salubridade e Transportes da Câmara Municipal de Lisboa, exceptuando apenas os Serviços de Cemitérios, como forma de luta pelos seguintes objectivos:

1 — Contra a Criação de uma Empresa Municipal de Resíduos Sólidos, porque:

a) Tal implicará a insegurança e instabilidade no emprego para todos os trabalhadores;

b) A criação de Taxas subjacente à criação da referida empresa irá sobrecarregar a população lisboeta cujas condições de vida já são tão precárias.

2 — Contra a criação de Serviços Municipalizados que não passam de um primeiro degrau para se chegar à Empresa Pública;

3 — Contra as medidas, preliminares que já estão a ser adoptadas, nomeadamente:

a) Despacho 14/p/81 «Austeridade e moralização da actividade municipal», porque este Despacho visa unicamente baixar a renumeração dos trabalhadores, mantendo-lhes o mesmo ritmo e condições de trabalho.

b) Despacho 19/p/81 «Estrutura de gestão de Resíduos Sólidos coordenada ao nível da D.L.T.», porque é ilegal, discriminatório e organiza o primeiro embrião da futura Empresa Pública.

Lisboa, 12 de Fevereiro de 1981

Pe'l A DIRECÇÃO

Via Venexa

SAPATOS — MALAS
ALTA QUALIDADE

Restos de colecção
Baixa de preços

CENTRO COMERCIAL DE BENFICA
Est. de Benfica, 739 - Loja 5-F 1500 LISBOA

MOAGEM DE RAMAS C/RAÇÕES

VENDE-SE FÁBRICA, C/ (CASAS DE MÓIS FRANCE-SAS) lavadora, desmontadora, aparelho de limpeza completo c/ bandeja rectangular; aspiração de farinha c/ ciclone e colector de mangas; motor DEUTZ-diesel, de 45 H.P. Grandes armazens e terreno anexo.

PRÉDIO STAND EM BEJA

Vende-se bem localizado, com duas frentes em vidro, com uma área de cerca de 260 metros quadrados, construção recentemente acabada, com escritórios e sanitários. Devoluto e pronto a ocupar.

PADARIA BEM LOCALIZADA

Vende-se, completamente equipada, com dois fornos diesel e eléctricos, com 16 metros quadrados cada, estancadores em inox, amassadeira mecânica eléctrica, para 200 quilos. 2 divisores manuais, carros transportadores, e expositores, armazém para farinhas, e central eléctrica de emergência, com motor diesel. Furgon de distribuição de grandes dimensões.

INFORMA-SE NA REDACÇÃO

PALMA & PALMA, LIMITADA
Av. Alonso Gomes, n.ºs 2/4 e 6
7800 — Cabeça Gorda

Melo Egídio e Oliveira Rodrigues: uma dupla no EMGFA até 1984

O actual vice-CEMGFA, general Altino de Magalhães, manter-se-á no seu cargo pelo menos até Abril — garantiu à ANOP uma fonte militar oficiosa, que assegurou ainda ser Melo Egídio o único nome para CEMGFA, a propor segunda-feira por Eanes ao Conselho da Revolução.

No começo de Abril, o general Oliveira Rodrigues, comandante da Região Militar de Lisboa, deverá ser convidado para substituir Altino de Magalhães, indigitado para a presidência do Supremo Tribunal Militar. Oliveira Rodrigues passará à reserva no dia 28 de Abril se não for, entretanto, nomeado vice-CEMGFA (cargo também de quatro estrelas).

Ainda no âmbito das nomeações militares, a mesma fonte considera que o novo comandante da RML será o brigadeiro Aurélio Trindade, actual chefe de gabinete do CEMGFA, general Eanes.

Da «brigada do reumático» a Melo Egídio

O general Melo Egídio será o terceiro militar a ocupar as funções de CEMGFA desde a revolução de 25 de Abril de 1974.

O lugar de chefe de Estado-Maior - General das Forças Armadas foi criado em 18 de Julho de 1960 por despacho conjunto do presidente do Conselho de Ministros e do ministro da Defesa.

Cumulativamente o chefe do EMGFA desempenhava as funções de chefe do secretariado-geral de Defesa Nacional, que era um órgão de estudo e coordenação das actividades do Ministro da Defesa.

O chefe do EMGFA era então um conselheiro técnico do ministro da Defesa Nacional que superintendia na execução das suas decisões junto dos três ramos das Forças Armadas.

Na prática, o chefe do EMGFA transmitia para as Forças Armadas as ordens recebidas do ministro da Defesa.

Em 1973, o Poder criou o cargo de vice-chefe do EMGFA especialmente para o general António de Spínola, que era então um oficial considerado inconveniente.

Depois do 25 de Abril, um despacho da Junta de Salvação Nacional, datado de 29 do mesmo mês, nomeia Francisco Costa Gomes como chefe do EMGFA ainda com funções de adjunto do ministro da Defesa.

A estrutura actual do Estado-Maior - General das Forças Armadas foi criada a 29 de Agosto de 1974 na dependência directa do Presidente da República, ficando assim desligada das estruturas governamentais.

Ao EMGFA passa então a competir a direcção efectiva das Forças Armadas, funcionando como órgão de apoio

ao chefe do EMGFA.

Os generais Manuel Gomes de Araújo e Venâncio Deslandes foram dois dos oficiais que preencheram aquelas funções antes de Costa Gomes ter sido nomeado a 5 de Setembro de 1972.

Costa Gomes foi exonerado a 14 de Março de 1974 por Marcelo Caetano e Silva Cunha (então ministro da Defesa) por se ter negado a acompanhar os generais portugueses numa cerimónia de cumprimentos ao presidente do Conselho, cerimónia que passou a ser conhecida pelo «beija-mão da brigada do reumático».

A cerimónia realizou-se como manifestação de apoio à política colonial do Governo português, na sequência da publicação do livro «Portugal e o Futuro» do general Spínola.

A exoneração a 14 de Março de 1974 de Costa Gomes e de Spínola (era

vice-chefe do EMGFA) provocou dois dias mais tarde a «saída prematura» do Regimento de Infantaria das Caldas, prelúdio do 25 de Abril.

Marcelo Caetano e Silva Cunha nomearam a 22 de Março de 1974 o general Joaquim da Luz Cunha (que tinha sido ministro do Exército no início da guerra colonial em 1962), até que a «Revolução dos Cravos» reabilitou Costa Gomes.

Francisco da Costa Gomes foi exonerado a 14 de Julho de 1976 por ter atingido o limite de idade, passando à reserva, sendo substituído pelo general Ramalho Esnes, que era então chefe do Estado-Maior do Exército e vencedor do «25 de Novembro».

Nos termos legais, o chefe do Estado-Maior - General das Forças Armadas é nomeado pelo Presidente da República depois de ouvido o Conselho da Revolução.

Médicos do Sul apoiam enfermeiros

O Sindicato dos Médicos da Região Sul emitiu um comunicado em que manifesta o seu apoio à tomada de posição das equipas de enfermagem do Banco do Hospital de S. José, no passado dia 19 de Janeiro, sublinhando que esses acontecimentos «vêm de novo chamar a atenção para os graves problemas dos Serviços de Urgência».

O documento, que refere a «situação de rotura» latente há muito nos Serviços de Urgência, afirma que «todas as medidas pontuais que sejam tomadas pelos órgãos hospitalares não terão o efeito desejado se não forem acompanhadas de medidas mais gerais inseridas na resolução dos problemas da saúde a nível nacional».

«Só melhorando as condições de assistência a todos os níveis (...) se pode vir a melhorar a situação dos Serviços de Urgência e hospitais centrais», refere, noutro ponto o comunicado, que em seguida sublinha:

«Há uma Lei de Bases do SNS, aprovada na AR, para se cumprir, e os últimos Governos o que têm feito? Boicotar a Lei de Bases do SNS; aumentar as taxas dos SMS e a participação dos utentes nas análises e exames radiológicos; colocar os SAP (C permanentes dos SMS) na responsabilidade directa dos Serviços de Urgência, agravando a sobrecarga destes.»

Mário Soares em Madrid

“Sou eu próprio que ponho em causa a minha liderança no Partido”

«Sou eu próprio que ponho em causa a minha liderança no partido, o que me parece ser uma posição de pureza democrática», disse Mário Soares em Madrid onde se encontra desde ontem para conversações com Felipe Gonzalez, no âmbito de uma viagem de oito dias em que terá ainda encontros com François Mitterrand e Willy Brandt.

Mário Soares demonstrava assim a sua decisão de só aceitar continuar como secretário-geral se a sua moção obtivesse uma clara maioria no congresso. «Caso contrário, serei militante mas não dirigente». «Isso significa» — explicou — «que me coloco numa posição semelhante à de Felipe Gonzalez no último congresso do PSOE».

Quanto à sua deslocação europeia, revelou que estava programada há muito tempo e que tinha em vista a análise da situação decorrente da demissão de Adolfo Suárez em Espanha, das eleições presidenciais em França e das dificuldades internas do SPD da Alemanha. Negou portanto que a sua viagem tivesse como objectivo procurar apoios para as suas posições no interior do PS. «Não preciso disso, além de que sou vice-presidente da Internacional Socialista e a minha situação no plano internacional não tem dúvidas».

Considerou normais as relações com o Presidente da República, fazendo questão em afirmar que o que acontecera entre si e o general Eanes era um «facto passado».

Regressando à situação que se vive no PS, reconheceu que o seu partido passa por uma situação difícil nomeadamente quanto a divergências em relação à orientação geral a seguir e alguns problemas quanto à organização interna.

Reafirmou o seu propósito de apresentar uma moção de orientação política e um projecto de revisão estatutária que será divulgada através dos canais normais do partido e dentro do prazo estabelecido.

Recusou-se a comentar a moção do secretariado, sob o pretexto de que «ainda não se perfilaram perfeitamente as divergências». «Além do mais, tudo o que conheci da moção são

referências de segunda mão feitas pelos jornais», acrescentou Soares, numa alusão ao facto de a moção não ter sido ainda publicada nos jornais do partido.

Quanto ao facto de subscrever

rem a moção do secretariado nomes como o de Miller Guerra e Henrique de Barros, concedeu que é um «direito democrático que lhes assiste como militantes».

Em carta a Balsemão

Gaston Thorn confirma encontros com Álvaro Barreto e Gonçalves Pereira

Fonte governamental, citada pela ANOP, afirma que Pinto Balsemão recebeu uma carta de Gaston Thorn, presidente da comissão europeia (órgão executivo da CEE), na qual este afirma «não ver necessidade de alterar o calendário das negociações para a adesão de Portugal».

Segundo a mesma fonte, Thorn dirá na sua carta ao Primeiro-Ministro

português para não dar crédito a «insinuações maldosas» reveladas na imprensa e confirma uma próxima visita sua a Portugal, provavelmente em Março.

Gaston Thorn reafirma a disposição de receber os ministros portugueses para a Integração Europeia e dos Negócios Estrangeiros, respectivamente Álvaro Barreto e André

Gonçalves Pereira.

Este encontro deverá ser a 3 de Abril, no Luxemburgo, em vez de Bruxelas, como anteriormente estava previsto em virtude da agenda de Gaston Thorn.

Nesta altura o ministro Álvaro Barreto deverá avistar-se com Lorenzo Natali, vice-presidente da comissão europeia.



ARMAZÉNS DO CHIADO
Apresentam

A ESPECTACULAR LIQUIDAÇÃO DE TODA A EXISTÊNCIA

um espectáculo de rara qualidade onde só os preços são baixos

ARMAZÉNS DO CHIADO
a tradição renovada

PUBLIARTE

de ontem para hoje

Nova batida aos javalis

Caçadores do concelho de Idanha-a-Nova vão participar, na próxima semana, em mais uma das contestadas batidas aos lobos, raposas e javalis, soube-se ontem em Castelo Branco. As batidas decorrerão nas zonas do Rosmaninhal e da serra da Murracha, onde a falta de culturas agrícolas tem feito reaparecer animais «selvagens» em grande número.

Aconteceu em Viseu: consulta marcada para depois de finado

Sete meses depois de um habitante de Viseu ter morrido, chegou à sua residência um postal do hospital local marcando-lhe uma consulta médica «caso ainda estivesse interessado». João Correia dos Santos, que residia na Quinta da Malta (Santarinho, Viseu), solicitara havia nove meses a marcação de uma consulta externa naquele estabelecimento. Como o seu estado de saúde se agravasse, o doente consultou entretanto um médico particular. Observado e internado no Hospital de Viseu, foi posteriormente transferido para os Hospitais da Universidade de Coimbra, onde veio a falecer após submetido a uma intervenção cirúrgica. O postal chegou ontem ao destinatário, precisamente quando se completavam sete meses sobre a sua morte.

Quinta das Lágrimas: grupo arqueológico de Coimbra protesta

O Grupo de Arqueologia de Arte do Centro (GAAC) protestou contra o possível aproveitamento da Quinta das Lágrimas, em Coimbra, para um complexo turístico. Em comunicado, o GAAC considera que «a instalação de uma unidade hoteleira num local de grandes tradições históricas e culturais constitui uma perda patrimonial irreparável». Foi na Quinta das Lágrimas que D. Inês de Castro foi assassinada quando aguardava o rei D. Pedro junto à Ponte dos Amores. Visitada anualmente por milhares de pessoas, a Quinta é propriedade de particulares.

Lota de Sines: descarregadas 700 mil toneladas de pescado

A Lota de Sines descarregou, em 1980, setecentas mil toneladas de pescado, equivalentes a duzentos e cinquenta mil contos segundo revela o último número do jornal «O Distrito de Setúbal». Com meio milhão de barcos de pesca registados, os mil e seiscentos pescadores daquela zona desembarcaram o pescado não só em Sines — peixe grosso e sardinha — mas também em Lisboa e Setúbal — pesca de longa linha. Actualmente, na Lota de Sines as descargas de pescado são realizadas por duas dezenas de homens.

Museu ferroviário em Bragança: locomotiva a carvão e carruagem

Uma locomotiva a carvão e uma carruagem do princípio

do século do primeiro comboio que fez o trajecto Tua-Bragança vão ser expostas, soube-se ontem naquela cidade. As peças e outras de interesse museológico vão pertencer a um museu a inaugurar na estação de caminhos-de-ferro de Bragança. O caminho-de-ferro do Nordeste é considerado o «museu circulante» de material ferroviário mais antigo do País.

Carreira de tiro de Espinho: soldado Queirós não sobreviveu

No Hospital de Santo António, no Porto, morreu o soldado Júlio Francisco Queirós da Silva, de 21 anos, que na carreira de tiro de Espinho, conforme ontem noticiámos, fora acidentalmente atingido com um tiro, disparado por um colega.

Fenómenos insólitos: palestra em Rio Tinto

O Centro de Estudos Astro-nómicos e de Fenómenos Insólitos (CEAFI) realizou ontem em Rio Tinto, nos arredores do Porto, uma palestra sobre «O fenómeno OVNI». A palestra, orientada por Joaquim Fernandes, foi ilustrada com diapositivos.

Jardim Botânico: incêndio numa pilha de lenha

Um incêndio numa pilha de lenha colocou ontem em perigo as diferentes espécies de plantas existentes no Jardim Botânico de Coimbra. O sub-chefe dos Bombeiros Municipais daquela cidade, Agostinho Quaresma, afirmou que «durante a operação de extinção do fogo foram detectados vestígios de objectos queimados anteriormente» na área próxima do jardim.

Ano Internacional: deficientes em S. Bento agradecem a deputados

Um grupo de dirigentes da Associação Portuguesa de Deficientes (APD) vai na próxima terça-feira à Assembleia da República agradecer o interesse dos deputados sobre o Ano Internacional do Deficiente. Paralelamente e segundo foi ontem anunciado, a delegação procurará sensibilizar os deputados para «os seus reais problemas», nomeadamente através da venda do jornal «Associação».

Julgamento do Caso Delgado

Promotor “sem convicção” dá golpe em Santa Clara

Golpe de teatro ontem à tarde em Santa Clara: após ocupar oito sessões, cerca de trinta horas, a repetir praticamente tudo o que já tinha sido dito nas 150 audiências anteriores, o promotor de Justiça do 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), Dias Morgado, acabou por não avançar nenhum veredicto, lavando as suas mãos, remetendo para os três juizes a responsabilidade de julgar e sugerindo ao Tribunal «a condenação por convicção». Lamentando não poder apresentar ao Tribunal «uma solução», Dias Morgado terminou a sua intervenção afirmando estar convencido de que se fará justiça «como é timbre» naquele Tribunal. Se a justiça for semelhante à que atingiu os réus do «Caso Ralis» e do capitão Andrade da Silva, por exemplo, estamos conversados. Mas demonstrando a sua comprovada predisposição para apresentar «quadros», Dias Morgado deixou aos juizes do 2.º

TMT duas hipóteses, a partir das quais poderão elaborar o seu acórdão. Assim, e no caso de optarem pelo «quadro um» (assassinio de Delgado e Araújo em Espanha) os «pides» Barbieri Cardoso e Rosa Casaco foram autores morais ou cúmplices das mortes, Pereira de Carvalho apenas cúmplice. Ernesto Lopes Ramos autor da morte de Araújo Campos ou cúmplice, em ambas as mortes, Agostinho Tienza autor material da morte de Araújo, tendo, de qualquer maneira auxiliado e facilitado as duas mortes, e Casimiro Monteiro, o «mau da fita», autor material de ambas as mortes ou apenas de uma delas. Quanto a Silva Pais, outro dos réus no processo, nem sequer uma palavra. Será que a morte recente o ilibou de todas as responsabilidades? Depois das honras militares que lhe foram prestadas tudo será de esperar.

Quanto ao «quadro dois» (ou

seja no caso de duplo assassinio ter sido praticado em Portugal e depois encenado para dar a ideia de que tinha sido praticado em Espanha) Dias Morgado concluiu pela impossibilidade de localizar os seus autores. Bonito!

Finalmente, e em relação a outros crimes secundários constantes no processo, o promotor (falsificações de documentos e sonegação de cadáveres, o promotor Morgado sintetizaria tudo numa «menemónica», que poderemos reunir numa única expressão: o que está provado está prescrito e o que não está prescrito não está provado. Simples não é? Por exemplo para Dias Morgado a coisa mais natural deste mundo foi um funcionário de cartório ter confundido o nome de Rosa Casaco impresso num documento pelo de António Ramos Cardoso.

Se todos os funcionários reconhecessem assim as assinaturas estávamos governados.

Um cavaleiro da Idade Média

Como ontem passavam de zasseis anos sobre a data (possível) da morte de Delgado, Dias Morgado pronunciou algumas palavras a propósito do general, considerando a sua ida a Bodojuz como um «gesto de cavaleiro errante da Idade Média» e manifestando «o seu preito de grande admiração por um gesto de tamanha nobreza».

O julgamento prossegue no próximo dia 25 com o início das alegações de José Luís Nunes (representante da acusação particular).

A interrupção durante duas sessões fica a dever-se à ida de José Luís Nunes a uma reunião da NATO em Bruxelas, a quem o juiz-auditor Rui Gonçalves Pereira desejou «muitas felicidades e boa viagem».

Manuel Geraldo

A partir de amanhã

S. Luiz inicia espectáculos com tema na Mulher e na Música

A Mulher e a Música são os temas de uma série de 18 espectáculos com características inéditas entre nós, a iniciar amanhã, às 11 horas, no Teatro Municipal de São Luiz.

Este projecto do maestro José Atalaya, figura bem conhecida pelas suas actuações em concertos para jovens, conta quinzenalmente com a colaboração da actriz Graça Lobo. Trata-se de uma experiência que visa conjugar os elementos próprios de um espectáculo de divulgação musical com um novo olhar

capaz de nos colocar perante a presença de personagens que foram protagonistas marcantes da vida cultural do século XIX.

Dois ciclos diferentes e complementares integram estes espectáculos: «A Mulher e a Música» e «A Música e os Músicos». No seu conjunto pretendem dar uma visão diversificada do ambiente em que se moveram algumas figuras cimeiras do Romantismo oitocentista. Quatro grandes compositores, Chopin, Schumann, Wagner e Liszt, e três excepcionais mulheres,

George Sand, Clara Schumann e Cosima Wagner.

O encenador Carlos Quevedo é o responsável pela direcção teatral, assegurando a integração dos diferentes elementos num espectáculo de características que conciliem o didáctico com o prazer da Música, suas histórias e seus personagens.

«A Música e os Músicos» revelam-nos, num conjunto de nove sessões, comentadas por José Atalaya, aspectos da vida e da obra dos compositores acima referidos, com a participação de

pianistas e outros intérpretes cujos nomes serão conhecidos oportunamente.

Estas sessões, intercaladas com «A Mulher e a Música» — e igualmente apresentadas ao domingo de manhã — incluirão ainda, projecções de diapositivos e gravações de grande interesse histórico, de forma a ambientar cada compositor na sua época, aprofundar um pouco o conhecimento da sua música, a abrir a eventual troca de impressões sobre problemas de interpretação.

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

DIRECÇÃO-GERAL DAS CONSTRUÇÕES HOSPITALARES DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DAS CONSTRUÇÕES HOSPITALARES DO CENTRO

CONCURSO PÚBLICO N.º 4-/81-DSRCHC

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DO FORNECIMENTO E COLOCAÇÃO AO «CENTRO DE SAÚDE DE MIRANDA DO CORVO: EQUIPAMENTO MÉDICO E MATERIAL DIVERSO»

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado:

— Preço base Esc. SEM BASE
— Caução provisória 2,5% do valor da proposta
Local, dia e hora limite para entrega das propostas

As propostas serão entregues na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão Magalhães n.º 222-3.º, em Coimbra, até ao dia 4 de Março de 1981 pelas 15,00 horas.

Local, dia e hora do acto público do concurso

O acto público do concurso realiza-se na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º, em Coimbra, no dia 4 de Março de 1981, pelas 15,00 horas.

Local e horário para exame do processo

O processo de concurso poderá ser examinado na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º em Coimbra e na Direcção-Geral das Construções Hospitalares, sita na Avenida António Augusto Aguiar n.º 19-t/c, em Lisboa, de segunda a sexta-feira, durante as horas normais de expediente.

Local de aquisição do processo

O processo de concurso poderá ser adquirido na «Papeleria Marciano» sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 165, telefone 23760, em Coimbra, mediante o respectivo pagamento. Coimbra, 11 de Fevereiro de 1981

O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS,
Francisco Fernando Moutinho dos Santos

MINISTÉRIO DA HABITAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS SECRETARIA DE ESTADO DAS OBRAS PÚBLICAS

DIRECÇÃO-GERAL DAS CONSTRUÇÕES HOSPITALARES DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS REGIONAIS DAS CONSTRUÇÕES HOSPITALARES DO CENTRO

CONCURSO PÚBLICO N.º 5/81-DSRCHC

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DO FORNECIMENTO E COLOCAÇÃO AO «CENTRO DE SAÚDE DE NELAS: EQUIPAMENTO MÉDICO E MA- TERIAL DIVERSO»

Faz-se público que se encontra aberto o concurso acima designado:

— Preço base Esc. SEM BASE
— Caução provisória 2,5% do valor da proposta
Local, dia e hora limite para entrega das propostas

As propostas serão entregues na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º, em Coimbra, até ao dia 5 de Março de 1981, pelas 15,00 horas.

Local, dia e hora do acto público do concurso

O acto público do concurso realiza-se na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º, em Coimbra, no dia 5 de Março de 1981, pelas 15,00 horas.

Local e horário para exame do processo

O processo de concurso poderá ser examinado na sede da Direcção dos Serviços Regionais das Construções Hospitalares do Centro, sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 222-3.º em Coimbra e na Direcção-Geral das Construções Hospitalares, sita na Avenida António Augusto Aguiar n.º 19-t/c, em Lisboa, de segunda a sexta-feira, durante as horas normais de expediente.

Local de aquisição do processo

O processo de concurso poderá ser adquirido na «Papeleria Marciano», sita na Avenida Fernão de Magalhães n.º 165, telefone 23760, em Coimbra, mediante o respectivo pagamento. Coimbra, 11 de Fevereiro de 1981

O ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS,
Francisco Fernando Moutinho dos Santos

DR. WALTER ALEXANDER-KATZ

DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas das 15-19 sem marcação prévia

Rua da Vitória, 38-1.º Tel. 327665-321462

Como ocorreu a tragédia no Aeroporto de St.^a Catarina

Quinze segundos até à morte

Vou tentar agora mais uma aproximação e se não conseguirmos entrar desta vez vamos para Las Palmas — disse o piloto do TP425, minutos antes da maior tragédia da aviação comercial portuguesa. Eram 21 horas e 40 minutos de 19 de Novembro de 1977 e o comandante João da Costa estava a fazer a terceira tentativa para aterrar no aeroporto do Funchal.

Calam aguaceiros fortes que reduziavam a visibilidade e alagavam a pista. João da Costa, que na altura tinha mais de 13 horas consecutivas de serviço, fazia a sua primeira aterragem nocturna no Funchal como comandante de um B-727 modelo 200. Sobre os seus ombros pesava a responsabilidade das 164 vidas que levava a bordo.

Da torre de controlo disseram ao piloto que se esperasse um pouco mais até o aguaceiro passar talvez conseguisse aterrar e ele respondeu: **Não consigo, só tenho combustível para mais uma aproximação.**

Esta gravação feita nos minutos finais antes da aterragem fatal, que culminou com a destruição do avião e a morte de 131 pessoas, consta dos anexos ao relatório oficial sobre o acidente, a que a ANOP teve acesso.

Quatro minutos antes do avião tocar na pista o piloto ainda não a via e perguntava à torre se as luzes estavam no máximo. **Afirmativo** — respondeu-lhe do aeroporto de Santa Catarina.

O avião continua a perder altitude e a aproximar-se. Já furou o teto de nuvens carregadas de chuva que se acumulam a 450 metros de altitude e o piloto anuncia: **Estou a ver a luz da gare. A pista não estou a ver.**

A torre avista as luzes do avião às 21 e 45, informa que o vento está calmo na pista e pergunta ao piloto se vai tentar a aterragem. O comandante Costa responde: **OK, estou na final, vou aterrar.** A torre diz: **OK, está calmo. Autorizado a aterrar.**

Às 21 horas, 48 minutos e 20 segundos o Boeing «Sacadura Cabral», a uma velocidade de 274 quilómetros por hora, poisa suavemente na pista molhada, a 628 metros da cabeceira. Restam-lhe 912 metros de pista e apenas 15 segundos, antes de sair a uma velocidade de 144 quilómetros à hora pela outra extremidade da pista. Depois é a queda de uma altura de 40 metros sobre as pedras, a explosão e a morte.

Os registos gravados pelas caixas pretas de bordo permitem reconstituir esses 15 segundos, desdobrando-os como um filme de horror passado em câmara lenta.

A reconstituição feita a partir de duas gravações permitiu à Comissão de Inquérito concluir que o avião tocou na pista 300 metros à frente do ponto ideal de aterragem e a uma velocidade superior em 35 km/hora à velocidade recomendada para este tipo de avião. Além disso, o avião não vinha no enfiamento da linha central da pista, tendo entrado ligeiramente à esquerda dessa linha e fazendo com ela um ângulo de dois graus para a direita. Assim, logo após o contacto com a pista e quase em simultâneo, o piloto efectuou «um movimento de grande amplitude do leme de direcção para a esquerda, tendo a aeronave descrito sobre a pista uma trajetória em derrapagem». Essa derrapagem, agravada pela existência de condições de hidroplanagem, levou o Boeing a descrever uma trajetória curva sobre a faixa direita da pista. A curva atingiu o afastamento máximo de onze metros em relação à linha central, antes de cruzar novamente esta linha, da direita para a esquerda, num

ângulo de três graus.

A aeronave acabaria por sair pelo topo da pista num ponto a 4 metros à esquerda da linha central, a uma velocidade de 144 km/hora apesar de todos os esforços do piloto para deter a corrida para a morte.

Nos últimos segundos da gravação ouve-se o co-piloto exclamar: **Para a barreira, para a barreira** e depois um grito não identificado. Apercebendo-se da queda iminente, o co-piloto teria tentado que o comandante levasse o avião contra a encosta situada à direita da pista.

O relatório feito pela Comissão de Inquérito, concluído há mais de um ano e homologado pelo ministro da tutela a 20 de Junho de 1980, mas só agora divulgado, assinala várias anomalias encontradas durante a in-

Quatro anos depois são divulgados todos os pormenores do desastre aéreo que vitimou 131 pessoas

longo percurso em voo planado sobre a pista antes do trem pousar e, finalmente, a correcção direccionada brusca feita após o toque na pista.

A Comissão, a terminar o seu relatório, recomenda a instalação de um sistema mais adequado de radioajudas para aproximação e aterragem no

aeroporto de Santa Catarina e a obrigatoriedade de todos os aviões que ali desçam respeitarem rigorosamente os mínimos de aproximação e aterragem exigidos para aquele aeroporto.

Também se recomenda o aperfeiçoamento das instalações de observação meteorológica, o lançamento mais frequente de balões-sonda e a inclusão nos comunicados meteorológicos de indicações precisas sobre a direcção e intensidade do vento e suas variações.

O relatório menciona o facto do comandante João Costa ter realizado 13 horas e 13 minutos de trabalho até ao momento do acidente mas não retira daí quaisquer conclusões.

No entanto, na altura do desastre, o Sindicato dos Pilotos (SPAC) emitiu um comunicado em que recordava a sua luta por um regime adequado de duração do trabalho, sublinhando que a tripulação do «Sacadura Cabral» tinha mais de treze horas consecutivas de trabalho.

Há que lamentar profundamente — dizia o Sindicato dos Pilotos — que fosse necessária uma catástrofe para que se tomasse consciência generalizada das condições em que os tripulantes da TAP exercem a sua profissão.

De facto, no contrato de trabalho que o SPAC assinou com a TAP em 1978, os limites máximos de duração do trabalho foram reduzidos, apesar da legis-

ção com o Boeing-727 modelo 200, que leva mais passageiros e portanto mais peso do que o modelo 100 actualmente em uso, modificou as carreiras de modo a que as tripulações aterrem ali mais frescas. As tripulações saem na maior parte dos casos directamente de Lisboa ou, na pior das hipóteses, vão de Lisboa a Londres e dali para o Funchal.

O piloto do malogrado «Sacadura Cabral» tinha feito a viagem Lisboa-Bruxelas e Bruxelas-Lisboa antes de largar novamente de Lisboa para o Funchal. Desde que fora largado como comandante do Boeing-727, João Costa tinha executado um total de 60 aterragens.

Antes do acidente efectuara uma aterragem de instrução no Funchal, a 2 de Novembro de

1977, de dia, com o avião vazio e acompanhado por um instrutor. A partir daí foi considerado apto para descer naquele aeroporto, o que viria a fazer pela primeira vez de noite, cansado e nas piores condições de visibilidade.

João Costa foi uma das 131 pessoas que perderam a vida no desastre.

Nunca se saberá o que o levou a fazer a terceira tentativa de aterragem em vez de ter procurado Las Palmas ou Porto Santo, mas alguns colegas admitem que factores psicológicos poderão ter influenciado a sua decisão. Tratava-se da sua primeira descida como comandante daquele tipo de avião num aeroporto considerado difícil. O seu brio profissional poderá tê-lo levado a não querer desistir facilmente. Um comandante mais experimentado, sem recear ver o seu brio profissional posto em dúvida, poderia ter adoptado a solução mais prudente: desistir de aterrar.

Actualmente os pilotos da TAP tem instruções verbais para não forçarem as aterragens no Funchal, regressando a Lisboa ou procurando outra alternativa sempre que as condições atmosféricas o aconselharem.

O acidente veio igualmente chamar a atenção para a necessidade urgente de melhorar as condições de segurança da pista e o seu comprimento.

O actual comprimento de 1600 metros é considerado suficiente pelo fabricante do B-727 mas a Associação dos Pilotos Norte-Americanos considera que o limite mínimo de segurança para este tipo de avião é de 2000 metros.

Para já, está previsto o prolongamento da pista em mais 250 metros e logo após o acidente foram feitas obras de beneficiação do pavimento, para aumentar a sua aderência e permitir o normal escoamento lateral da água da chuva.

O sistema de iluminação também foi melhorado, mas continua a não existir um sistema de aterragem por instrumentos, que permita a aterragem sem visibilidade.

José Andrade Santos
ANOP/«DL»



Negociações de pescas recomeçam na segunda-feira

Guerra por 200 barcos opõe Portugal à Espanha

Uma diferença de 205 barcos entre as pretensões espanholas para pescar nas águas territoriais e na Zona Económica Exclusiva portuguesa e as licenças que Portugal está disposto a pulsar, no ano corrente, é o fulcro do desacordo existente entre os dois países e que já conduziu ao malogro das negociações travadas em Lisboa, no mês de Janeiro a nível de directores-gerais.

As negociações vão ser retomadas já na segunda-feira, por proposta espanhola, após um período de contactos entre cientistas no âmbito da Comissão Permanente de Investigação. Mas para além da diferença quanto ao número de embarcações a licenciar, está em causa a cota de marisco, na pesca total efectuada nas águas do Algarve, e que as autoridades portuguesas alargaram para 60 por cento, por acordo verbal, consumado em Setembro, que contradição o acordo escrito e aprovado há uns dois anos.

Esta cota é vivamente contestada pelos pescadores e armadores algarvios ao ponto de o Sindicato dos Pescadores do Distrito de Faro o ter qualificado, na altura, como «vergonhoso».

Em véspera das negociações, o «Diário de Lisboa» esteve no Algarve e do que viu e ouviu resulta uma clara exigência dirigida à Secretaria de Estado das Pescas para não ceder, uma vez mais, nas negociações com a Espanha, sob pena de provocar o desprego no sector e «secar», a curto prazo, uma fonte de riqueza imprescindível ao nosso País.

Segundo nos disse a administração de uma empresa de pesca de crustáceos, aceitar as pretensões espanholas é fazer pagar aos pescadores e armadores portugueses os custos do exagerado dimensionamento da frota espanhola e as consequências de os seus barcos estarem a ser rechaçados das águas da CEE (principalmente da França) e de Marrocos onde até aqui se têm comportado com uma agressividade só comparável à que utilizam na devassa das águas portuguesas.

O acordo para 1980 previu a concessão de 470 licenças a barcos espanhóis e a reciprocidade de autorização para 345 barcos portugueses. Centra-se aqui o argumento utilizado pela delegação espanhola de apenas exigir tratamento igual e recíproco entre os dois países. Simplesmente, a prática confirma que existe um abismo entre as pescas realmente efectuadas durante o ano num e noutro lado da fronteira. Enquanto a Portugal foram de facto passadas 240 licenças, e mesmo essas não utilizadas por inteiro (por exemplo: a empresa de pesca de crustáceos recebeu sete licenças e só um barco tem pescado no Sul de Espanha), estiveram em águas portuguesas a pescar, com a cobertura legal do acordo, nada menos de 437 barcos do país vizinho. A frota portuguesa não tem capacidade para aproveitar esta «generosidade» espanhola. E eles sabem-no.

Se olharmos o problema por outro ângulo, chegamos à



mesma conclusão. Sobre a 30 900 toneladas de arcação bruta a frota espanhola que se passou em águas portuguesas enquanto os carcos portugueses que cruzaram a fronteira marítima apenas somaram 21 mil TAB.

Só no Algarve foram licenciados pedidos para 42 arrastões da ZEE e oito no mar territorial. O objectivo que traz estes barcos ao Algarve é o marisco; lagosta, lagostim, amêijoas, conchilha e canivetes. Ora a frota portuguesa total de arrastões para a pesca de crustáceos é apenas de sete unidades!

Já foi alterada a legislação que restringia este número, alargando-o para 15. Mas, mesmo assim, o confronto travado em águas portuguesas, sublinhe-se, é manifestamente desfavorável aos pescadores e armadores lusos.

A cota dos 60 por cento para o marisco

É verdade que a legislação escrita apenas autoriza os espanhóis a capturar 20 por cento de marisco no volume total de pescado, cota essa elevada para 60 por cento pelo já referido acordo verbal, não publicado no local próprio, que é o «Diário da República». Mas as autoridades marítimas e os próprios sindicatos e armadores ouvidos pelo «Diário de Lisboa» são unânimes em apontar as artimanhas dos barcos espanhóis para furar aquele limite e regressarem à base com o máximo de marisco possível, em verdadeira violação dos acordos já de si injustos a que se vinculou o Governo de Sá Carneiro.

Fundos falsos onde se esconde o marisco pescado são frequentes apontados no rol de artes para enganar a fiscalização. Outra forma de iludir é conservar uma boa tonelagem de peixe, de escasso valor monetário, sem o descarregar, para cobrir as cotas de marisco e mais marisco. Já foi até encontrado um barco repleto de peixe que não existe nas águas algarvias.

A fiscalização subiu a bordo e, de facto, o marisco já recolhido não ultrapassava os 60 por cento do total. Mas que isto constitui violação, pelo menos do espírito dos acordos, ninguém tenha dúvidas.

São estas questões que armadores e sindicatos trouxeram ao Governo em reunião a 4 de Novembro passado, preparatória das conversações por enquanto frustradas. São estas considerações que o Governo não pode

deixar de ter em conta quando se sentar à mesa das negociações: a menos que queira continuar a fazer cedências políticas, sem contrapartidas reais, e que lancem a intranquilidade no sector das pescas.

Plano da Espanha

ARTE	ZONA	LICENÇAS - ZEE	NÚMERO LIMITE DE EMBARCAÇÕES CUJO NOME SERÁ INDICADO PARA A PESCA DE 6 A 12 MILHAS	TOTAL
ARRASTRE	NORTE	30	9	39
	SUR	50	-	50
VOLANTA	NORTE	17	-	17
	SUR	20	-	20
TRESMALHO	NORTE	15 x	15 x	15
	SUR	-	-	-
PALANGRE + PALOMETA	NORTE	NORTE 120	-	120
	SUR			
	NORTE	SUR 55	-	55
	SUR			
CERCO	NORTE	-	50	50
	SUR	-	4	4
REGIMEN TOTAL				362

x - Los mismos barcos, hasta 20 millas, durante 8 meses

Plano português

MODALIDADE / ZONAS	AUTORIZADAS PARA 1980	PEDIDOS LICENCIADOS	PLANO 1981
ARRASTO	NORTE - ZEE	30	29
	SUR - ZEE	35	42
	NORTE - Mar Territorial	9	9
	SUR - Mar Territorial	15	8
VOLANTA	NORTE - ZEE	30	30
	SUR - ZEE	25	25
TRESMALHO	NORTE - ZEE	19	19
	NORTE - Mar Territorial	-	-
LINHA	NORTE - ZEE	15	15
	SUR - ZEE	38	38
XAPUTA	NORTE - ZEE	135	131
	SUR - ZEE	30	7
CERCO	NORTE - Mar Territorial	60	60
	SUR - Mar Territorial	10	5
		451	418
			157

(a) - As mesmas unidades terão uma licença especial válida para um máximo de 8 meses a determinar no pedido que efectuem para pescarem na ZEE até 20 milhas a partir da linha da Costa ao Sul de Figueira da Foz.

Da comparação entre o que os espanhóis pretendem pescar em Portugal (mapa 1) e o que as autoridades portuguesas estão dispostas a conceder-lhes (mapa 2) resulta a compreensão do litígio que tem impedido o acordo de pescas para 1981. Enquanto os espanhóis pretendem 362 licenças, Portugal só se dispõe a passar-lhes 157

Um editorial do «Jornal do Algarve» publicado na edição de 6 de Fevereiro situa o problema e dá-nos as posições da provincia do Sul. «Portugal - por ingenuidade ou não confessada malícia - vai consentido na prorrogação de um acordo que caducou em 31 de Dezembro», escreve o articulista, «mesmo sabendo que ele nos é prejudicial, mesmo sabendo que não há possibilidades de o renovar sem provocar, a médio prazo, o colapso nas pescas pelo esgotamento dos recursos».

O Governo português, entretanto, anunciou que, se não houver acordo, nenhum barco espanhol poderá pescar em águas portuguesas a partir de 28 de Fevereiro. Mas a situação de facto interessa aos espanhóis. O «Jornal do Algarve» adianta, até, que lhes «basta manter a irreduzibilidade para que mantenham o mesmo número de barcos nas nossas águas», sublinhando, também, que depois de ser expulsa das águas da CEE, a frota espanhola «necessita de mar para lançar os seus barcos predadores, devorando tudo por onde passaram».

Outro aspecto da questão traz em brasa os pescadores algarvios: são os estragos provocados nas pequenas embarcações de pesca artesanal pelos «gigantes» que vêm de Huelva, Isla Cristina e Punta Umbria. Neste momento há dez avarias provocadas por esses acidentes e ainda não indemnizadas.

Os barcos «Santa Rosa», por duas vezes, «Meus Filhos», «Praia Benagiel», «Portugal Novo», «Monte Sião», «Maria Fernanda», «Malaquias», «Calunga» e «José Paulo Jorge» continuam à espera que os tribunais exijam aos armadores espanhóis a indemnização devida pelos estragos causados junto às costas algarvias.

Ao descontentamento dos pescadores algarvios contrapõe-se o apazamento dos armadores espanhóis pelo regime vigente entre os dois países e que vai vivendo de acordos verbais ou o prolongamento de situações, de facto, inaceitáveis.

A prova disso poder-se-ia encontrar nomeadamente na redução das infracções detectadas pela Marinha de Guerra e punidas nos tribunais portugueses, desde que a cota dos 60 por cento entrou em vigor. Antes, chegara a haver cinco barcos apreendidos na Capitania de Portimão. Desde Outubro (o acordo verbal foi comunicado em princípio de Setembro) nem um barco apreendido entrou na barra de Portimão, por ter violado a legislação vigente.

O capitão do porto de Portimão, capitão-de-fragata Nuno Gonçalves Vieira Matias, sublinhou-nos o facto de as multas terem, entretanto, sido agravadas, o que também poderá contribuir para maiores cautelas dos barcos espanhóis. No entanto, com o licenciamento de mais dois arrastões de crustáceos, que estará iminente, para terem como base Portimão, não é de afastar a hipótese de a concorrência, até aqui inexistente, vir a provocar novos conflitos com as embarcações marisqueiras espanholas.

David Reis

abai

PORTO, 14 - É um facto: se a França quisesse teríamos de andar, uma boa parte do dia, como os nossos bisavós e tetra- vós de vela na mão. Estão a ser fornecidos para o nosso País, a nível quase constante neste momento, 400 megaWatts hora. Ou seja: mais de 1.300 contos/hora.

Nunca estivemos tão dependentes do estrangeiro a nível energético.

Esta a realidade. Que, se não dá para alarmismos (porque a França não vai fechar a torneira), serve para alertar a nossa atitude de poupança. As chuvas que ontem caíram a Sul do País não significam nada em termos de alteração da situação crítica que atravessamos neste momento devido à seca. A capacidade das albufeiras está abaixo de metade e os terrenos estão tão secos que, segundo um técnico superior da EDP, nestas condições demora às vezes um mês para haver afluições para as albufeiras.

A situação é de facto péssima, reconhecia ontem de manhã o eng.º Vasquez e Vasquez, na central da Caniçada. Mas «nada de alarmismos» - preveniu, sossegando-nos com o facto de ainda estarmos dentro do chamado ano húmido. «Se houver chuvas em Março e Abril, não digo que a situação se normalize, mas pelo menos irá ser bastante atenuada». E se não houver? - é a dúvida sempre saltitante. Só que a esperança também não acaba: «Já tivemos um ano em que fomos obrigados a descarregar a barragem (Caniçada) em Junho».

Bom, esperemos que a água brote lá do alto. Porque, de contrário, mesmo sem alarmismos, o «programa de cortes» já aprovado pelo Governo irá bater em nossas casas a determinadas horas. E a indústria também irá

sofrer hora a hora, não é?

Maí aplica acas no si geiro, o eng. Est 25 po sumir em te

milhã a se menti em r cas.

Res Tc rên

Falt

Não há qualquer possibilidade de recuperar o ano agrícola, um ano marcado pelo facto de entre Setembro do ano findo e Abril que vem o nível de precipitação ocorrido e previsível se situar abaixo dos 40 por cento dos valores mínimos normais. A prolongada estiagem entretanto verificada «anatematizou» já futuras colheitas, forragens, pastos, inferiores de longe aos últimos anos, pondo em perigo a nossa alimentação este ano. Mas não se pense que nesta década não houve ano tão catastrófico como este: um técnico do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica lembrou ontem ao ministro das Comunicações e Transportes que 1975 foi mais seco que este 81 que há 45 dias começou.

Secas como a que agora nos fustiga ocorrem regularmente e com notável precisão de quinze em quinze anos, segundo uma perspectiva estatística. Os anos de 1883, 1944 e 1975, ainda segundo o que Viana Baptista ontem ouviu no INMG, à Portela, foram-nos também madraços, se assim se pode dizer da «mãe natureza». As consequências da seca, contudo, não estão todas à vista. Quando muito, vêem-se os citrinos do Ribatejo a serem vendidos, na barra das estradas, ao desbarato, além de

com «olh mil «gei seg com mos cas perr tem A tejo, gan tade aqu vel cola vel prei que abu seri colh deri as i des veri pas o vi foi prei me 1 agr no ran

Se os franceses quisessem andávamos de vela...

A água das barragens está lixo das "curvas de segurança"

sofrer. A princípio a restrição de
hora e meia, depois, se a situa-
ção não melhorar, passará a
res.

Mais próxima ainda seria a
aplicação de tal programa se
caso se verificasse uma avaria
no sistema de conduta estran-
geiro. «Seria imediato» — diz-nos
o eng.º Borges da Fonseca.

Estamos a importar entre 20 a
25 por cento da energia que con-
sumimos. O que corresponde,
em termos diários, a mais de dez

tamos 354 milhões de Kwh, os
recursos térmicos participam
em 717 milhões de Kwh e os
hídricos em 541 milhões. Se
compararmos com o mesmo
mês do ano passado os valores
invertem-se todos: exportamos
72 milhões; térmica-635 mi-
lhões; e hídrica-977 milhões.

E agora se quisermos relacio-
nar a importação verificada no
mês passado com a média men-
sual de energia importada em
1980 chegaremos à conclusão

um pouco mais, 75 e 76 foram
também anos maus. Em 76 por
exemplo importamos 1725 mi-
lhões de Kwh, ainda menos que
em 80.

Estes números dão uma ideia
da gravidade da situação em que
nos encontramos. Ontem esti-
vemos na Caniçada e em Vilarin-
ho das Furnas, onde os níveis
das albufeiras estão bastante
baixos em relação ao normal
nesta época. Um funcionário da
primeira chegou-nos mesmo a

dizer que não se lembra dum
nível tão baixo durante o quarto
do século em que ali trabalha. O
nível das águas está dez metros
abaixo da cota máxima, ou seja a
56%, em termos de capacidade.
No ano passado e na mesma
altura estava a 77%.

Piores que esta estão as albu-
feiras de Vilarinho das Furnas,
de Cabril, e Castelo do Bode, no
Zêzere, e de Paradela, no Cá-
vado. O nível tão baixo desta
(8%) porém deve-se à circuns-

tância de ter sido esvaziada no
Verão para obras. A de Cabril,
com a água a 16,9%, foi também
esvaziada, segundo nos infor-
maram, por causa da construção
de uma ponte. A de Castelo do
Bode, está a 38,6%.

Estas percentagens adiciona-
das às das restantes barragens
perfazem a média crítica de
49%. O que quer dizer que o
armazenamento de água nas al-
bufeiras «é já inferior à curva de
segurança» que tem como ponto
«mais baixo 50%. Em 1980 está-
vamos a 77%, na mesma altura
do ano.

Armazenar para a emergência

O que acontece é que neste
momento as reservas das albu-
feiras estão a ser utilizadas ape-
nas nas horas de ponta e nem
todas como é o caso já referido
de Vilarinho das Furnas. E isto
porquê?

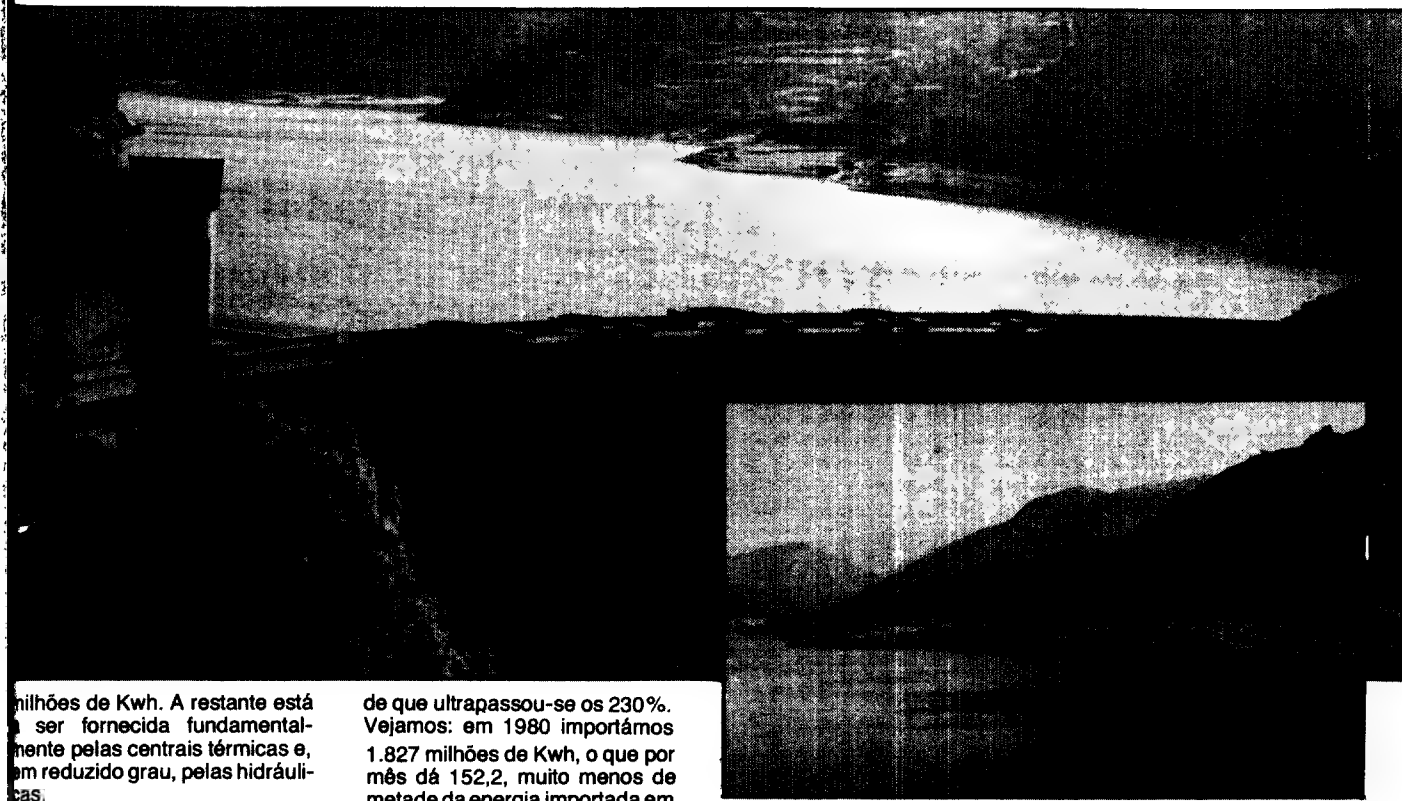
Um alto funcionário da EDP,
com responsabilidades no sis-
tema Cávado-Rabagão,
explica-nos. «Estamos a arma-
zenar para qualquer emergên-
cia. Estas centrais de águas de
grande queda são as últimas a
ser utilizadas». Por isso só nas
horas de ponta têm fornecido
energia. As que arrancam.

Mas nestas coisas nem sem-
pre é fácil colher informações
que ultrapassem o campo das
generalidades. Os funcionários
fecham-se e chutam-nos para as
altas instâncias. Resultado: as
informações por vezes não
coincidem.

Posto isto, resta-nos aguardar,
com a certeza de que se for
cumprido o plano da EDP, dentro
de alguns anos, apesar do cres-
cimento anual de consumo ser
de quase 10%, não estaremos
tão preocupados como hoje. A
instalação de potência térmica
está a ser superior à hídrica. Há
três barragens em fase de aca-
bamento: Pocinho que entra em
funcionamento já para o ano;
Crestuma-Lever em 83; e a da
Aguieira, ainda este ano. E exis-
tem cinco projectos em condi-
ções de serem postos em prá-
tica: Alto Lindoso, Torão (em
Entre-Rios), Sela (no Minho), Al-
queva e Vilarinho das Furnas (2.º
grupo, para 70 mwh).

E pronto. Por agora fiquemos
apenas com duas esperanças:
que a França não nos ponha à
vela e que antes de Abril haja
águas mil...

Luís Humberto Marcos



milhões de Kwh. A restante está
a ser fornecida fundamental-
mente pelas centrais térmicas e,
em reduzido grau, pelas hidráulicas.

Reservas a 49%

Tomemos como ponto de refe-
rência o mês de Janeiro. Importa-

de que ultrapassou-se os 230%.
Vejam: em 1980 importamos
1.827 milhões de Kwh, o que por
mês dá 152,2, muito menos de
metade da energia importada em
Janeiro — 354 milhões Kwh.

Quer em 1979, quer em 1978
tivemos energia para dar e sob-
rar, o que quer dizer que expor-
tamos bastante. Mas recuando

A barragem de Vilarinho das Furnas, no rio Homem, onde o
nível das águas está apenas a 42 por cento do normal. Na foto
mais pequena pode ver-se um pormenor das margens numa
zona próxima do rio Caldo, margens onde a zona a descoberto
documenta bem a situação deste curso de água

Central de Vilarinho das Furnas parada há quatro dias

Do grupo de barragens do sis-
tema Cávado-Rabagão, que in-
clui seis centrais — Alto Rabagão,
Paradela, Venda Nova, Sal-
monde Caniçada e Vilarinho das
Furnas — esta é, excluindo a
«anormalidade» de Paradela, a
de mais baixo nível de águas.
Menos 23,5 metros era o que
marcava ontem à tarde. A cota
máxima é de 569,5 metros e a
água estava a 546, o que corres-
ponde a cerca de 42% da capa-
cidade total. No dia 9, porém, era
ainda inferior. Como a partir do
dia 10 está parada, as águas
sobem ligeiramente. Cerca de
um centímetro por dia.

De todo o sistema, a que está
mais cheia é a de Venda Nova
(89%), logo seguida de Sal-
monde, com 64%, e Alto Raba-
gão (que representa 50% das
reservas de todas as albufeiras)
com 62%. Estes números so-
frem ligeiras oscilações de dia
para dia. A tendência é natural-
mente para descer, se as cen-
trais estiverem a trabalhar.

alta de água põe em perigo o nosso futuro alimentar

compradores de pomares a
«olho» terem perdido entre 200 e
mil contos, em resultado da
«geada negra». Para esses, o
seguro compensatório será mais
complexo. Lá para o Verão tere-
mos as consequências das es-
cassas e más forragens, que não
permitiram alimentar convenientemente o gado leiteiro.

A Estremadura, o Baixo Alentejo,
o Algarve e o distrito de Bragança foram as áreas mais afetadas pela seca, precisamente
aquelas em que não será possível a recuperação do ano agrícola, de acordo com o responsável do INMG que se ocupa das
previsões para o sector. Mesmo que ainda venha a chover com
abundância, as perdas agrícolas serão irreparáveis no tocante às
colheitas da Primavera. Já no to-
cante à energia a situação po-
derá (e deverá) mudar, segundo
as previsões, que indicam precipitação a partir de meados
deste mês, o que já ontem se
verificou.

Entre 1 de Setembro do ano
passado e 31 de Janeiro último,
o volume médio da precipitação
foi de 196 milímetros, o que re-
presenta metade da habitual
média no Minho e na Beira Litoral
e 1/4 do normal. Se no campo
agrícola o quadro é como vimos,
no energético persiste a espe-
rança da fisionomia se alterar

para melhor. As previsões, com
efeito, apontam para chuvas du-
rante três dias e, como atrás re-
ferimos, já ontem se verificou al-
guma precipitação pluvial, com o
restabelecimento próprio das ca-
racterísticas de um inverno nor-
mal e chuvoso dentro de dias.

Governo reúne depois de amanhã

Perante o quadro, o Governo,
que anunciou medidas no domí-
nio energético à base de redu-
ções no consumo, deverá
pronunciar-se nos próximos
dias, em particular sobre as for-
mas de apoio que desencadeará
para agricultura, tendo em conta
a importância do sector primário
no nosso país. Já na próxima
segunda-feira, com efeito, o Go-
verno reunir-se-á extraordinaria-
mente, prevendo-se que Bal-
são faça a sua primeira co-
municação pública na sua quali-
dade de Primeiro-Ministro na
quarta-feira.

Será quase um Conselho de
Ministros, ou um plenário eco-
nómico do Governo alargado, se
tivermos em conta que participa-
rão na reunião, segundo apurou
o «DL» esta manhã, a maioria
dos titulares governamentais,
desde a Qualidade de Vida à In-
tegração Europeia, mas também

a Indústria, O Comércio e Tu-
rismo, além obviamente, da
Agricultura e Pescas, Finanças e
Plano, a Administração Interna e
os Transportes e Comunica-
ções, entre outros.

A hipótese de vir a ser decre-
tada a situação de catástrofe
nacional não está de todo afa-
xada, segundo uma fonte pró-
xima do Governo. Mesmo que a
chuva que ontem se anunciou
venha, a verdade é que os efei-
tos da estiagem ultrapassam,
neste momento, toda a nossa
capacidade de armazenamento
e «sobrevivência», neste último
caso em termos de produção
mínima, razão da não recupera-
ção do ano agrícola acima refe-
rida.

O facto, contudo, ultrapassa
esse quadro amplo que põe em
xeque o nosso futuro alimentar,
repercutindo-se na factura ener-
gética e nos problemas de sa-
neamento básico e no abasteci-
mento de água. Daí que os mi-
nistros das áreas directas e indi-
rectamente envolvidas pela pro-
longada estiagem e reflexos de
medidas a tomar no seu funcio-
namento pleno, tenham veicu-
lado para o Primeiro-Ministro,
um conjunto de medidas com ca-
rácter de «prioridade e urgên-
cia». Essas propostas serão dis-
cutidas na próxima segunda-fei-

ra visando a sua articulação e
forma de as praticabilizar.

E o turismo?

Com o nosso futuro alimentar
em dúvida e todo um esquema
governamental que, através da
política do actual ministro das Fi-
nanças e Plano, visa produzir
mais e melhor, muitas interroga-
ções se colocam para os próxi-
mos meses, desde os artigos
que nos vão faltar lá para o Verão
aos turistas que em princípio aco-
lheremos então. Se a perspec-
tiva de falta de leite (se conti-
nuarmos a não escoar o açoriano
que no arquipélago se vai per-
dendo) é cominatória, não
menos terrível é a hipótese da
carne rarear, paralelamente ao
peixe que não temos nem pes-
camos porque a política do Go-
verno nesse campo tem sido a de
atacar as empresas nacionaliza-
das e proteger os «tubarões».

Que meses terá o nosso tu-
rismo este ano e que imagem
ficará para os próximos, caso
não sejam tomadas medidas de
fundo que salvaguardem a nossa
agricultura e tudo o que ao tu-
rismo respeita, nomeadamente o
abastecimento de água e o sa-
neamento básico — para além,
claro, do sector primário, aquele
que não cumprindo minimamente o seu papel desequilibra a

cada vez mais depauperada ba-
lança de pagamentos.

Depois dos agricultores do Ri-
batejo e das organizações agrí-
colas do Alentejo, que ou foram à
AR ou fizeram ouvir o coro das
suas lamentações através dos
meios adequados, é agora a vez
do Secretariado Distrital de Por-
talegre das UCP's e Cooperati-
vas Agrícolas, que solicitam ao
Governo que tome medidas
apropriadas à situação.

Água em Lisboa

O País, ao fim e ao cabo, pa-
rece mobilizado para este mo-
mento de emergência a que só
falta o Governo dar corpo. Daí a
hipótese de declaração de «cata-
strofe nacional» acima aven-
tada e que poderá resultar da
reunião de segunda-feira.

Os Bombeiros da capital têm
em preparação, ficam já todos a
saber, um esquema de interven-
ção chamado «água-81», opera-
ção que estabelece formas de
apoio às populações caso a seca
se venha a agravar, afirmou
ontem o padre Vítor Melícias ao
ser empossado como presidente
do Serviço Nacional dos Bom-
beiros.

A operação é, segundo o em-
possado, um plano de prevenção
destinado a coordenar, sobre-
tudo, a acção das diferentes cor-

porações de bombeiros se vier a
tornar-se necessário levar água
em grandes quantidades à popu-
lação. A operação poderá vir a
ser coordenada por técnicos do
Serviço Nacional dos Bombeiros
e a ser articulada com os Servi-
ços de Protecção Civil.

Ainda quanto a água, um «fe-
nómeno» irrompeu em pleno Ri-
batejo: Pé de Cão, pacata aldeia
de Torres Novas, foi incluída
num programa de água e seu
abastecimento no concelho, há
dias, justamente seis anos de-
pois de ter criado a sua própria
rede de canalização. Em 30 de
Março de 1975, com efeito, o
povo da pequena localidade de
120 fogos esteve em festa, com
comes-e-bebes e foguetório por
isso mesmo: ter água canali-
zada, finalmente, por iniciativa
dos seus próprios filhos.

A ver com tudo isto, porque em
questão está a energia e, noutra
dimensão, o gado bovino (o leite
que não teremos este ano), apa-
rece a produção de biogás a par-
tir dos detritos daquele. A Direc-
ção Regional de Agricultura do
Porto, apoiada pela Direcção-
-Geral de Energia, vai instalar
numa vacaria de Paços de Fer-
reira uma central de aproveitamento de biogás considerada a
mais importante do distrito.

BFN

XX aniversário

Banco de Fomento Nacional



João Salgueiro (o segundo a contar da direita), com elementos da direcção do BFN

No valor nominal de mil escudos cada

Banco de Fomento Nacional vai emitir um milhão de obrigações

O Banco de Fomento Nacional vai emitir na segunda-feira um milhão de obrigações no valor nominal de mil escudos cada — revelou ontem em Lisboa, em conferência de imprensa, o conselho de administração do banco.

As obrigações, que poderão ser subscritas até ao próximo dia 27, vencem uma taxa de juro, no primeiro semestre, de 17 por cento ao ano, isto é, três pontos percentuais abaixo da taxa anual dos depósitos a prazo.

Os cupões relativos ao segundo semestre vencerão uma taxa de juro de dezoito por cento, os do terceiro semestre dezoito por cento, e assim sucessivamente até ao último semestre — o sexto — com uma taxa de 22 por cento.

Como norma, os juros das obrigações a emitir serão fixados deduzindo três pontos percentuais à taxa anual dos depósitos a prazo (20 por cento) e adicionando um ponto por cada semestre.

Em caso de baixa das taxas de juro dos depósitos a prazo, o BFN garante um juro não inferior

a 15 por cento.

«Diversificar a estrutura de captação de poupanças em Portugal» — foi como João Salgueiro, presidente do Conselho de Administração do BFN, definiu o objectivo principal da emissão de títulos, cujos juros serão pagos semestralmente e cuja amortização será efectuada «ao par», de uma só vez, três anos após o início da subscrição.

João Salgueiro referiu tratar-se de uma iniciativa que, se for seguida por outras empresas, poderá dinamizar o mercado de capitais, reduzir a elevada liquidez da Banca e combater a inflação, por canalizar recursos financeiros para investimentos produtivos, diminuindo a parte do crédito destinada ao consumo.

O presidente do BFN declarou também que será solicitada a admissão dos títulos à cotação nas Bolsas de Lisboa e do Porto, esperando-se que entrem nesses mercados dentro de alguns meses.

Os juros das obrigações — sublinhou — estão isentos de impostos, o que torna estes títulos os

mais vantajosos em termos de juro a prazo.

«Não há neste momento, no mercado, formas de captação de poupança com este prazo com juro tão elevado» — acrescentou, frisando que os depósitos a prazo de um ano e um dia vencem um juro de 20 por cento, mas, deduzidos os impostos, rendem 17 por cento.

O BFN espera lançar outras emissões, se esta tiver bom acolhimento por parte do público.

Sobre eventuais emissões de acções em Portugal, João Salgueiro duvidou que o público «acorra neste momento a subcrever acções», por falta de confiança nas empresas.

O presidente do BFN é de opinião que a tendência actual das taxas de juro em Portugal não é para baixar, pois as taxas nos Estados Unidos e nos mercados de eurodólares estão bastante altas e uma baixa em Portugal poderia ter reflexos muito negativos na balança de pagamentos, sobretudo por via das remessas de emigrantes.

Por simples estimativa

EDP vai cobrar novos preços do gás

A portaria que estabelece o aumento do preço do gás de Lisboa vai ser aplicada a partir do corrente mês por estimativa e não após a primeira leitura efectuada pelo cobrador, segundo informou um responsável da EDP.

Tal decisão — explicou a mesma fonte — deveu-se ao facto de não ser possível à EDP efectuar num mês a leitura dos 170 mil contadores existentes na área de Lisboa, Amadora e Loures. Habitualmente só é possível ler em idêntico período cerca de cinquenta por cento daquele número.

A portaria estabelece o preço máximo de venda ao público de gás da cidade em oito escudos e setenta centavos por metro cúbico (mais um escudo e cinquenta centavos) só podendo ser aplicada a gás consumido após a primeira leitura efectuada depois da publicação do diploma.

A leitura por estimativa que a EDP se propõe efectuar tem por base a média dos consumos dos doze meses anteriores.

Entretanto, uma reclamação entregue na Provedoria de Justiça refere que tal atitude da EDP é ilegal, pois «o novo preço legal fixado começa a vigorar para cada consumidor após

a primeira leitura física (não estimativa) dos contadores que tenha tido lugar após a publicação do diploma».

O documento refere que a «indevida facturação resulta para os consumidores num agravamento do preço de um escudo e cinquenta centavos por metro cúbico (diferença entre o novo preço e o anterior)».

Em relação aos consumidores que reclamam do critério de facturação, a EDP está disposta a considerar a diferença entre a última leitura e a penúltima.

Sindicatos do Porto contra aumento da água

Sindicatos do Porto reunidos ontem em plenário, na sede da USP, aprovaram uma moção na qual repudiam a decisão do Executivo camarário de aumentar o preço da água em 150 por cento. Este aumento só possível com os votos de qualidade do contestado presidente da câmara, arq. Coelho de Magalhães, foi decidido na reunião de anteontem. Os sindicatos consideram esta medida «contrária aos princípios constitucionais e atentatória da qualidade de vida da população».

Greve dos rodoviários "privados" saldou-se num êxito sem precedentes

— diz a Federação dos Sindicatos do Sector

A Federação dos Sindicatos de Transportes Rodoviários e Urbanos emitiu um comunicado em que afirma ter a greve dos rodoviários «privados» constituído um «êxito sem precedentes neste sector». E citando números diz que, dos cerca de 7000 trabalhadores abrangidos, «só uma reduzida percentagem, praticamente circunscrita a Lisboa, não aderiu à greve».

«A ilação a tirar — diz em seguida o comunicado — é que os trabalhadores estão conscientes dos seus direitos e interesses e dispostos a lutar em apoio das reivindicações sindicais relativamente à actualização da tabela salarial e do pagamento das refeições e deslocações e ainda quanto ao alargamento das diu-

turnidades a todos os trabalhadores, introdução de um subsídio de refeição igualmente para todos os trabalhadores e pelo cumprimento das leis e convenções colectivas de trabalho que o patronato do sector viola desvergonhadamente. Basta, para tanto, citar o exemplo da empresa Cabanelas (Vila Real) onde cerca de 70 por cento dos trabalhadores são contratados a prazo».

A data de entrada em vigor da referida revisão salarial constitui também um dos motivos da greve. «uma vez que a ANTROP só negocia alterações para vigorarem a partir de 1 de Março de 1981, altura em que a actual tabela perfaz 16 meses de vi-

gência, quando as tabelas salariais só devem vigorar 12 meses.

A Federação manifesta ainda a esperança de que na reunião da próxima terça-feira se avance no sentido da resolução do conflito, «tendo em conta que a grande unidade e determinação dos trabalhadores ontem demonstrada constitui prova eloquente da justiça e realismo das reivindicações constantes da proposta salarial».

O comunicado termina sublinhando que, «caso contrário, os trabalhadores terão de empreender novas formas de luta pelas quais responsabilizem desde já a Associação patronal, particularmente nos transtornos que elas venham a causar às populações».

17.º CARTÓRIO
NOTARIAL DE LISBOA

«FIGUEIREDO E CARMO LIMITADA»

1 — Certifico para fins de publicação que por escritura deste Cartório de quatro de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e um, lavrada de folhas trinta e duas a trinta e três do livro n.º 214-F, foi constituída a Sociedade em epígrafe entre Dr. Francisco Rui Cunha Leal Molarinho Carmo e Júlio Bento Pires de Figueiredo que adaptou o pacto constante dos seguintes artigos:

—Primeiro. A sociedade adopta a firma «FIGUEIREDO E CARMO, LIMITADA» e a sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje.

—Segundo. A sede da sociedade é em Lisboa, provisoriamente, na Avenida Defensores de Chaves, número quarenta e três, primeiro, direito, freguesia de Nossa Senhora de Fátima.

—Parágrafo primeiro. Por simples decisão da gerência a sociedade poderá transferir a sua sede para outro local.

—Terceiro. A sociedade tem por objecto a indústria e comércio de produtos alimentares, aproveitamento de detritos, podendo ainda ser proprietária de quotas ou acções de sociedades que se dediquem à mesma actividade, podendo ainda dedicar-se a qualquer outra actividade.

—Quarto. O capital social é de cem contos está integralmente realizado a dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios que são iguais, sendo por isso, de cinquenta contos a quota de cada um deles.

—Quinto. No caso de aumento de capital os sócios terão sempre preferência na subscrição do mesmo aumento e na proporção das quotas que possuírem.

—Sexto. A sociedade em caso de cessação total ou parcial de quotas terá sempre direito de preferência na sua aquisição.

—Sétimo. A sociedade será gerida por um só gerente, eleito em assembleia geral, que só por si obrigará a Sociedade, considerando-se desde já eleito gerente o sócio dr. Francisco Rui Cunha Leal Molarinho Carmo.

—Oitavo. A Assembleia Geral quando a lei não exija qualquer outra formalidade, será convocada por meio de carta registada enviada aos sócios com oito dias de antecedência.

—Nono. Os lucros líquidos apurados em cada ano, depois de deduzidas as quantias para o «Fundo de Reserva Legal» e as demais para os «Fundos de Reserva» criados pela Assembleia Geral terão o destino que esta decidir.

2 — Mais certifico que a presente fotocópia que se contém em três folhas vai conforme ao original assim como a parte certificada e nada contém em contrário do que fica certificado e fotocopiado.

LISBOA, E DÉCIMO SÉTIMO CARTÓRIO NOTARIAL, aos onze de Fevereiro de mil novecentos e oitenta e um.

O Ajudante do Cartório

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

SERVIÇO DE GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS

ANÚNCIO ADMISSÃO DE UM TÉCNICO SUPERIOR DE 1.ª CLASSE

Faz-se público que se aceitam candidaturas para o provimento de um lugar de Técnico Superior de 1.ª classe, para exercer em comissão de serviço, as funções de:

CHEFE DE SERVIÇOS DE ÁGUAS E SANEAMENTO

com o vencimento mensal ilíquido de 27 300\$00 e demais regalias da Função Pública.

Exige-se:

- Licenciatura em Engenharia Civil
- Conhecimento e experiência no sector do Saneamento Básico
- Mínimo de três anos de experiência profissional
- Capacidade de decisão, de chefia e de trabalho em equipa

As demais condições da candidatura são as constantes do aviso enviado para publicação na III Série do «Diário da República».

Almada, 11 de Fevereiro de 1981

O Presidente do Conselho de Administração
Carlos Manuel B. de Sousa

FREGUESIA DE SANTA MARIA DOS OLIVAIS

Praça das Casas Novas
1800 LISBOA

AVISO

CONCURSO PARA ADMISSÃO DE 2 (DOIS) ESCRITURÁRIOS/AS DACTILÓGRAFOS/AS PARA OS SERVIÇOS DE SECRETARIA DA JUNTA — VENCIMENTO LETRA S (FUNÇÃO PÚBLICA)

Por este meio se torna público estar aberto concurso para o preenchimento dos lugares acima, devendo os candidatos:

- Ter mais de 18 anos
- Possuir o curso geral dos liceus ou equivalente
- Responder por escrito até 28 Fev. 1981.

Os candidatos que preencham as condições requeridas serão submetidos a provas práticas em data a informar oportunamente.

Lisboa, 14 de Fevereiro de 1981.

O Presidente

J. R. Pinheiro de Azevedo

Em ALVERCA o **Diário de Lisboa**
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16



Tambo ao lado de Machel

Denúncia pública de acto de traição

O presidente do Congresso Nacional Africano (ANC), Oliver Tambo, tomou hoje lugar à direita do chefe do Estado moçambicano, Samora Machel, na tribuna de presidência de um comício ao ar livre, realizado em Maputo.

O comício decorreu na Praça da Independência, e destinou-se essencialmente a denunciar a agressão sul-africana contra o território de Moçambique, em 30 de Janeiro último.

Jornalistas da África do Sul haviam sido convidados para estar presentes a fazer a cobertura do comício, aguardado com expectativa.

No decurso do comício, o presidente Samora Machel iria dar pormenores da forma como se processou a acção dos comandos racistas sul-africanos.

Durante essa agressão, à zona da Matola, a cerca de quinze quilómetros da capital, foram mortos onze militantes do ANC e levados três para a África do Sul, como prisioneiros. Os agressores, que sofreram algumas baixas, também mataram um trabalhador português da Electricidade de Moçambique, recorda-se.

No seu discurso, o presidente da República Popular de Moçambique, denunciou que um tenente-coronel, alguns capitães e outros oficiais das forças moçambicanas se comportaram

como «traidores» e serão presentes ao Tribunal Popular Revolucionário. Indicou que há vários civis presos, sob a mesma acusação.

Samora Machel pormenorizou que tropas da guarda-fronteira detectaram a entrada dos comandos racistas, mas que o alarme só foi transmitido ao Estado-Maior depois de os invasores terem retirado.

Zimbabwe: voltou a calma a Bulawayo?

A ameaça de guerra civil na região de Bulawayo, no Zimbabwe, parece hoje posta de lado, depois de forças governamentais, comandadas por brancos, terem actuado para esmagar guerrilheiros nacionalistas.

A vida na grande cidade do sudoeste do país regressa à normalidade. Uma trégua, inicialmente frágil, nas principais zonas de violência, parece ganhar consistência.

Funcionários dizem que a ameaça de alastramento dos combates — entre elementos do ZIPRA, pró-Joshua Nkomo, e da ZANLA, pró-Robert Mugabe, foi sufocada pela decisão do segundo, o primeiro-ministro, ao empregar uma «força considerável» para «esmagar» partidários de Nkomo.

Assalto à Embaixada do Equador em Havana

Um grupo de cubanos, alguns, presumivelmente, antigos soldados (o telegrama da ANOP não diz se ao serviço do antigo ditador Fulgêncio Baptista), ocupam, desde ontem, a embaixada do Equador em Havana. Mantêm como reféns o embaixador equatoriano, Jorge Perez, dois outros diplomatas e um funcionário do Governo de Cuba.

Tropas cercam o edifício. Sabe-se que os assaltantes estão armados de facas e pistolas. Teme-se pela vida das pessoas retidas na embaixada.

O assalto à embaixada do Equador recorda a campanha anticubana desencadeada pelas anticomunistas: a dita, já célebre, campanha do «éxodo». Quem quer sair do país, disse na alusão a Fidel Castro, o decano dos embaixadores em Havana, o representante diplomático do

Panamá, confirmou que está proposta a realização, na sua residência, «de uma reunião para propor ao governo cubano a realização de um encontro para mediação».

«A nossa intenção não é imiscuirmo-nos nos assuntos internos cubanos, nem intervir a favor dos assaltantes, mas sim a preocupação pela segurança de todo o pessoal diplomático, nomeadamente, o embaixador Perez, de avançada idade», disse o embaixador do Panamá. Soube-se no momento em que escrevamos que as autoridades cubanas pediram a saída do embaixador sequestrado, para que este fosse o intermediário entre o grupo assaltante e os reféns. Ao que parece, o grupo recusou a proposta. A situação é tensa, nas imediações da embaixada.

Terminou a Conferência dos Não-Alinhados

Pedida retirada de forças estrangeiras do Afeganistão e do Camboja

A conferência de ministros dos Negócios Estrangeiros dos Não-Alinhados terminou ontem à noite com a adopção de uma declaração em que se apela à retirada das «tropas estrangeiras» do Afeganistão e das «forças estrangeiras» do Camboja.

O documento destaca a oposição dos participantes à «presença militar de todas as grandes potências na região do oceano Índico» e do apoio dado à ideia de a transformar numa «zona de paz».

O tema da conferência teve lugar às 23.00 de Nova Deli (17.30 de Lisboa) com 24 horas de atraso em relação ao calendário previsto, adiamento que ficou a dever-se a problemas surgidos com a linguagem a utilizar nas mais sensíveis resoluções em debate.

Relativamente ao Afeganis-

tão, os chefes da diplomacia dos Não-Alinhados eliminaram do texto da declaração os termos propostos pelo Paquistão — que defendia a menção, pelo nome, da União Soviética — e rejeitaram a versão indiana, que não continha qualquer referência a «tropas estrangeiras».

O ministro afegão dos Estrangeiros abandonou a sala da conferência e manifestou a total rejeição, pelo seu país, parágrafo da declaração respeitante ao Afeganistão.

No que respeita ao Camboja, a Malásia e Singapura viram frustrado o seu propósito de inclusão do nome de Vietname na declaração.

No mesmo âmbito, o Vietname conseguiu que o comunicado apelasse à retirada das tropas estrangeiras «do Camboja e dos países vizinhos», incluindo, portanto, segundo indicou o ministro

vietnamita dos Negócios Estrangeiros, as forças que os Estados Unidos têm estacionadas na Tailândia.

A Índia, apesar de fracassar no propósito de fazer constar no documento os nomes dos Estados Unidos e as suas bases na ilha de Diego Garcia, logrou que fossem aprovados os termos condenatórios com que se referiu a todas as instalações militares na área.

Os ministros apelaram também a que o povo do Sara Ocidental possa exercer o seu «inalienável direito à autodeterminação», em conformidade com as resoluções da ONU, a carta deste organismo internacional e os princípios do Movimento Não-Alinhado.

A semelhança de anteriores reuniões os participantes condenaram os acordos de paz israelo-egípcios de 1979, não

tendo todavia sido debatida a questão da expulsão do Egipto do seio do Movimento.

O comunicado final condena ainda «as pressões externas» sobre a Nicarágua e El Salvador, exorta à devolução da base de Guantanamo a Cuba e exprime apoio à luta de libertação liderada pela Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e pela Organização dos Povos do Sudoeste Africano, SWAPO.

A declaração final da conferência anuncia, por outro lado, que a próxima cimeira dos chefes de Estado ou de Governo do Movimento dos Países Não-Alinhados terá lugar de 6 a 10 de Setembro em Bagdade.

A conferência ao mais alto nível será precedida em 2 e 3 de Setembro de uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros.

El Salvador

Peregrinos da Casa Branca pelas capitais europeias

A Administração Reagan, recém-instalada na Casa Branca, Washington, capital dos EUA, decidiu enviar à Europa Ocidental, na próxima semana, uma delegação qualificada pela «France Presse» de «alto nível», incumbida de apresentar as provas, de acordo com a mesma agência informativa, da «ingerência militar dos países comunistas em El Salvador».

Dois grupos repartirão por si a «importante» tarefa, provavelmente por serem muitas as capitais europeias. Quer agora a Administração norte-americana põr em relevo a sua determinação de engrandecer o «auxílio» à ditadura mascarada chefiada por Napoleón Duarte, o presidente da junta civil/militar, homem que se reclama dos ideais da demo-

cracia cristã.

Antes de o ser já o era, como a pensada, tal e qual. Ninguém, a não ser eventuais Governos subservientes, acreditara nas «razões» de Washington.

A notícia sobre a preparação destas missões europeias foi divulgada pelo jornalista Jack Anderson, cuja crónica diária é publicada por mais de 900 jornais diários americanos.

Anderson disse, nessa notícia, que as «missões» à Europa envolveriam, além de funcionários do Departamento de Estado, representantes da CIA e dos restantes serviços de espionagem dos Estados Unidos.

Interrogado sobre o assunto, durante a sua conferência de imprensa diária, o porta-voz do Departamento de Estado, William Dyess, «não comentou».

Mas, pouco depois, era sabido que o envio destas «missões» seria oficialmente anunciado no fim-de-semana.

As «provas» das intervenções espionagens, que os americanos dizem ter recolhido, implicariam a URSS, vários outros países do Leste europeu e o Vietname, que forneceriam armas e material diverso, entregue aos insurrectos salvadorenhos de esquerda por intermédio de Cuba. Descobertas estas mui edificantes, se o leitor permitir o comentário.

«Não tem defesa»

O apoio que o Governo dos Estados Unidos dá ao actual regime salvadorenho «não tem defesa possível», declarou, em Es-

tocolmo, o ministro sueco dos Negócios Estrangeiros, Olla Ullsten.

Respondendo a uma interpegação no Parlamento, o ministro acrescentou que este apoio americano apenas «servia para prolongar os sofrimentos do povo salvadorenho e não contribuía, de forma nenhuma, para solucionar o conflito». Uma outra declaração recente de Ullsten parece ter sido mal recebida pelos Estados Unidos, recorda-se, pois conduziu à convocação, pelo Departamento de Estado, do embaixador da Suécia em Washington. Ullsten tinha dito, ao receber uma delegação da Frente Democrática de El Salvador, que «um primeiro passo para uma solução pacífica do conflito devia estar no fim de toda a ingerência estrangeira».

Em vésperas da visita do Papa às Filipinas

Milhares de católicos manifestaram-se contra o regime de Marcos

Cerca de três mil pessoas conduzidas por padres e religiosas católicas, constituídas em «assembleia popular», por ocasião da próxima visita do Papa, manifestaram-se, ontem, em Manila, reclamando a libertação de todos os presos políticos e denunciando a «repressão militar».

O porta-voz do grupo, um antigo decano universitário, Armando Malay, disse que estas «questões quentes» seriam apresentadas ao Papa logo que ele chegasse às Filipinas, a 17 do corrente. Os manifestantes agitavam cartazes denunciando como uma «impostura» a anulação da lei marcial (de 17 de Ja-

neiro último) e considerando que, na realidade, tinha sido instaurada uma lei marcial disfarçada.

Igreja e oposição, Filipinas

combatem, neste momento, a favor do respeito pelos Direitos do Homem no país e a favor da justiça social e das liberdades civis. Muitos católicos conde-

naram já a próxima visita do Papa considerando que ela serviria a Marcos para dar ao mundo uma imagem «civilizada e falsa» do seu regime.

Aprovada Lei Anti-Racista na Bélgica

A câmara dos deputados belga adoptou ontem, à noite, em Bruxelas, uma proposta de lei que pretende reprimir todos os actos inspirados pelo racismo e a xenofobia.

Apresentada pela primeira vez há mais de vinte anos, esta proposta foi adoptada por 136 votos contra dois e dezasseis abstenções. Se a proposta de lei for

igualmente votada pelo Senado, a Bélgica ficará pela primeira vez com uma legislação anti-racista.

Devido a esta lei, os donos dos restaurantes belgas que impedem a entrada nos seus estabe-

lecimentos a estrangeiros, ou os proprietários que anunciem casas para alugar com a menção «interdito aos estrangeiros» poderão ser passíveis de prisão de oito dias a dois meses.

Transacções de Reagan

O vice-presidente norte-americano, George Bush, e sua mulher, Bárbara, converteram todos os seus valores da bolsa, entre os quais dezasseis mil acções, num fundo neutralizado dum valor de aproximadamente 900 000 dólares.

O presidente Reagan e sua mulher, Nancy, tinham feito a mesma coisa há duas semanas, convertendo todos os

seus bens pessoais, com excepção de duas casas, em dois talões de depósito somando 740 000 dólares.

Peter Teeley, porta-voz de Bush, declarou que os 900 000 dólares do fundo não compreendem o dinheiro das contas bancárias do vice-presidente, bem como os seus dois «alojamentos»: uma casa no Maine e um apartamento no Texas.

PEQUENA QUINTA VENDE-SE

PERTO DE CORUCHE (FOROS DO REBOCHO), CERCA DE 4 HA, CASA RÚSTICA, ÁRVORES DE FRUTO E EUCALIPTAL COM MUITA ÁGUA PARA REGA, PESCA E LAZER

RESPOSTA A ESTE JORNAL, AO N.º 1125

Indignação e protestos em Espanha**Membro da ETA parece ter sido torturado até à morte**

O ministro espanhol do Interior, Juan Jose Roson, convocou ontem uma reunião de emergência com funcionários superiores da Polícia, após a morte súbita, na cadeia, de um presumível guerrilheiro da ETA preso há dez dias.

Por seu lado, o Ministério da Justiça ordenou a abertura de um inquérito às circunstâncias do falecimento do preso, que se registou ontem.

Arregui Izaguirre, preso a 4 de Fevereiro em Madrid, tinha sido encarcerado na quinta-feira na prisão madrileña de Carabanchel, nos termos da lei antiterrorista, após ter passado nove dias na direcção da segurança.

A sua chegada a Carabanchel, precisa o Ministério da Justiça num comunicado, os médicos detectaram nele vários hematomas, uma dor abdominal difusa e uma broncopneumonia, e mandaram-no para o hospital da prisão. O seu estado agravou-se e Izaguirre acabou por morrer, ontem, quando o levavam para um hospital de Madrid.

Protestos

Entretanto, dirigentes bascos do Partido Comunista de Espanha acusaram a Polícia de ter torturado o detido até à morte e advertiram as autoridades de que este incidente poderá relan-

çar a simpatia dos bascos para com a ETA apesar de a haverem condenado abertamente após o assassinio do engenheiro Ryan, na passada semana.

Por sua vez, o Governo autónomo basco suspendeu uma sessão plenária como forma de protesto pela morte de Arregui.

O Parlamento basco pediu também, numa moção, que o Governo ponha termo a toda e qualquer acção «que não respeite integralmente os direitos fundamentais do homem», e afirma que «o povo basco condena esta morte com a mesma firmeza com que condenou todas as mortes ocorridas até agora».

O Partido Socialista Basco publicou, por seu turno, um comunicado condenando «as torturas sofridas (por Aguerri Izaguirre) durante a sua detenção».

Tortura à maneira franquista

Para o presidente do Partido Nacionalista Basco, Xavier Arzalluz, se se verificar que Izaguirre morreu em consequência de violências da Polícia, «deveremos então pôr seriamente a questão da colaboração com o Governo que não toma as medidas adequadas para evitar tais actos».

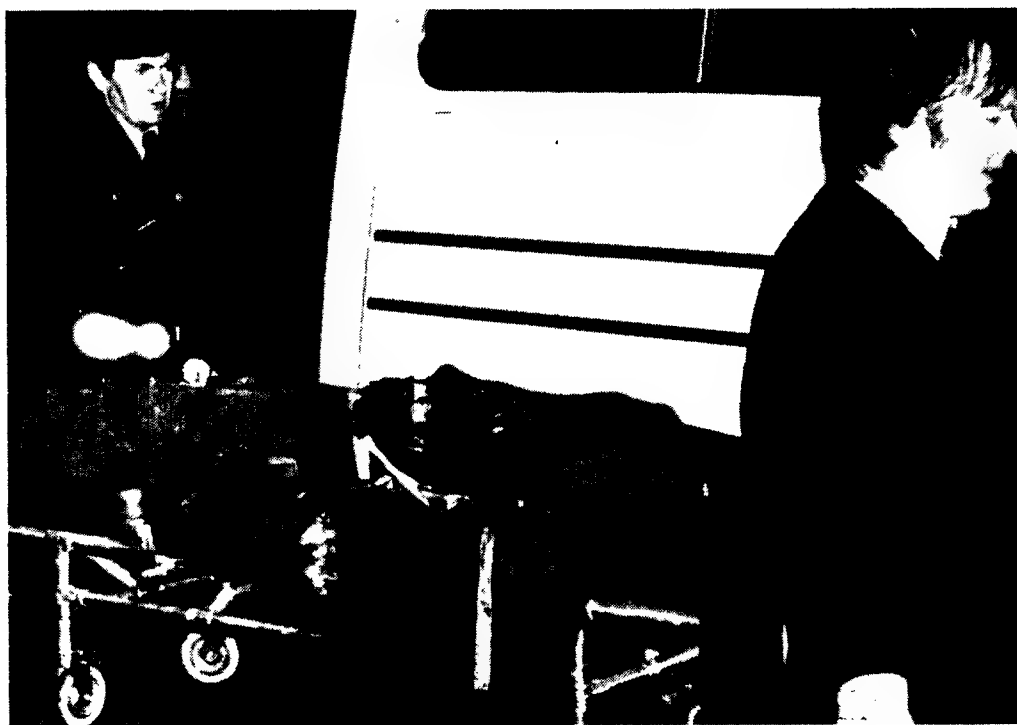
«A morte de Jose Arregui Izaguirre mostra que na Direcção-Geral de Segurança continuam a torturar e que lá há pessoas que morrem vítimas de tortura, com os mesmos métodos que os usados sob a ditadura franquista e, em inúmeros casos, às mãos dos mesmos homens que, nessa altura, aplicavam já esses métodos».

Parlamento contra lei antiterrorista

O Parlamento autónomo basco vai interpor recurso contra a lei «antiterrorista» aprovada em Madrid, que considera «inconstitucional», em face da aprovação, ontem, em Vitória, de uma proposta apresentada nesse sentido pela coligação independentista basca «Euzkadiko Ezkerra» (próxima da ETA Político-Militar).

A referida proposta teve o apoio do Partido Nacionalista Basco (PNV conservador) e do Partido Comunista.

Nos termos da lei «antiterrorista», a Polícia poderá prolongar a prisão preventiva de um suspeito, estando igualmente habilitada a controlar as comunicações postais, telegráficas e telefónicas dos cidadãos suspeitos de colaboração com grupos terroristas.



Uma das vítimas evacuada pelos bombeiros de Dublin (telefoto UPI/ANOP/«DL»)

República da Irlanda**Incêndio num «dancing» causa pelo menos 56 mortos**

Morreram pelo menos 56 pessoas, na sua maior parte jovens, no incêndio que destruiu, na noite de ontem para hoje, um dancing em Dublin, na República da Irlanda.

A Polícia irlandesa afirmou que este balanço era ainda provisório, tendo já sido conduzidas várias dezenas de pessoas em estado grave para os hospitais da cidade.

Segundo a Polícia, 41 pessoas morreram no local do sinistro e 15 outras depois de hospitalizadas.

O incêndio declarou-se pouco antes das 2h tmG no «Stardust», um «dancing» bastante popular dos arredores de Dublin, onde centenas de jovens, de idades à volta dos vinte anos, participa-

vam num concurso de dança «disco».

A Polícia declarou que era pouco provável a hipótese de acção criminosa.

Várias testemunhas declararam ter visto um «clarão luminoso» seguindo-se imediatamente um foco de incêndio. O «dancing» foi destruído pelas chamas em poucos minutos, acrescentaram ainda as testemunhas.

Apesar dos avisos do «discujockey» para as pessoas manterem a calma, os cerca de mil jovens presentes na sala entraram em pânico e atropelaram-se uns aos outros.

Um bombeiro afirmou que só o pânico pode explicar o elevado número de mortos, já que o clube dispunha de numerosas saídas

de emergência que, em caso de calma, teriam permitido a retirada segura de todos os presentes.

As autoridades julgam que o incêndio começou numa das cortinas da entrada do clube, propagando-se rapidamente a toda a sala.

«Viram-se cenas horríveis, declarou a Polícia. Numa atmosfera de pânico total, os jovens fugiam em todas as direcções, enquanto a população local acorria precipitadamente ao local, aumentando ainda mais o pânico geral».

Foram necessárias três horas para os bombeiros dominarem o incêndio.

Todas as ambulâncias da capital irlandesa foram mobilizadas para evacuar os feridos.

É MENINO OU MENINA? HOJE 21H45 NA **A BARRACA**

O MELHOR ESPECTÁCULO DO ANO PREMIO ASS. CRITICOS (m. 13 anos)

Telef. 686300

Junta Nacional dos Produtos Pecuários**VENDA DE IMÓVEL**

Faz-se público que a Junta Nacional dos Produtos Pecuários aceita ofertas em carta fechada até ao próximo dia 10 de Março para a venda do prédio sito na Rua Castilho números 18 e 20 tornejando para a Rua Barata Salgueiro números 43, 45 e 47, com a área coberta de 604 m² e total de 1090 m².

O referido prédio pode ser visto em qualquer dia útil nas horas de expediente normais.

As propostas devem ser dirigidas à Junta Nacional dos Produtos Pecuários — Serviços de Contencioso — Rua Padre António Vieira n.º 1, 1000 Lisboa.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DA DIRECÇÃO

a) FERNANDO PAISANA

Pela primeira vez em França**Oito anos de prisão para violador da própria mulher**

Pela primeira vez, em França, foi ontem condenado a oito anos de cadeia um homem que violou a mulher com quem está casado.

Didier Pongi, de 25 anos, foi condenado pelo Tribunal Criminal de Grenoble pela violação de sua mulher Marie Pierre de 23 anos, assim como por agressão, ferimentos e sequestro com o auxílio de um cúmplice.

Em 30 de Novembro de 1978, quando soube que sua mulher,

farta de apanhar pancada em poucos meses de casamento, tinha pedido o divórcio, Didier Pongi decidiu organizar uma expedição punitiva. Com um amigo, Jean Chevalier-Chambet — ele próprio condenado a cinco anos de prisão, um com pena suspensa, por tentativa e cumplicidade de violação, espancamento e ferimentos — Pongi lacerou a mulher com 14 golpes de navalha, rasgou-lhe a roupa, arrastou-a para um parque e violou-a enquanto Chevalier

Chambet a segurava estendida no solo.

Ao condenar Pongi, os jurados — todos homens — fizeram entrar o direito conjugal francês numa nova era há muito exigida pelos movimentos de mulheres. Apesar de as circunstâncias serem excepcionais, esta decisão mostra, conforme fez notar um advogado, que «o homem não pode dispor a seu bel-prazer da mulher, como se o casamento lhe desse um direito de propriedade absoluta».

De 1978 para 1979**Acentuado aumento de greves em todo o mundo**

No ano de 1979 houve um aumento de 60 por cento no número de grevistas, relativamente ao ano anterior, anunciou ontem a Organização Internacional do Trabalho, com base em dados proporcionados por 59 dos seus países membros.

Os dados divulgados por aquela organização internacional, com sede em Genebra,

acrescentam que se registaram em 1979 cerca de 28 mil greves e paralisações laborais face aos 26 000 registados em 1978.

O número de trabalhadores implicados nos conflitos laborais aumentou aproximadamente em 60 por cento, passando de 23 400 mil em 1978, a 37 300 mil em 79.

O número de dias de trabalho

perdidos aumentou em 39 por cento, passando de 125 700 mil a 174 900 mil.

A OIT assinala que os países que conseguiram, em 1979, uma relativa paz laboral, dentro do Mundo Industrializado foram, entre outros, a República Federal da Alemanha, o Japão, a Noruega, a Suécia e a Suíça.

Desporto

Inter em polvorosa

Três dirigentes suspensos

O Inter de Milão suspendeu três dirigentes envolvidos na substituição fraudulenta de um jogador da equipa que ganhou em Buenos Aires um torneio internacional de futebol juvenil. O vice-presidente do Inter, Giuseppe Prisco, divulgou um breve comunicado informando que os três suspensos são o director da equipa de juvenis, Mário Fiore, o treinador Mário Meregheiti e o supervisor Rodio Migliazza.

Todos são suspensos da actividade no clube em relação com o anunciado inquérito da Federação Italiana de Futebol e com eventuais investigações judiciais.

O Inter confirmou informações publicadas na imprensa, segundo as quais a equipa que venceu a 3 de Fevereiro, em Buenos Aires, um torneio internacional de futebol incluiu Massimo Pellegrini (de 14 anos) quando o regulamento do torneio prescrevia que os jogadores deveriam ter menos do que essa idade. Pellegrini foi a «estrela» do torneio e o seu principal goleador.

Cosmos na Argentina

O Cosmos de Nova Iorque chegou a Buenos Aires, onde a partir de segunda-feira disputará vários encontros particulares com equipas argentinas.

Hoje a equipa norte-americana partirá para Montevideo onde defrontará o Peñarol, também em encontro particular.

Depois do regresso à capital argentina, o Cosmos jogará na segunda-feira contra o Desportivo Moron, da 1.ª Divisão «B».

Os norte-americanos disputarão também alguns jogos no interior do país.

Treinadoras chegaram

Uma rapariga alemã de 23 anos, Annegret Keiter, é a primeira treinadora de futebol masculino em Espanha. Keiter, que orienta o Ibérica Club de Futebol da segunda categoria regional da Galiza, afirmou que não tem qualquer problema com os seus jogadores e prefere treinar homens a mulheres.

Os dirigentes do clube estão também satisfeitos com a experiência, pois, segundo afirmam, os jogadores estão encantados com a nova treinadora.

A jovem alemã fez em 1979 uma tese sobre a Educação Fi-

sica em Espanha e licencia-se em Março próximo pela Universidade de Colónia.

Arbitragem feminina

A Justiça italiana deverá pronunciar-se a breve prazo sobre o caso apresentado por uma mulher que solicitou o levantamento da proibição do sexo feminino arbitrar jogos de futebol de competição.

O caso foi levado ao Tribunal Civil de Roma por Luana Ercolessi, que desde há quatro anos arbitra jogos de amadores num centro desportivo de Bolonha, no Norte de Itália.

No juízo de Luana, a Associação Italiana de Arbitros teria violado o artigo três da Constituição de Itália, que estabelece a igualdade de direitos entre o homem e a mulher.

O regulamento da Associação Italiana de Arbitros permite exclusivamente aos homens desempenhar a função de árbitro de futebol de competição, deixando às mulheres a possibilidade de realizar tal missão em encontros de carácter não profissional.

Checoslováquia triunfante

A selecção da Checoslováquia venceu o clube colombiano Milionários por 2-0, em jogo particular de futebol disputado em Bogotá. Os golos foram apontados por Miroslav aos 26 minutos de jogo e por Ladislav aos 86.

Lazio a pique

Os dirigentes desportivos do Clube Italiano de Futebol Lazio apresentaram em Roma o seu pedido de demissão em virtude da má situação financeira do clube.

O défice financeiro do clube totaliza cerca de 6,5 milhões de dólares (35 milhões de escudos).

Espera-se que os futuros dirigentes do clube italiano sejam escolhidos ainda no início da próxima semana.

O Lazio foi despromovido da 1.ª divisão em virtude do seu envolvimento no escândalo das apostas clandestinas, no ano passado. A equipa ocupa agora o 2.º lugar na tabela classificativa do campeonato da 2.ª Divisão, atrás do Milão.

Consta nos circuitos desportivos de Itália que um dos dirigentes a ser escolhidos será António Sbardella, que já esteve ao serviço do clube de 1971 a 1973.

Ribalta das transferências

Pedroto provável no Boavista

O Boavista estaria bem colocado para conseguir a contratação do «pretendido» Pedroto. A questão central da verba a pagar ao treinador faz depender apenas neste momento a assinatura do contrato, mas entre hoje e amanhã tudo pode ficar decidido. Decidido esclareça-se a favor do Boavista ou de outro clube, nomeadamente o Sporting. Tudo depende de quem der mais.

Sporting: Nogueira «já lá canta»

O centrocampista Nogueira que tem dado esta época nas vistas ao serviço do Belenenses acaba de assinar por três épocas com o clube de que João Rocha é presidente.

Freire não sai

Freire acaba de assinar também pelo clube de Alvalade renovando o seu contrato na equipa que já servia por mais três épocas.

Delgado não entrou

Belenenses e Delgado não «casaram» ainda, como se previa. Dificuldades de diversa ordem impediram uma transferência que muitos se apressaram a dar como certa e confirmada. Prova provada mais uma vez de que até ao último minuto destas andanças muito pode acontecer.

Alves: «Futebol é selva»

A lei da selva e a luta pela sobrevivência imperam no futebol português — afirmou o internacional benfiquista João Alves, comentando a sua exclusão da selecção nacional. Cada vez mais o futebol é uma guerra em



Pedroto: Sporting ou Boavista? Decisão a rebentar

que parte humana deixou de contar, comentou Alves para quem a selecção deve ser a equipa representativa de Portugal e não a do senhor Juca ou do senhor Alves.

Para Alves não existem situações de rotura enquanto se souber dialogar e se abdicar de orgulhos e vaidades pessoais em favor de uma causa comum, que neste caso é a selecção do nosso país.

No entanto, o jogador assegurou que não abdica da sua personalidade, orgulho e educação, remetendo para a comissão técnica da selecção as possibilidades de reconciliação.

Não sou vingativo, sou conciliável — afirmou. Mas em situações em que a minha razão é evidente, como esta, não abdicó da minha posição. Trata-se de uma questão de honra.

Alves mostrou-se conformado com a decisão de Juca, apesar de esta impedir a concretização da sua meta, como futebolista.

Uma das razões que me levaram a regressar a Portugal foi a de estar mais



Freire: o Sporting conserva-o

perto para contribuir para a nossa presença no mundial, mas infelizmente parece que não vou poder concretizar esse objectivo — disse Alves.

O futebolista lembrou que nos jogos em que participou

deu uma pequena ajuda para a boa posição que Portugal ocupa neste momento e assegurou que em 1982 estará em Espanha como bom português a aplaudir a selecção.

Abdiquei de muitas coisas e até de benefícios pessoais para contribuir com o meu entusiasmo para o apuramento de Portugal, mas encaro esta situação como própria do mundo do futebol, uma autêntica selva onde cada um luta pela sua sobrevivência

— comentou.

Segundo Alves, a questão foi originada somente pelo caso da brádeira e não teve qualquer relação com a sua não convocação para o jogo de Glasgow com a Escócia, altura em que assegurou nada disse em desabono do seleccionador.

Juca teria prometido ao jogador, que seria o capitão frente à Irlanda do Norte, pelo que não está certo que na palestra que antecedeu o jogo tenha dado a brádeira a outro sem previamente me ter dito nada.

Qualquer pessoa por muito má que fosse, merecia uma explicação.

O capitão habitual da selecção, Humberto Coelho, que na altura do jogo com os irlandeses se encontrava lesionado, considerou a situação um diferendo entre duas pessoas, que tem de ser resolvido apenas entre elas.

Espero que o bom senso impere, pois trata-se de duas pessoas com muitas responsabilidades — disse Humberto Coelho. Gostaria que chegassem a uma plataforma de entendimento, a qual evitaria uma situação de desunião na equipa.

Académico de Coimbra-Varzim via TV

A 1.ª Divisão ocupa apenas hoje o espaço de um jogo: o Académico de Coimbra - Varzim, que será transmitido pela RTP às 19 horas. Nos escalões seguintes teremos:

II DIVISÃO — Às 15 e 30: Salgueiros - Leixões.

III DIVISÃO — Às 15 horas: Atlético - Oliveirense, U. Madeira - Loures e Cabeça Gorda - Trafaria.

JUNIORES — Às 15 horas:

Fiais da Telha - Vilanovense e Serpa - Montijo; às 15 e 30: Mirandela - Boavista e Tirsense - Amarante.

Os jogos de domingo

Primeira Divisão: Portimonense - Benfica; Amora - Sporting de Braga; Académico - Varzim; FC Porto - Boavista; Ac. Viseu - Sp. Espinho; Marítimo - V. Setúbal, V.

Guimarães - Belenenses e Sporting - Penafiel.

Os encontros relativos à jornada da 2.ª Divisão são os seguintes: ZONA NORTE: Mirandela - Fafe; Chaves - Riopelle; Rio Ave - Amarante; U. Lamas - Sanjoanense; Gil Vicente - Ermesinde; Vizela - Bragança e Famalicão - Paços de Ferreira.

ZONA CENTRO: Est. Portalegre - Nazarenos; Sp. Covilhã - U. Leiria; Cartaxo - Ol-

iveirense; Águeda - Oliveira do Bairro; Torriense - U. Santarém; Beira Mar - Benfica e Castelo Branco; Caldas - Portalegrense e Alcobaca - Viseu e Benfica.

ZONA SUL: Odivelas - Estoril; Lusitânia - Nacional; Montijo - Juventude; Beja - Sacavenense; Lusitano - Cova da Piedade; Quimigal - Silves; Oriental - Farense e Est. Amadora - Vasco da Gama.

O traço de Pargana



Benfica: depois de um «duche», um... «banho»?

Atletismo: proeza nas 50 jardas

O americano Renaldo Nehemiah tornou-se ontem, em Toronto, o primeiro atleta a correr as 50 jardas barreiras (45 m 72) em sala, em menos de seis segundos. Nehemiah tendo feito 5" 98 melhorou de 3/100 de segundo a melhor marca mundial por ele próprio realizada nesta época em Los Angeles.

Maratona mundial
A Federação Internacional de Atletismo Amador (IAAF) anun-

ciou em Tóquio que irá organizar uma Maratona Mundial em Atenas na Primavera de 1982.

A maratona terá um percurso idêntico à histórica maratona dos antigos gregos de Atenas, seguindo o porta-voz da IAAF.

A distância a correr será de 42 195 metros e estarão presentes grandes figuras do atletismo mundial, especializadas em corridas de fundo.

A próxima reunião do IAAF em

Março, na cidade do Cairo, trará novas considerações sobre esta prova.

Quem vai aos europeus de pista coberta

A Federação Francesa de Atletismo anunciou os 23 países que participarão, em 21 e 22 de Fevereiro, nos 12.º Campeonatos da Europa em pista coberta, que se realizarão em Grenoble (Isère).

Os países são os seguintes: Áustria, Bélgica, Bulgária, Dinamarca, Espanha, Finlândia, Grécia, Hungria, Inglaterra, Islândia, Itália, Noruega, Países Baixos, Polónia, Portugal, RDA, RFA, Suécia, Suíça, Checoslováquia, URSS, Jugoslávia e França.

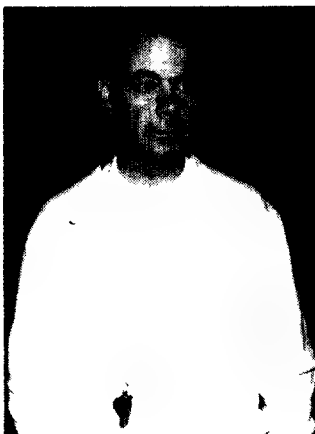
A prova reunirá um total de 305 atletas, sendo 111 mulheres e 194 homens.

Hóquei em final

Para todo o mundo
ver (via RTP)

A Marinha Grande é hoje «terra de ninguém» para acolher a final da Taça de Portugal em Hóquei em Patins que colocará face a face as equipas do Benfica e do FC Porto.

Benfica que, recorde-se, é o detentor nos últimos três anos do sempre apetecido troféu. Este ano como será? Quarta vez campeoníssimos, os homens de Torcato Ferreira? Ou interrupção de palmarés ao fim de três taças arrebatadas consecutivamente? Logo se verá em todo o País com a transmissão em directo pela RTP, às 17 horas.



Torcato Ferreira, treinador do Benfica: «É o jogo do ano»

Automobilismo

Mikkola à frente
na Suécia

O finlandês Hannu Mikkola em Audi Quattro comanda o Rali da Suécia após a sétima prova classificativa.

Mikkola gastou até agora o total de uma hora, três minutos e 41 segundos.

Até à 5.ª posição a ordem dos

concorrentes é a seguinte: 2.º Ari Vatanen, Finlândia, Ford Escort, 1.04.13; 3.º Pentti Airikkala, Finlândia, Ford Escort, 1.04.51; 4.º Stig Blomqvist, Suécia, SAAB 99 Turbo, 1.04.53; 5.º Anders Kullang, Suécia, Opel Ascona, 1.05.19.

Organização portuguesa dá novidades

A organização do campeonato do Mundo de hóquei em patins de 1982, a realizar em Portugal, custará cerca de 24 milhões de escudos, afirmou o dirigente federativo Fernando Pereira.

O mesmo dirigente, que chefiará o grupo de preparação da organização do «Mundial-82», acrescentou que os cálculos de receita (bilheteira, publicidade de provávelmente, televisão) prevêem que a mesma suporte os elevados encargos da prova.

Nos 24 milhões de escudos não está incluída a verba a despende com a preparação da equipa portuguesa, cujo montante global dependerá do plano a apresentar à federação pelo futuro seleccionador nacional, provavelmente Júlio Rendeiro.

Em relação ao campeonato do Mundo disputado o ano passado no Chile, há a registar o aumento de participantes de 18 para 24 e a realização das duas séries da fase final no mesmo pavilhão.

A fase de apuramento, com as equipas divididas em dois grupos de 12 deverá realizar-se em Barcelos e Lisboa, pois a cidade do Porto, que chegou a ser colocada como uma das hipóteses,

encontra-se posta de parte.

Fernando Pereira explicou que a Associação de Patinagem do Porto ficou de dar uma resposta sobre a candidatura da «Cidade Invicta» há cerca de um mês mas, «até hoje, o grupo de preparação não recebeu qualquer indicação dos dirigentes nortenhos».

O grupo de apuramento a disputar em Lisboa, no qual deverá ser incluída a selecção portuguesa, poderá ter por cenário o novo ou o actual pavilhão do Sporting e, em último caso, o Pavilhão dos Desportos.

«Para definir esta questão aguardaremos até ao fim da próxima semana que o Sporting confirme a proposta que nos fez nesse sentido e as condições resultantes da utilização dos recintos», acrescentou o dirigente da Federação.

No plano do grupo de preparação do «Mundial» figura como ponto assente a escolha de Barcelos para a realização das duas séries da fase final satisfazendo o pedido feito do Chile pela maioria dos delegados dos países participantes.

«Compreendemos esse pedido. No Chile houve equipas que não viram jogar, por exemplo, Portugal e a Argentina, dada a distância a que se disputavam os distintos grupos. São países em evolução que precisam de ver jogar as principais potências», explicou Fernando Pereira.

A Federação Portuguesa de Patinagem vai propor ao Comité Internacional de Hóquei em Patins, cuja próxima reunião está marcada para Março em Lisboa, que a fase final seja dividida em dois grupos de dez e 14 equipas.

No primeiro grupo disputar-se-ão o título e as posições até ao 10.º lugar, enquanto no segundo se definirão os restantes 14 lugares em disputa.

Ainda quanto ao número total de equipas, Fernando Pereira admitiu a impossibilidade de, pelo menos para já, poder garanti-lo com exactidão.

«Estou no entanto convicto de que, na pior das hipóteses, serão pelo menos 22 os países participantes, embora acreditemos na presença de mais dois», reforçou aquele dirigente.

Entre as selecções que deverão deslocar-se a Portugal e não estiveram no último «Mundial», no Chile, figuram as de Angola, Moçambique, Bélgica, Alemanha Federal, Jugoslávia e Irlanda.

Angola será a única estreante, pois as restantes já participaram na competição, com destaque para a Bélgica e Alemanha Federal com várias presenças no principal torneio internacional da modalidade.

Moçambique participou uma só vez, em 1978 na Argentina, enquanto a Jugoslávia e a Irlanda também chegaram a disputar o campeonato na década de quarenta.

O grupo de preparação da organização do «Mundial-82», de que também fazem parte Vítor Manique, Hélder Casimiro e João Cirne, apresentará o seu plano até ao final da próxima semana.

Posteriormente, o grupo chefiado por Fernando Pereira será dissolvido, dando lugar à comissão organizadora do campeonato, a indicar no âmbito da federação.

Hoje

ANDEBOL — Campeonato Nacional Masculino da I Divisão. Zona Norte: Desp. Portugal-Académica (pav. Vigorosa, 21.30), S. Bernardo-Académico do Porto (pav. Aveiro, 21.30), Francisco Holanda-Espinho (pav. Guimarães, 21.30), S. Mamede-Póvoa (22), Padroense-CDUP (pav. S. Mamede, 20.30) e FC Porto-Maia (21.30). Zona Sul: Oriental-Paço de Arcos (pav. D. Dinis, 21.30),

Passos Manuel - Encarnação (pav. D. Pedro V, 21.30), Benfica - Caramão (pav. Luz, 21.30), Sporting - Cascais (22), Académica da Amadora - Belenenses (21.30) e Almada - Estefânia (pav. D. António da Costa, 21.30).

Campeonato Nacional da II Divisão — Zona Norte: Beira Mar - Amoníaco (21.30), Gaia - Fermentões (21.30), Águas Santas - Sp. Braga (21.30), Académico de Braga - Bairro Latino (pav. municipal 21.30), e Vilanovense - Oleiros (21.30).

Zona Sul: Liga de Algés - Técnico (21.30), U. Leiria - Estrela Portalegre (pav. Leiria, 18.30), CDUL - Caselas (pav. universitário, 21.30), Atlético Sismaria - V. Setúbal (pav. Leiria, 21) e Salvatense - Arsenal do Alentejo (21.30).

Campeonato Nacional de seniores femininos. Zona Beira Alta: Albergaria - Beira Mar (pav. Aveiro, 18).

ATLETISMO — Campeonatos Regionais de Lisboa de Corta-Mato, para infantis e iniciados

de ambos os sexos, no hipódromo do Estádio Nacional, a partir das 16 horas.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Masculino da I Divisão (fase final). Grupo A: FC Porto - Atlético (pav. Antas, 18), Sangalhos - Sporting (pav. Sangalhos, 18) e Ginásio Figueirense - Benfica (Liceu F. Foz, 18.30). Grupo B: Ovarense - Barreirense (17), Olivais - Algés (17.30), SL Oriental - Cruzquebradense (pav. Paço de Arcos, 18.30).

INDÚSTRIA DE CIMENTO

Produções e saídas para o Mercado Interno

JANEIRO/1981

	VALORES PARCIAIS			VALORES ACUMULADOS		
	TONELADAS		Variação 81/80 (%)	TONELADAS		Variação 81/80 (%)
	1981	1980		1981	1980	
	PRODUÇÕES					
JANEIRO	534.721	460.688	+ 16,1	534.721	46.0688	+ 16,1
	CONSUMO INTERNO					
JANEIRO	535.801	490.214	+ 9,3	535.801	490.214	+ 9,3

NOTAS:

PRODUÇÕES — Em Janeiro, a produção de cimento foi superior em 16,1% à verificada no mesmo mês do ano anterior.

CONSUMO INTERNO — Em Janeiro, as saídas para o mercado interno (Continente e Ilhas) foram superiores em 9,3% às verificadas no mesmo mês do ano anterior.

IMPORTAÇÃO — 12.614 toneladas (valor acumulado do ano).

EXPORTAÇÃO — 950 toneladas (valor acumulado do ano).

Estes valores incluem as produções e as saídas para o mercado interno das empresas:

CIMPOR — Cimentos de Portugal, E.P.

SÉCIL — Companhia Geral de Cal e Cimento, S.A.R.L.

E.I.I. — Entrepósito Industrial das Ilhas, S.A.R.L.

e englobam todos os tipos de cimento.



AVISO

NOVAS CARREIRAS
INÍCIO 7 FEVEREIRO

Carvalhal-Sintra (estação)

Venda Seca — Lisboa (Alcântara)

● Carvalhal
● Almorquim
● Faião
● Silva
● Cabrela
● Terrugem
● Vila Verde
● Sintra (estação)

● Venda Seca
● Idanha
● Belas
● Queluz (Quatro caminhos)
● Amadora (B.º Janeiro)
● Reboleira
● Damaia (Estação)
● Buraca
● Alfragide (B.º Zambujal)
● Campos Elísios
● Lisboa (Belém)
● Lisboa (Alcântara)

Informações C. E. P. — 05

FILIAL DE SINTRA — TEL. 293 06 62
FILIAL DA ERICEIRA — TEL. 6 27 17

Queluz de Baixo Tel. 95 42 10
96 03 75

Canal da crítica

Mário Castrim

A seca continua também na Televisão

Na RTP parece estarem ainda abanados com a ordem de acabar a função das onze. A locutora, a propósito da hora de encerramento, anuncia que «contam» se efectuará «próximo das 23 horas...»

Assim foi, no entanto, no que respeita ao primeiro programa. Acertaram, desta vez. Parabéns.

Lamentavelmente, na grelha de programação, esqueceram-se de escrever as rubricas dedicadas às crianças. Quando escrevem é do género «A avó do Sebastião». Tudo porque ao aparelho estranho lhe faltam os acentos e as cedilhas também. Terça, por exemplo, passou a ser «terça». A gente percebe. O pior é para a miudagem que, depois, na escola, é uma epidemia a esquecer os acentos.

Claro, não anunciar os programas infantis, que importância têm? Os programas infantis comemoram por não existir. A tal ponto que é legítimo a uma pessoa perguntar se ainda haverá crianças em Portugal.

Ontem, o espaço «para os mais novos» era assim uma espécie de manta de retalhos. Incluía a ilustração de um poema de Maria Alberta Meneses sobre as crianças e não para as crianças. E também uma história da tal «avó do Sebastião». Pois é. Por estas e por outras é que a ilha do Curação se chama hoje Curaçau e as ilhas das Malucas

levam hoje nome de Molucas.

Nessa história, a Maria Margarida afirmou que o Sebastião fez uma casa muito feia. Estava-se mesmo a ver que era cara. As crianças não perceberam e, mesmo que percebessem, perdavam. A salvação dos adultos é que as crianças tudo perdoam. Se não, o que é que já não seria feito deles...

Também, de súbito, a Margarida pôs na boca do tio do Sebastião este comentário: **Como as mulheres são infelizes, só porque adormecemos uns minutos...**

Machismos. Anda a Malu a fazer por um lado e os programas infantis a desfazer por outro...

Em «País, País», o jornalista José Moedas fala-nos do reaparecimento de «Diário do Alentejo», em palavras cheias de bom-senso e de ponderação. Trata-se de um projecto ambicioso de descentralizar a informação e José Moedas tem razão: nada de pressas excessivas, tudo se deve fazer para ganhar a aposta.

Daí ao **Telejornal** foi um passo. Claro que a Polónia, o Walesa, o diabo a sete. A RTP é uma pequena amostra da intriga, da confusão, de combustível que o imperialismo deita na fogueira.

O Cerqueira percebe da poda. Por exemplo: quando se trata de uma notícia referente ao Pacto de Varsóvia, o locutor lê a notícia ostensivamente de olhos baixos. Isso cria, de imediato, um fenó-

meno de distanciação da audiência.

Por outro lado, avalie-se do critério jornalístico do **Telejornal** pelo seguinte facto: dá a notícia, com entrevista e tudo, da ida de Helena Roseta para a OCDE — mas silencia totalmente o caso da ajuda do Governo ao Chile, e o problema indecoroso da participação do Gonelha na ciática trilateral.

A isto, a este tipo de descarada manipulação, se chamou ainda ontem «uma informação completa, isenta e pluralista». Sim, que o **Telejornal** se alista é verdade, e nós sabemos aonde.

Depois dos pintos do aviário de Proença, os desgraçados portugueses, órfãos de Dona Xepa, tiveram de se contentar, ou seja, tiveram de bocejar com o Arsène Lupin.

Para as dez horas estava marcada a continuação do bocejo com uma «Primeira Página». Escolhidos, quatro personagens: Gonçalo Ribeiro Teles, Veiga Simão, António Barreto e Lopes Cardoso. A menina Marante, que se pela por estas coisas (quanto é que o infantário da «Primeira Página» terá pago pela transferência?), moderou. Temas eram dois: consequências da seca na agricultura e na produção energética.

Razões da escolha? Não se descortinam e não foram explicadas. Teles é arquitecto, não percebe de energia nem da agricultura; Barreto declarou não ser

técnico de agricultura (pois claro, bem me parecia!) e de energia também não creio que seja. Restam dois com suficiente credibilidade.

O meetinguinho não tem história. Teles é um pobre homem emocional, sempre remetido ao silêncio quando confrontado com as suas tolices, teve deslante de acusar Veiga Simão de haver falado muito, o pobre que quase não abriu o bico, enquanto o próprio Teles, choramingas, foi o mais tagarela...

António Barreto não percebe nada. Consta que os anjinhos vão passar a usar barba.

Veiga Simão diz sempre o mesmo e ontem nem esse «mesmo» o Teles lhe permitiu que dissesse. Deixou em «suspense» a acção provável das centrais espanholas sobre o vinho do Porto...

Lopes Cardoso, à margem da bagunça, procurou (e conseguiu, em certa medida) pôr uma certa ordem na mobilidade. Desmentiu a afirmação de Teles relativa à Reforma Agrária (a ignorância deste homem é um espanto!), desmontou a incongruência das posições ecológicas defendidas na base de um projecto AD. Não fosse ele, e esta «primeira página» não serviria nem mesmo para emburhar castanhas.

A novidade foi a opção terceiro-mundista de Ribeiro Teles. Ora toma! Então o vírus meloanista já começa a minar a AD?...

J. MARQUES

Reparação em TV a cores ou a preto e branco.
Montagem de antenas individuais e colectivas

Tel. 573559 - 577706

Hoje



Na RTP-1, pelas 21.40, exibição de um programa em memória do cantor norte-americano Nat King Cole, em que Sol Rame canta alguns temas mais conhecidos deste cantor

RTP-1

- 15.35 «Mulherzinhas» — 3.º episódio.
- 16.25 Animação
- 16.55 **Hoquei em Patins** — final da Taça de Portugal, entre o Benfica e o Porto, directamente da Marinha Grande.
- 18.20 «As Aventuras da Pantera Cor-de-Rosa»
- 18.55 **Futebol** — transmissão directa, do Estádio Municipal de Coimbra, do jogo da 20.ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, entre o Académico de Coimbra e o Sport Clube de Varzim.
- 21.00 **Telejornal**
- 21.35 **O Tempo**
- 21.40 **Recordando Nat King Cole**
- 22.10 **Eu, Show Nico** — programa com Nicolau Breynier.

RTP-2

- 20.02 **VII Sinfonia de Mahler**
- 21.30 «O Mistério da Dama Desaparecida» — intérpretes: Elliot Gould, Cybil Shepherd e Angela Lansbury.

PUB

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

hoje às 21.45h

3 meses em frente da porta do lado de fora

DE WOLFGANG BORCHERT

últimas

só até dia 22

semanas

DOMINGO SÓ ÀS 16H

2ª FEIRA DESCANSO

PRAÇA DE ESFANHA - M. PALHAVA

TEL 76 26 24 - SUB. DA SEC

ALGARVE

TERRENOS

Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 70 000\$00. Telefone 94 11 13 (horas de expediente).

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia

NÃO SE PAGA! NÃO SE PAGA!

de **Dario Fo**

Todos os dias às 21.30
Domingo às 17 horas
Segunda — descanso... é, de facto, impagável.
C. Porto — «DL»
2.º Mês
A bilheteira abre às 18 horas

GH

TEATRO DA GRAÇA

Tv. S. Vicente, 11 — tel. 875626

A VIDA ÍNTIMA DE LAURA

de CLARICE LISPECTOR

UM ESPETÁCULO PARA TODOS

«Uma Beleza» — Carlos Porto (Diário de Lisboa)

«Um espectáculo modelar» — Jorge Listopad (D. Notícias)

«O mais espantoso nascer de pinto que se viu até hoje» — F. Mitódes (D. Popular)

SÁBADOS E DOMINGOS às 15.30 e 17.30H

ATENÇÃO ESCOLAS: PODEM MARCAR ESPETÁCULOS PARA OS DIAS DE SEMANA PELO TELEFONE 875626

OS SÓCIOS DA VOZ DO OPERÁRIO TÊM ENTRADA GRATUITA

Subsídio da SEC

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz saber que, no dia 25 do próximo mês de Fevereiro, às 10 horas, à porta do tribunal do 12.º Juízo Cível desta Comarca de Lisboa, sito no Palácio da Justiça, nos autos de carta precatória vinda da 3.ª Secção do 7.º Juízo Cível da Comarca do Porto, extraída dos autos de execução de sentença que a exequente — DISMAEL-Sociedade Distribuidora de Malhas, Lda., com sede na Rua Ferreira de Novais, 35-Porto, move contra o executado — Centro Comercial Bloco 16, Lda., com sede na Rua Pinheiro Chagas, 10-Lisboa, há-de ser posta em praça pela 1.ª vez para ser arrematada ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, uma máquina registadora marca Cash Master, N. 142617.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1981

O Juiz de Direito
Joaquim Manuel Cabral e Pereira da Silva

O Escrivão de Direito
João Lobato Correia

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!

RTP-1

Recordando Nat King Cole (21.40)

RTP-2

«O Mistério da Dama Desaparecida» (21.30)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef. 2112871

Amanhã

RTP-1

11.00: Tempo dos Mais Novos; 12.30: Eucaristia Dominical; 13.20: Setenta e Sete; 13.55: Sumário; 14.00: TV Rural; 14.30: O Passeio dos Alegres; 18.30: Grande Encontro; 20.00: «Os Ropas»; 20.30: Telejornal; 21.05: O Tempo; 21.10: TV Show; 22.05 «Dallas» — episódio n.º 7.

RTP-2

20.00: Os Pilares da Sabedoria — último episódio; 21.00: «South Riding» — episódio n.º 8; 22.00: Ao Vivo.

GRUPO DE CAMPOLIDE

ACADEMIA ALMADENSE — ALMADA — TEL. 2752175

BREVEMENTE

«O ESPANTA PARDAIS» de M.ª Rosa Colaço

enc. de José Martins sub. SEC-CMA

atelier BELO MARQUES

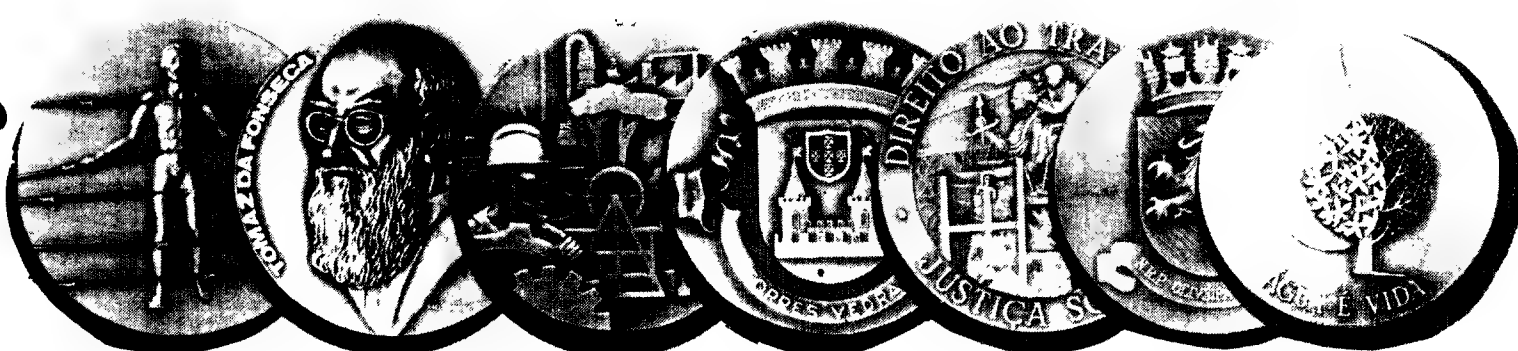
R.DA TRINDADE, 5-2º D

R.VITOR CORDON, 12

1200, LISBOA

TELEF: 371254

MEDALHAS COMEMORATIVAS



ROTEIRO CULTURAL

Visitas

Sé e Igreja do Menino de Deus ou os 'passeios' de amanhã do Centro Nacional de Cultura. Amanhã, às 10 horas, o Centro Nacional de Cultura dois "passeios": um à Sé, outro à Igreja do Menino de Deus. No primeiro, os visitantes terão a oportunidade de saber como pode ser feita uma "leitura estética de um monumento" apoiada, contudo, em elementos históricos. No segundo, desde o estilo até à situação geográfica passando pelo problema da fundação da Igreja do Menino de Deus passando pelo problema da sua fundação e do artefacto ou artefactos que a fizeram, não esquecendo a pintura, azulejos e uma visita ao Claustro, tudo isto será proporcionado aos visitantes que se encontrem, amanhã, às 10 horas, em frente dos respectivos edifícios.

Encontros

Camões na Comuna. O Centenário de Camões em 1880 é o tema do "Sábado CLAC" de hoje. Com efeito, hoje, às 18.30, o Clube dos amigos da Comuna debruçar-se-á sobre a história e o brilho das comemorações camonianas de 1880. Oradores: Alexandre Cabral e Adolfo Simões Muller.

Homenagens

Sessão sobre Alves Redol. Realiza-se hoje, às 16 horas, na Câmara Municipal da Amadora, uma sessão pública de homenagem a Alves Redol, escritor e cidadão, na qual intervém João de Freitas Branco, Igrejas Caeiro, José Saramago e Paco Bandeira. Armando Caldas lerá uma pequena biografia de Alves Redol, trechos de "Gaibéus" e poemas de escritores neo-realistas, acompanhado à guitarra clássica por José Carlos Calzans e à flauta por Alexandre Branco. Actuará também o Grupo Folclórico Ribatejano com danças do Ribatejo, entre as quais o fandango dançado com uma garrafa na cabeça e com o espectacular jogo do pau. A encerrar a sessão, as "chulas" e outras canções de Paco Bandeira.

Música

"Blues Band" no Coliseu. Hoje à noite (21.30) uma grande noite de "rock" no Coliseu. No palco, um grupo de qualidade, um "rock" com conteúdo social, uma música e palavras que escapam à "alienação" do que muito por aí se ouve. Um "rock" diferente, feito por músicos que integraram algumas das maiores formações desse género de música: "Eric Clapton Band", "John Mayall Bluesbreakers", "Manfred Mann's Earth Band", "MacGuinness Flint". Um conselho: vá esta noite ao Coliseu!... Ou então vá - Last but

not the least... - à incrível Almadense, em cujo palco desfilarão, hoje à noite, 21.30 também, Carlos do Carmo, Grupo de Teatro de Campolide, António Vitorino de Almeida, os guitarristas António Chaiño e José Maria Nóbrega, José Carlos Ary dos Santos, Paulo de Carvalho, Carlos Mendes, Edmundo Silva (para serem os "Sheiks" em peso só falta o Chaby...), Carlos Paredes, Fernando Alvim, Helena Isabel, Samuel, José Jorge Letria e as bandas da Academia Almadense, Incrível Almadense e União Artística Piedense, ou seja, uma grande parte do "supra-sumo" da nossa música.

Música na Sé Patriarcal. Amanhã, às 16.30, concerto de órgão, por J. Simões da Hora. Serão interpretados trechos de Rodrigues Coelho, Aguilera de Heredia, Diego da Conceição, Johann Froberger, Pierre DC Mage, Johann Pachelbel e D. Buxtehude.

Fernando Lopes Graça em Alpiarça. Integrado nas comemorações das Bodas de Diamante da Vila de Alpiarça, realiza-se hoje, às 21 horas, no Ginásio de "Os Águias de Alpiarça", uma sessão de homenagem ao maestro Fernando Lopes Graça com o seguinte programa: actuação do Coral Phydellius, de Torres Novas; actuação do Coro da Academia de Amadores de Música, dirigido por Fernando Lopes Graça; evocação do seu desterro em Alpiarça (1931/32), feita por Fernando Lopes Graça; "Quatro Canções Regionais Portuguesas"; homenagem

dos alpiarcenses ao compositor e maestro; "Cinco Canções Heróicas". As quatro Canções Regionais Portuguesas e as Cinco Canções Heróicas serão interpretadas em conjunto pelo Coral Phydellius e pelo Coro da Academia de Música, sob a direcção do maestro Lopes Graça.

Fantporto/81. Encerra, amanhã, no Porto, a I Mostra Internacional de Cinema Fantástico - Fantporto/81. Na ocasião, os organizadores promovem no Auditório Nacional de Carlos Alberto um grande colóquio em que estarão presentes para além de outros críticos de cinema, Lauro António, Alves Costa e José Matos Cruz. Nele se debaterão as perspectivas do género fantástico na sociedade actual e as possibilidades de continuação de Fantporto, como iniciativa cultural de interesse colectivo para a dignificação do género fantástico. Entretanto, e no quadro do Fantporto, realiza-se hoje, às 18.30, nos CTT, uma conferência sobre o tema "O Fantástico e o Cinema", proferida pelo crítico e realizador Lauro António. Enquanto isso estão programados para hoje os seguintes filmes: "Metropolis", de Fritz Lang e "Os Parasitas da Morte", de David Cronenberg (15.30); "Os Parasitas da Morte", de David Cronenberg (21.45). Programa de amanhã: "A Mulher na Lua", de Fritz Lang (15.30); "O Testamento do Dr. Cordelier", de Jean Renoir (18.30); "Por favor não me mordam no pescoço", de Roman Polanski (21.45).

NOVAS CARTAS DO BRASIL

Continuação da pag. 3

Benjamin Vargas, sacara de um revólver e dera vários tiros para o ar. Apagaram-se as luzes. Gráfinas desmaiaram. Mas, de repente, vindo do fundo do palco, chegou um carro com papagaios voando em volta, onde uma alegre orquestra, abriu, com desesperado fulgor, a realidade de um carnaval que ia nascer dentro de poucas horas por todo o Rio de Janeiro. E, com os papagaios saltitando por cima das mesas, todo mundo começou cantando: - "Vão acabar com a praça Onze; não vai haver mais escola de samba, não vai..."

E foi assim que durante três dias e três noites, andei enfiado por todos os recantos da cidade, onde estivessem sofrendo, sufocados, todos aqueles que se sentiam postos à margem dos seus mais íntimos desejos e sonhos. E vim a saber que, ela, pisara de pés descalços, vidro moído nos terreiros mais escondidos do sobrenatural carioca. E que fora levada por negros pescadores a uma igreja, em ruínas, na ilha do Governador, onde fora venerada por ter os olhos mais verdes de todas as rainhas do mar, sob o nome de Yemanjá. E que fora expulsa de um centro espírita porque lhe negavam a qualidade de ser mulher. E, por fim, que um negro hercúleo, de quase duzentos quilos, a levava à festa máxima dos bêbados de todas as noites: - a orgia!

MAS, agora, toda a cidade só cantava, de fingidas lágrimas na voz: - "É hoje só, amanhã não tem mais. É hoje só amanhã não tem mais". O carnaval chegara ao fim. Encontrei-me, de surpresa, na praça Onze. Desolado

e perdido. E chegou, sonora, aos meus ouvidos, a voz afrancesada do cenógrafo Hipólito Collob, meu companheiro da "Cinédia" e dos seus filmes:

- É! Tu aí, sim, vem comigo! Sabes o que nós descobrimos? O corpo de La Guilbert!

Enveredamos, então, por velhas ruas, entrecruzadas que, mais tarde foram demolidas, até encontrarmos um pequeno hotel, onde, guardas de piquete, à porta, não deixavam entrar ninguém. Mas, Collob, por sua vez, também era da polícia. Treparamos degraus quase a pique. Um corredor. Uma porta. E lá estava estendido, num catre, coberto apenas pelo pano-da-cosa da sua fantasia de baiana, o cadáver furado por três balas, de La Guilbert. Ao acaso, aqui e ali, vimos o turbante, as saias sem fim, a camisa de renda, os balangandans e todas as fitas de fantasia costurada por Helena Soares...

DESCEMOS. Então, Collob, disse para mim: - O pai de La Guilbert era um cantor de tangos que eu conheci em Paris Boémio, e meio louco. Mas o filho era ainda mais louco do que o pai. Tinha a mania de se vestir de mulher. Sabes como é. Ora todo louco tem sempre uma crença que o persegue. Não há, quando o persegue, mas a certeza de serem Napoleão? É ou não é? Pois este pobre louco tinha a mania de ter recebido o espírito de Ivette Guilbert!...

E o povo em nossa volta gritando: - É hoje só, é hoje só, é hoje só...

Fim da 8.ª carta

A seguir: A VOLTA AO QUOTIDIANO

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS	(Por unidade)	
	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	523.00	579.00
ALEMANHA FED. (marco)	258.65	268.75
AÚSTRIA (xelim)	38.65	38.75
BELGICA (franco)	185.34	196.34
BRASIL (cruzeiro)	96.65	99.30
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	46.25	48.25
(notas de 5 a 1000)	46.75	48.75
DINAMARCA (coroa)	88.35	88.75
ESPANHA (peseta)	6.14	6.74
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	55.55	57.55
(notas de 5 a 1000)	56.05	58.05
FINLÂNDIA (marka)	13.70	14.30
FRANÇA (franco)	11.15	11.75
HOLANDA (florim)	23.65	24.65
INGLATERRA (libra)	130.00	134.00
IRLÂNDIA (libra)	96.10	100.10
ITALIA (lira)	9.49	9.59
JAPÃO (iene)	32.48	32.78
NORUEGA (coroa)	10.20	10.70
SUECIA (coroa)	12.95	12.65
SUIÇA (franco)	28.10	29.20
VENEZUELA (bolivar)	11.90	12.90

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR **UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO**
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

1.º Programa

17.00: Música; 18.00: Lisboa... cidade; 19.30: Jornal da noite; 20.00: D'ontem, d'hoje e d'amanhã; 21.30: Fados; 22.00: Programa da noite; 24.00: Jornal da meia-noite.

2.º Programa

16.15: Quarteto de câmara; 17.10: Música de bailado; 18.25: Solos de cravo, de Bach - intérpretes célebres; 19.45: "Pequena Sinfonia", op. 39, de Roussel; 20.00: Música sinfónica de Brahms; 21.00: Orquestras de câmara; 22.00: Cantatas; 23.00: Intercâmbio musical; 23.45: Sonatas para piano; 00.30: Árias de ópera pelo soprano Renata Tebaldi; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290m)

15.03: Sábado muito especial; 18.05: Som fantástico; 19.03: É o fim; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.03: Quando o telefone toca (3.ª edição); 21.30: Tempo de desporto.

RC-FM-Estéreo (97.4 Mhz)

15.03: Mão na música; 17.03: Top's; 19.03: Em órbita; 21.03: Entretanto.

RÁDIO RENASCENÇA

18.25: Palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Roda viva; 20.00: 60 minutos; 21.00: Pentagrama; 21.30: Diálogo e vida; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Rádio revista.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 954

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

- Cai à cama. Aseilas.
- Covil. Artigo definido. Xale das mulheres índias e parças.
- Em má hora (ant). Termo.
- Bigorna de curvas.
- Tempo do verbo fazer. Divisão de uma casa.
- Coragem. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Apelido.
- Zomba. Colocarás. Prata (s.q.).
- Artigo definido. Fúteis. Chefe etlope.
- Ir para fora. Lábios.
- Completo (pl). Relativo aos rins.
- Sufixo que designa abundância. Carinhosa.

VERTICAIS:

- Prender. Freguesia do concelho de Ponte da Barca.
- Coração. Tempo do verbo ir. Preposição e artigo (pl).
- Respeitar. Existência.
- Sugar o leite materno. Estaciono.
- Choupos. Apelido.
- Brisa.
- Mastigar sem engolir. Letra grega.
- Guarnição de asas. Perceber.
- Padre. Inércia.
- Artigo. Arara. Cabelos brancos.
- Fechas as asas para descer mais depressa. Alisa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco ou moderado de Leste e forte em algumas regiões do Sul e chovia em Sagres.

TEMPERATURAS DO AR às 9 horas

Viana do Castelo	9°
Bragança	3°
Vila Real	5°
Porto	8°
P. Douradas	0°
Coimbra	11°
C. Carveiro	9°
Portalegre	7°
Lisboa	7°
Évora	7°
Sines	10°
Beja	7°
Sagres	14°
Faro	12°
P. Delgada	10°
Funchal	10°

MARÉS DE HOJE

	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.41	3,5 m	5.05 1,6 m
		17.34 1,6 m
	Dia 15	
0.15	3,7 m	6.16 1,4 m
12.48	3,6 m	18.34 1,4 m
	Dia 16	
1.14	3,8 m	7.11 1,3 m
13.43	3,8 m	19.23 1,3 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Nas regiões do Norte e Centro: céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Sueste. Nas regiões do Sul: céu muito nublado; vento de Sueste, moderado, por vezes com rajadas fortes; possibilidades de aguaceiros ou chuviscos.

AMANHÃ

NAScer ÀS 7.28

OCASO ÀS 18.15

CAMPANHA NACIONAL

Tiragem média diária do mês anterior: 48.364 exs.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8914

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

- Pândega. Cidade de França.
- Estimais. Cai à cama.
- Aldeia. Rádio (s.q.). Letra grega.
- Preposição e artigo. Brasil.
- Oferença. Oferceis.
- Cingiramos.
- Oásis. Compaixão. Preposição.
- Estima. Segundo.
- Limpos.
- Sair frequentemente à rua. Suspiros.
- Equipamos. Agora.

VERTICAIS:

- Ofensa grave. Rã.
- Estima. Estava. Cidade da antiga Caldeia.
- Uma das encarnações de Vixnu, na mitologia hindu. Remavam para trás.
- Separa a baganha de (o linho). Equipara.
- Guarnição de asas. Frâncio (s.q.). Lavram.
- Idem.
- Igual. Rio de Portugal. Seguias.
- Terminam. Acrescentei.
- Batráquio. Cursos de água naturais e abundantes. Sufixo que designa abundância.
- Soluçasseis.
- Vais para fora. Nota musical. Bário (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 953

HORIZONTAIS:

- Asma. Casa.
- NAO. HA. Ores.
- Obra. Parais.
- SERMAO. Iltu.
- Amaine. An.
- SM. Ina.
- Ca. Rondão.
- Arar. Anhos.
- Sr. Assoa. Sa.
- SEM. Mais.
- Amaro. Posso.

VERTICAIS:

- Anosa. Cassa.
- Sebem. Errem.
- Morres. Ma.
- Amimara.
- An. Sio.
- Capoeiras.
- Nono.
- Cor. Cãnhamo.
- Arar. Dó. As.
- Seita. Assis.
- ASSUNTO. Aso.

Provérbio: NAO HA SERMAO SEM ASSUNTO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8913

HORIZONTAIS:

- Gualaxara.
- Rimar. Galos.
- Ovar. Ioda.
- Sas. Fam. Res.
- Ar. Pó. Aa. Ms.
- Fermela.
- Abel. Arem.
- Armao.
- Dás. Ais. Era.
- Ovas. Alar.
- Ramos. Atoro.

VERTICAIS:

- Grosa. Dor.
- Uivar. Brava.
- Amas. Fã. Sam.
- Dar. Péta. Só.
- Ar. For. Rã.
- Pã. Múmia.
- Ag. Mãe. As.
- Xai. Alao. At.
- Alor. Ar. Elo.
- Rodem. Errar.
- Assassem. Aro.

Lisboa

Lisboa

HOJE PERMANENTE

LOPES RIBEIRO - Rua do Cruzeiro 117 (Tel. 633288); **IBERIA** - Rua Barão Sabrosa 235-235A (Tel. 888277); **ALVALADE** - Av. da Igreja 18A (Tel. 892070); **SÃO JOSÉ** - Rua dos Anjos 41A (Tel. 570730); **INTERNACIONAL** - Rua do Ouro 228-230 (Tel. 360203); **MACEDO** - Est. Poço do Chão 69C (Tel. 703697); **EDUARDO A. CÉSAR** - Rua das Trinas 102A (Tel. 662631); **GRUJO** - Rua do Grilo 25 (Tel. 385264); **CRUZ NUNES** - Pç. Duque Saldanha 14-15 (Tel. 41845); **DIAS E SARAIVA** - Rua Major Afonso Paia 19 (Tel. 2114487); **TAVARES DE MATOS** - Rua 8 Lote 308 (Tel. 993220); **LEITÃO** - Rua Guil. Gomes Fernandes 62 (Tel. 910051).

AMANHÃ

PERMANENTE

ZILER - Rua São Tomé 54-56 (Tel. 862835); **AEROPORTO** - Av. Alm. Gago Coutinho 101D (Tel. 882384); **BENFILIZ** - Est. de Benfica 444A (Tel. 782606); **BOA-HORA** - Rua dos Quarteis 25-27 (Tel. 637777); **RUALTO** - Rua Alto do Carvalhinho 5B (Tel. 651721); **PORTUGAL** - Rua Rebelo da Silva 11-13; **REIS GARRIDO** - Rua das Janelas Verdes 90 (Tel. 662327); **MATOS VIEGAS** - Av. Rainha D. Amélia 34B (Tel. 794174); **ROMANA** - Rua Actor Augusto Melo 7A (Tel. 383800); **LEMOES** - Rua Oliveira da Beira L. 19 (Tel. 331692); **OLIVEIRA VIEGAS** - Rua Viriato 29-29A (Tel. 548966); **MIRAMAR** - Rua Ernesto da Silva 83 (Tel. 2112048); **RONÇALVES** - Rua Dr. Egas Moniz 30B (Tel. 158682); **LEITÃO RIBEIRO** - Rua A de Falcão 3A; **FLAMA** - Rua Elias Garcia 78B (Tel. 932485).

Linha de Cascais

CARCAVELOS - Vilar - Av. M.ª Conceição, Lote 8 (Tel. 2470777) Até às 24 h e das 0 às 9 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Trindade Brás - R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034) Até às 22 horas; **OEIRAS** - Codinho - R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430080) Até às 24 h e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS** - Leal - Quinta das Palmeiras, Lote 24-rc (Tel. 2478737) Até às 21 horas; **PARADE** - Macau - R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785) Até às 24 h e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueira Mendes - Até às 21 horas; **MONTE ESTORIL** - Oestende - R. de Espinho, (Tel. 260391) Até às 21 horas; **CASCAIS** - A. Coeta - R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) Até às 24 h e das 0 às 9 horas.

Outra Banda

ALMADA - Magalhães - R. Capião Leitão, 8B (Tel. 2750242); **COVA DA PIEDADE** - Carqueira Afonso - P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254); **LA-RANJEIRO** - Feljó - R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA** - Chal - R. General Humberto Delgado, 7C (Tel. 2403218); **SESIMBRA** - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028); **BARREIRO** - Moderna - R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (Tel. 2073443) Permanente; **Higien** - R. D. Manuel, 178 (Tel. 2073017) Até às 19 horas; **AMORA** - Nova Amoreiras - Av. Marg. Silva Gomes, 80 (Tel. 2210042); **SEIXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTUJO** - Montepio - R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035); **MOITA** - Silva Rocha - P. da República, 16 (Tel. 239029); **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250); **ALCOCHETE** - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA - Confiança - Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149) Permanente; **QUELUZ** - Correia - L. do Mercado, 3 (Tel. 950906); **CAMARATE** - Nova da Charneca - R. Cid. Lisboa, 94 (Tel. 2518726); **CACÉM** - Rodrigues Garcia - Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D; **MEM MARTINS** - Cristina - Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Tel. 2914820) Permanente; **MERCES** - Claro Russo - R. Abade Faria, 2-A (Tel. 2915275) Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA** - Marrazes - Estefânia (Tel. 2930058) Permanente; **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim (Tel. 2990456); **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

MOSCAVIDE - St.ª Bárbara - R. Francisco M. Beato, 75 (Tel. 2518918) Até às 19 horas; **SACAVEM** - Lourenço - R. Almirante Reis, 31 (Tel. 2518151) Permanente

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CAMPOS - Rua Padre Luís Cabral, 943, Foz; **ALVES MOREIRA** - Av. Rodrigues de Freitas, 167; **CLÉRIGOS** - Rua dos Clérigos, 36; **CRUZ** - Rua de Costa Cabral, 1082; **BARREIROS** - Rua Serpa Pinto, 8-10; **ALIANÇA** - Rua da Conceição, 36; **GUARANI** - Rua Pedro Hispano, 367; **MENESES DE LIMA** - Pr. Dr. Teófilo Pereira, 227.

(De dia e toda a noite)

LIDADOR - Rua do Lido, 265, **ESTÁDIO** - Rua Sã da Bandeira, 120; **BOTELHO** - Rua de Alegria, 863; **MAIA** - Rua do Campo Alegre, 192.

Colmbra

FIGUEIREDO - Rua da Sofia, 107-109, Tel. 22837; **DIAS FERREIRA** - Bairro do Solum, Tel. 72120.

AGFAMATIC 3000

flash
pocket

Uma ideia luminosa!



cinemas selecionados

abCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A

14.30, 16.30, 18.30, 21.30, 23.45

Int. menores 13 anos

O FATOR HUMANO

SALA B

Não acons. men. 13 anos

As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 horas

A GAIOLA DAS MALUCAS

com Ugo Tognazzi e M. Serrault

ALVALADE

897480

Av. de Roma

As 15, 18.15 e 21.15

maiores 10 anos

OS GLORIOSOS VOADORES

com Sarah Miles, Stuart Whitman, Terry Thomas e A. Sordi

APOLLO

763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 15, 18.15 e 21.30 h

Int. men. 13 anos

Natassja Kinski-Peter Firth, Leigh Lawson

em TESS

16.ª semana

As 00.30 h - Não acons. men. 13 anos

O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN HILL

AVIS

547163

Av. Duque d'Ávila, 45

As 15.30, 18.30 e 21.30

não acons. men. 18 anos

nunca pensou haver tamanha barafunda-
naquele...

QUARTO DE ALUGUER

com Glória Guida e Adolfo Celi

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Sterling Hayden / Brooke Shields

e Shelley Winters

O HERDEIRO

Um filme de Frank Pierson

Int. men. 13 anos

CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Walt Disney Productions apresenta

O LIVRO DA SELVA

Para todos

Technicolor

Amãhã, 11 h. - P.ª todos

O TESOURO DO CASTELO

CASTIL

530194

Rua Castilho

As 15, 17, 19 e 21.30 h

Não acons. men. 13 anos

A história sensual dum amor puro

A LAGOA AZUL

c/Brook Shields e Christopher Atkins

Hoje, às 24 h. - Int. men. 13 anos

BARREIRA DE FOGO

CINE 222

579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)

As 14.15, 16.30, 19 e 21.30

ngõ acons. men. 18 anos

8 PREMIOS

O DESVENDAR DE UM MISTÉRIO

filme de Peter Medak

com George C. Scott e Trish Van Devere

As 23.45 h. - Int. men. 18 anos

A SETIMA ALVORADA

CINEBOLSO

573407

R. Actor Taborda, 27-B

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Int. m/18 anos

A FILHA SEXY DO SENADOR

Pornográfico 1.ª escala

As 24 h. - Não acons. men. 13 anos

O MARUJO

CINE BLOCQ

556824

Gaveto Av. b de Out. e Pinheiro Chagas

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30

A CAÇA

o novo grande filme de

William Friedkin

com: Al Pacino, Paul Sorvino, Karen

Allen

Interd. men. 13 anos

As 24 h.

Não acons. men. 13 anos

BUCK ROGERS NO SÉCULO 25

CINE CAMOES

324194

Rua do Loreto, 15

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h.

Não acons. men. 13 anos

A TERRIVEL VINGANÇA

Filme Indiano - Duman

Filme de Pervaz Malik, Mohd, Aini Zeba

Waheed, Murad e Mumtaz

CITY CINE

549999

Rua Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Não acons. men. 13 anos

A história sensual

dum amor puro

A LAGOA AZUL

Com Brooke Shields e Christopher At-

kins

As 24 h. - Não acons. men. 13 anos

TUDO VAI BEM

DOIS MIL

2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés

As 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h.

Não acons. men. 13 anos

OS COMANDOS

DE SUA MAJESTADE

As 23.45 h. - Não acons. men. 13 anos

O ÚLTIMO COMBOIO DE GUN HILL

D. JOÃO

971794

Pr. Centro Comercial - Damais

As 15.30 e 21.30 h.

Não acons. men. 13 anos

AS AVENTURAS DE ULISSES

As 24 h. - Int. men. 18 anos

A VIRGEM

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

As 14, 16.30, 19 e 21.30 h.

Sanjeev Kumar / Shebana Azmi

e Sarika em

SUPREMA VIRTUDE

Um filme de S. Ramanathan

Colorido

Não acons. men. 13 anos

As 24 h. - Não acons. men. 18 anos

O GRANDE LUTADOR

ESTUDIO

555134

Av. Afonso Henriques, 35

As 15, 17, 19 e 21.30 h.

Não acons. men. 18 anos

DIÁRIO DE UMA CRIADA DE QUARTO

O filme mais fascinante de Luis Buñuel

com Jeanne Moreau e Georges Geret

12.ª Semana

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves 83-B

As 14.30, 16.30 e 21.30

Int. men. 13 anos

um filme de humor realizado

por Michal Vianeu

LUMIERE-A - Um Passado Sim-

ples, às 21.30 (13 anos)

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

As 15.15 e 21.30

Para todos

OS MALUCOS NO SUPERMERCADO

IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30

N. acons. men. 13 anos

Agora considerado um clássico, um

filme único, melhor que o primeiro

ENCONTROS IMEDIATOS

DO TERCEIRO GRAU

EDIÇÃO ESPECIAL

Filme de qualidade

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30

Não acons. men. 18 anos

na encruzilhada dos destinos...

PORTO PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade: **RUA LUZ SORIANO, 44**
1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade - 368/740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.º - 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21h):
Porto - 321154
Redacção - 320271/2/3
Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegráfico: **DIBOA**
Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO: Rua do Almada, 30-2.º
Telefones: 20954/5 - 4000 PORTO

Dólar sobe em flecha

O dólar continuou ontem a subir relativamente ao conjunto das divisas ocidentais, averbando novos recordes.

Ao fim da manhã, ameaçava vencer a barreira psicológica dos 2,20 marcos alemães em Londres, apesar do apoio activo do Bundesbank, a 2,19 marcos ou seja o câmbio mais elevado há perto de quatro anos. O franco suíço também não foi poupado, inscrevendo-se a divisa americana para lá dos 2 f.s., a 2,004 f.s., nível jamais atingido desde Dezembro de 1977.

A própria libra marcou passo, baixando para 2,975 dólares (contra 2,3160 na véspera). Finalmente, em Roma registou-se um novo recorde histórico com o dólar a 1.038 liras.

Na maioria dos mercados dos câmbios, os cambistas notavam um forte aumento das coberturas a curto prazo,



Bombeiros de quatro corporações combateram as chamas (e o fumo) durante seis horas

Caparica em pânico esta madrugada Drogaria "Ferro Velho" destruída pelo fogo

• Um bombeiro hospitalizado

Um bombeiro intoxicado, com certa gravidade, e centenas de contos de prejuízos é o balanço de um violento incêndio que, cerca das 23 horas de ontem, destruiu completamente a drogaria "Ferro Velho" na Costa da Caparica, localizada na Rua Capitão Ribeiro da Cruz, mais conhecida por Rua dos Pescadores.

Provocado em princípio por um curto-circuito, o sinistro que só foi dominado por volta das cinco horas desta madrugada, colocou em pânico a população local, devido às numerosas explosões das garrafas de gás armazenadas no interior do estabelecimento sinistrado. Só a rápida e eficaz acção de quatro corporações de bombeiros (Tráfaria, Almada, Cacilhas e Costa da Caparica) impediu que o fogo alastrasse aos prédios vizinhos. A drogaria era conhecida pelo nome de "Ferro Velho" pelo facto de vender de tudo, desde

loijas a perfumes, ocupando um edifício bastante antigo, cuja demolição já estava anunciada para breve.

O bombeiro intoxicado, Luís Filipe Martins Sabino, de 22 anos, pertencente à corporação de Cacilhas, encontrava-se ao fim da manhã já livre de perigo, no Hospital de Almada.

Industrial carbonizado

Também esta madrugada, pelas 6 e 30, morreu no seu apartamento em consequência de um incêndio, o industrial Manuel José Tudela Nogueira Pinto, de 46 anos, natural de Leça, que vivia só, no 7.º andar do prédio n.º 606 da Rua do Campo Alegre, no Porto. Manuel José sofreu forte intoxicação, devido à densa fumaça, tendo chegado já morto ao Hospital de Santo António.

Segundo os vizinhos, a vítima

estivera no apartamento com uns amigos, chegando a perturbar o silêncio. Na cozinha, foram encontrados quatro cálices e uma garrafa de uísque.

Três crianças queimadas

Entretanto, três crianças com idades compreendidas entre os dois e os quatro anos, ficaram esta manhã gravemente queimadas, no Porto, num incêndio que deflagrou na Rua Nova do Regado, na casa velha que habitam. Segundo informação recolhida ao fim da manhã no Hospital de S. João, as crianças apresentam queimaduras graves por todo o corpo. As crianças — Mário, Leonel, e Bruno deverão ficar internadas. A mãe, Maria Cilda Natália Ribeiro, de 31 anos, também ficou ligeiramente queimada. Admite-se que o fogo tenha sido provocado por uma fuga de gás.

Força Aérea ignora decisão da Comissão Constitucional

Apesar de a Comissão Constitucional ter confirmado há dias a constitucionalidade da Lei da Amnistia e a sua obrigatoria aplicação aos recursos que apreçiou, a hierarquia da Força Aérea continua a submeter a Conselho Superior de Disciplina, militares que considera envolvidos nos acontecimentos do 25 de Novembro de 1975.

Anteontem, foi apresentado a Conselho Superior de Disciplina daquela arma, o capitão para-quedista Marçal da Silva, e segundo o "DL" pôde apurar, há intenção de continuar a apreciar no mesmo órgão outros militares

da Força Aérea por virtude dos acontecimentos já amnistiados.

Recorde-se que a Comissão Constitucional revogou acórdãos do Supremo Tribunal Militar que se pronunciavam contra os interesses dos militares, entre tanto passados à reserva, após apreciação pelos Conselhos de Disciplina relativamente ao ocorrido em 25 de Novembro.

Ao revogá-los, a Comissão Constitucional — a funcionar, nestes casos, como Tribunal de Suprema Instância — determinou ainda que os acórdãos em causa fossem reformados de acordo com a lei.

Turismo: 200 mil camas em todo o País

O secretário de Estado do Turismo afirmou no Porto que «a imagem de marca de Portugal» o preocupa, mas que «sem unidades hoteleiras nada se pode fazer».

Alcino Cardoso falava num dos salões da Bolsa do Porto, cedido pela Associação Comercial Portuguesa, onde de três em três semanas se deslocará a fim de auscultar os anseios turísticos da Região Norte.

«Enquanto em Espanha existem milhões de camas, em Portugal há 200 mil, das quais apenas cem mil são controladas pela direcção de turismo», declarou o secretário de Estado.

Aquele membro do Governo, que afirmou estar a Secretária de Estado do turismo disposta a dar todo o apoio às carências hoteleiras, pois «estamos aqui para servir e não para mandar»,

Novo director do IAEM

O chefe do Estado-Maior do Exército, general Garcia dos Santos nomeou hoje o general Ramires de Oliveira para director do Instituto dos Altos Estudos Militares (IAEM), sob a ANOP de fonte oficial.

O general Ramires de Oliveira, 55 anos, era adjunto de Ramalho Eanes no ENGEFA, para o Departamento de Planeamento e substitui no IAEM o general Malho Ilharco, 57 anos.

O Instituto dos Altos Estudos Militares tem como missão fundamental formar os quadros militares portugueses.

A José Fontana é autónoma do PS

Em relação à nossa notícia de ontem sobre a Fundação José Fontana recebemos do gabinete de Imprensa do Partido Socialista uma resposta que passamos a transcrever na íntegra:

«O Diário de Lisboa publicou na sua edição de ontem uma notícia intitulada «Há escândalo na José Fontana?» antecedida do sobre-título «O PS que responde».

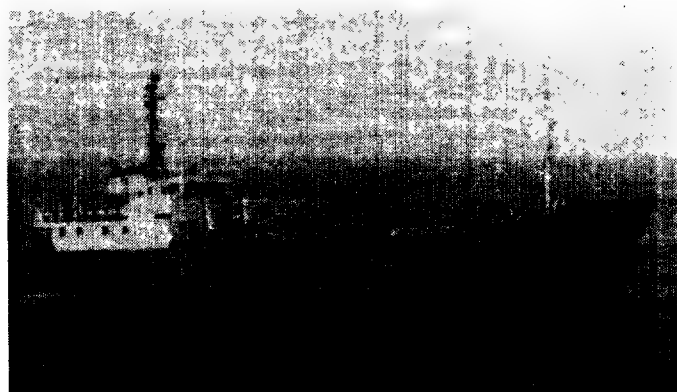
«Porque o carácter especulativo da notícia o exige e não por se sentir obrigado a responder a qualquer repto do Diário de Lisboa, o Gabinete de Imprensa do PS esclarece desde já o seguinte:

1. A Fundação José Fontana é uma instituição autó-

noma ao Partido Socialista não competindo portanto, ao PS, esclarecer quaisquer factos eventualmente imputados àquela Fundação que a própria poderá esclarecer quando, onde e se o julgar conveniente.

2. O director do órgão do Partido Socialista, «Acção Socialista», recebe a sua remuneração do Partido Socialista.

3. O momento actual do Partido Socialista antes da realização do IV Congresso exige um profundo mas sereno debate político. Não é desejável nem pode ser aceite sem protesto que no partido, ou fora dele, se ultrapassem esses limites».



O petroleiro «Boa Nova», naufragado ao largo de Ponta Delgada: são «remotas» as esperanças para encontrar com vida os seus oito tripulantes

Ao largo de Ponta Delgada Oito desaparecidos no naufrágio do petroleiro «Boa Nova»

Apesar de prosseguirem as buscas aéreas e marítimas, as autoridades, segundo afirmou esta manhã ao "DL" o comandante Anacleto, do Comando Naval dos Açores, consideram «remotas» as esperanças de encontrarem com vida os oito tripulantes do petroleiro «Boa Nova», propriedade da Sacor Marítima ao serviço do Governo Regional dos Açores naufragado na última quinta-feira, a quarenta milhas a sudoeste de Ponta Delgada. No entanto, só ontem de manhã o armador alertou o Comando Naval dos Açores. Iniciadas as buscas, o navio, construído na Dinamarca em 1967 e que tinha saído às sete horas de quinta-feira de Angra do Heroísmo sem carregamento, foi avistado ontem à tarde por um avião da Base das Lajes com o casco para cima e sem qualquer dos seus tripulantes a bordo. Posteriormente seguiram para o local do sinistro as corvetas «Oliveira e Carmo» e «Augusto de Castilho», que acabaram por descobrir a boiar uma das duas balsas (barcos de borraça) com que o «Boa Nova» se encontrava equipado.

Apesar de prosseguirem as buscas aéreas e marítimas, as autoridades, segundo afirmou esta manhã ao "DL" o comandante Anacleto, do Comando Naval dos Açores, consideram «remotas» as esperanças de encontrarem com vida os oito tripulantes do petroleiro «Boa Nova», propriedade da Sacor Marítima ao serviço do Governo Regional dos Açores naufragado na última quinta-feira, a quarenta milhas a sudoeste de Ponta Delgada. No entanto, só ontem de manhã o armador alertou o Comando Naval dos Açores. Iniciadas as buscas, o navio, construído na Dinamarca em 1967 e que tinha saído às sete horas de quinta-feira de Angra do Heroísmo sem carregamento, foi avistado ontem à tarde por um avião da Base das Lajes com o casco para cima e sem qualquer dos seus tripulantes a bordo. Posteriormente seguiram para o local do sinistro as corvetas «Oliveira e Carmo» e «Augusto de Castilho», que acabaram por descobrir a boiar uma das duas balsas (barcos de borraça) com que o «Boa Nova» se encontrava equipado.

O maior desastre da Sacor Marítima

«A confirmar-se o desaparecimento dos oito tripulantes seria o maior desastre ocorrido desde sempre na Sacor Marítima, fundada em 1960», segundo afirmou um administrador da empresa, que tem neste momento ao seu serviço mais cinco petroleiros. O comandante César de Oliveira entrou para a Sacor em 1967, como segundo-piloto, tendo sido promovido ao actual posto em 1972. O último contacto estabelecido pelo «Boa Nova» ocorreu três horas após ter desatracado, com o navio francês «Pauline Marie», tendo informado que navegava em boas condições.

O naufrágio do «Boa Nova» constitui o terceiro acidente naval acontecido durante o mês em curso nas águas nacionais. O primeiro teve lugar no último sábado, ao largo de Sagres, e provocou a morte de onze tripulantes do cargueiro «Jansen III», que ostentava o pavilhão de Singapura. Por último, e já esta semana, a motora «Bela dos Anjos» da praça da Póvoa do Varzim naufragou ao largo de Espinho, originando a morte de dez pescadores, com idades compreendidas entre os dezasseis e os vinte anos, com excepção do mestre, que tinha trinta e três anos.

**LONDRES
1 SEMANA**

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS SEMANAIS EM
AVIÃO ESPECIAL 3P
SÉRIE A - Domingos (todo o ano)

Preços
ocupações
desde 2

11.400\$

+ a vantagem dos voos especiais

Viaje agora! Beneficie das
reduções especiais
de Baixa Estação nos Hotéis!

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

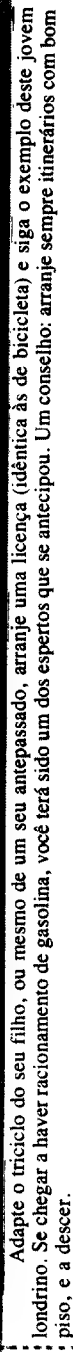
abreu

Fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA
E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av. da Liberdade 160 Tel. 371341
PORTO Av. dos Aliados 207 Tel. 317921
FARO Rua da Sofia 2 Tel. 270112
FUNCHAL Rua da República 124 Tel. 250356
FUNCHAL Rua do Górgonio 1 Tel. 310778

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS



O último espetáculo Teresa Motta-Demarcy



Un tracteur Grant, muni d'un
système de direction, vient tout
simplement, mais je récite. A des
emballages de polyéthylène
tont. Par-delà le champ labo-

Nas centrais

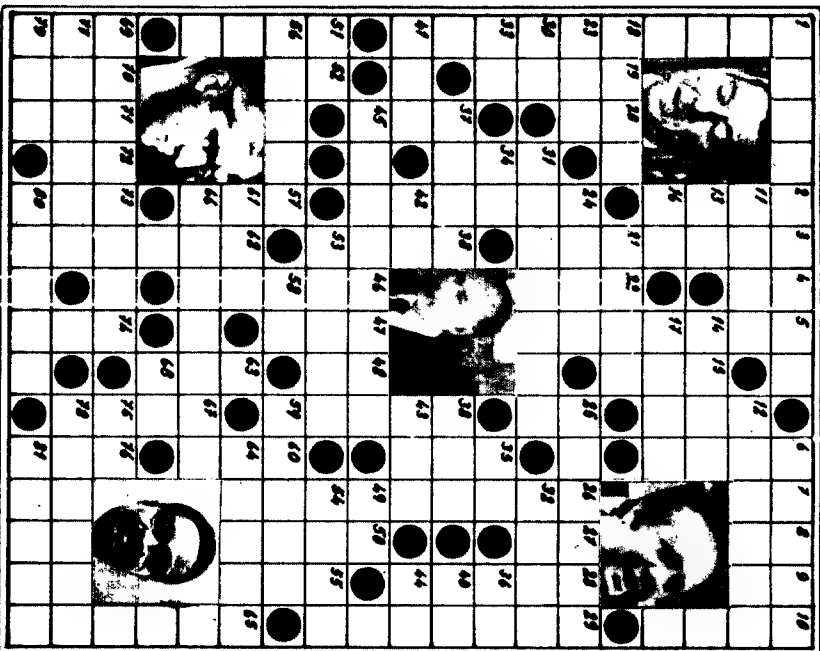
palavras cruzadas

HORIZONTAIS:

1/18 - Foi laureado a título póstumo com o Prémio Nacional da República Popular de Angola para a literatura, pelo seu poema «Esperança Sagrada» este estadista já falecido. 6 - Remedial. 11 - Jatro (planta). 12/25 - É o mais velho presidente dos Estados Unidos e vê-se obrigado a deixar água na fervura porque os europeus dizem não a bomba de neurões. 13 - Segundo. 14 - Rio da Baviera afluente do Danúbio. 16 - Autores. 17 - Nome de mulher. 21 - Arterias. 23 - Ferro temperado. 24 - Vassoura o torno depois de aquecido. 30 - Rádio (s.d). 31/45 - Este presidente francês poderá ser acusado, após o escândalo dos diamantes de Bokassa da compra ilegal de terrenos do Estado na Grécia. 32 - Tarefa. 33 - Distar. 34 - Antiga unidade monetária da Alemanha. 35 - Post scriptum. 36 - Quarto. 37 - Cidade e porto das Filipinas. 39 - Voz do gato. 40 - Nota musical. 41 - Transpire. 42 - Rio do Estado do Amazonas. 43 - Medida de líquidos da Holanda. 44 - Clima. 49 - Carta de jogar. 51 - Plutónio (s.d). 53 - Renque de árvores. 54 - Cidade de Itália. 56/66/68/69 - Este maior e ex-comandante do COPCON volta a estar na mira do Conselho de Disciplina, desta vez é acusado de ter assinado mandatos de captura em branco permitindo a sua utilização indiscriminada, de ser responsável pela prisão de homens, mulheres e crianças militantes do MRPP, e co-responsável pelas prisões de civis do 28 de Setembro sujeitos a maus tratos e torturas. 58 - Prefácio de negação. 59 - Peulante. 61 - Levanta. 64/78 - Em Coimbra este secretário-geral do PS pôs as cartas na mesa ao afirmar: «Ou aprovam a minha moção ou encontram outro líder». 75 - Artigo indefinido. 77 - Serene (fig). 79 - Catedrais. 80 - Do mesmo modo. 81 - Saliente.

VERTICAIS:

1 - Tornatras morro. 2 - Rio da Checoslováquia. 3 - Matizadoras. 4 - Sódio (s.d). 4 - Embreçera. 6 - Réguio. 7 - Prefácio de privação. 8 - Em a. 9 - Alumínio (s.d). 10 - Passados. 12 - Cheife etíope. 15 - Proposição e artigo (p). 19 - Dar aviso de alguma coisa em voz alta. 20 - Porco. 22 - Firmamento (inv). 24 - Versa. 25 - Abreviatura de radiano, unidade de ângulo. 26 - Chegar. 27 - Medida japonesa igual a dois decímetros. 28 - Cidade de Espanha. 29 - Freguesia do concelho e distrito de Braga. 31 - Grande. 35 - Piedosa. 37 - Um dos membros da família Kennedy. 38 - Latada. 39 - Desgostos. 46 - Combinar. 47 - Unidade monetária do Japão. 48 -



SOLUÇÕES

1 - Tornatras morro. 2 - Rio da Checoslováquia. 3 - Matizadoras. 4 - Sódio (s.d). 4 - Embreçera. 6 - Réguio. 7 - Prefácio de privação. 8 - Em a. 9 - Alumínio (s.d). 10 - Passados. 12 - Cheife etíope. 15 - Proposição e artigo (p). 19 - Dar aviso de alguma coisa em voz alta. 20 - Porco. 22 - Firmamento (inv). 24 - Versa. 25 - Abreviatura de radiano, unidade de ângulo. 26 - Chegar. 27 - Medida japonesa igual a dois decímetros. 28 - Cidade de Espanha. 29 - Freguesia do concelho e distrito de Braga. 31 - Grande. 35 - Piedosa. 37 - Um dos membros da família Kennedy. 38 - Latada. 39 - Desgostos. 46 - Combinar. 47 - Unidade monetária do Japão. 48 -

50 - Ecor. 51 - Lunda. 52 - Nome antigo da nota musical dó. 55 - Tritura. 57 - Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. 60 - Governanta. 62 - Parte do eixo de uma planta que normalmente suporta as folhas. 63 - Tragédia de Corneille. 65 - Untoso. 67 - Cortinas. 69 - Cabelos brancos. 70 - Estípe. 71 - Freguesia do concelho de Penafiel. 72 - Li. 73 - Uma das mulheres de Henrique VIII. 74 - Rio da Sibéria. 76 - Pedras de moinho.

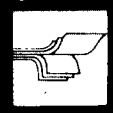
VERTICAIS:

NOVO ROMANCE DE ALMEIDA FARIA

Insitânia

Distribuição DIGLIVRO

UM LANÇAMENTO DAS
edições 70



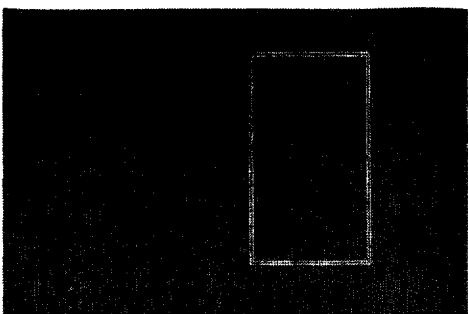
FOTOCOPIAS

DESDE \$60

Encadernações,
plastificações,
e trabalhos em offset
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telêx 53 99 40

Publicado no "DL"

"Inquérito ao Livro Infantil" acaba de sair em livro



rito ao Livro Infantil» levanta o problema do «gênero» em que se encontra a literatura para a infância e fá-lo dando a palavra a escritores, editoras, associações de autores e, inclusive a crianças que, por seu turno, revelam anseios, definem carências, apontam metas.

Para a escritora Alice Gomes, autora do prefácio de «Inquérito ao Livro Infantil», o livro é «... o espelho, a documentação de actos que tocam a vida literária. Tocaram precisamente um sector desconhecido que era urgente dar a conhecer ao público que, ignorando tudo, se comprazia em afirmar, negando».

Decorria o ano de 1979 - Ano Internacional da Criança, quando uma escritora, Soledade Martinho Costa, decidiu, temporariamente em bora, colocar a sua pena ao serviço do Jornalismo. O «DL» abriu-lhe as portas. Do trabalho por ela publicado ao longo de meses nas colunas deste jornal nasceu um livro: «Inquérito ao Livro Infantil», obra desde antenham nos escaparates das livrarias. Com uma primeira edição de 2500 exemplares, «Inqué-

Sábado, 14 de Fevereiro de 1981

Sete Ponto Sete

LITERATURA

Os Deuses na Cozinha

A filosofia e os filósofos franceses dos últimos trinta anos constituem tema para um conjunto de pequenos estudos de vários autores: «Entre o Existencialismo e o Marxismo» de André Akoun, «Os filósofos cozinham Maio 68» de Claude Guimard, «Althusser Uma Nova Leitura de Marx» de David Kaiser-gruber, etc.

Mais do que um itinerário temático, esta obra colectiva subentende-se como um balanço, um registo de idólos que fizeram (e fazem) época na ontogenese da dissidência ao marxismo. Porque, e ainda no centro das atenções, se encontra a necessidade de enterrar o marxismo, reabilitando no Maio 68 todo um potencial de ideologias que se lhe confrontariam. Do corpo de artigos destacamos um - que reputamos de especial lucidez na análise - «Desencalvar o Marxismo» de François Hinkler (o qual, por possuir uma formação de historiador,

Editorial Arcadia, Lisboa, 1980

Henriques Nogueira

Obra completa

De José Félix Henriques Nogueira, José Serrão escreveu: «... uma das personalidades-chave dos meados do século passado». Juízo justo e oportuno, quando, em boa hora, a Imprensa Nacional confiou a António Carlos Leal da Silva a tarefa meritória de preparar uma primeira edição da «Obra Completa» do doutorador republicano, municipalista e federalista. Um dos primeiros portugueses que se referiu ao socialismo.

A um primeiro tomo publicado em 1976 e que compreendeu a obra fundamental de J. F. Henriques Nogueira, os tão célebres como pouco conhecidos «Estudos sobre a Reforma em Portugal», de 1851, e os textos publicados nas várias edições dos «Atanques Democráticos» (1852, 1853, 1854, 1855) e do «Atanque do Cultivador» (1856, 1857), seguiram-se os tomos II e III, publicados em 1979 e 1980.

No tomo II da «Obra Completa» de J. F. Henriques Nogueira foi reimpresa outra obra fundamental do jovem doutrinário: «O Município no Século XIX». Completam o volume textos de diversos publicados no «Eco dos

Há que louvar a iniciativa da Imprensa Nacional - Casa da Moeda e o trabalho paciente, metódico e responsável do organizador da edição: António Carlos Leal da Silva. Justo será consignar que este encontrou no dr. Almeida Ricardo, do Conselho de Administração da IN-CM, o necessário apoio e compreensão editorial a IN-CM honrou-se publicando esta obra. Reunindo numa edição acessível e cuidada, desentranhando de publicações esquecidas e raras, a obra fundamental de um doutrinário do maior interesse para o estudo de aspectos decisivos do movimento de ideias - republicano, federalismo, socialismo, na primeira metade do século XIX português.

Edição da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 3 volumes, Lisboa, 1976, 1979, 1980.

Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos do disposto nas alíneas b) e c) do Artigo 31 e do Artigo 32 dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para uma sessão extraordinária a realizar no dia 22 de Fevereiro de 1981, pelas 15 h, nas instalações do Inatel em Setúbal.

- Ordem de trabalhos:
- 1 - Apreciação e votação do relatório e contas de 1980
 - 2 - Apreciação e votação do orçamento para 1981
 - 3 - Informações
- Setúbal, 12 de Fevereiro de 1981

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Basílio Pinto Cabral

Quando Lee Marvin matou Reagan

reio de 1911, data de nascimento de Ronald, segundo filho do casamento de Jack e Nellie Reagan. A criança nasceu no signo do Aquário, e sempre se mostrou extremamente orgulhoso com isso — ainda hoje lê todos os dias o seu horóscopo nos jornais.

Ronald recorda a sua infância com palavras bucólicas, recordações dos passeios nos bosques e das pescarias. O seu irmão Ned, agora com setenta e um anos, não descreve porém esses tempos da mesma maneira: «As vezes não havia nem para comer. Comia-se sopa toda a semana, e carne só aos domingos. Figueiro que Ronald ia comprar ao talho dizendo que era para o gato». O salário do pai, dependente do movimento de uma oficina de sapataria, não dava para mais.

Para cúmulo, a inclinação paterna para a bebida prejudicava consideravelmente a economia familiar.

Nellie

Na sua autobiografia «Onde está o resto de mim?», Reagan recorda o triste dia em que

foram obrigados a levar o pai para casa depois de o encontrarem completamente bêbado, escondido na neve.

Sem dúvida que a sobriedade, de que Ronald Reagan sempre fez gala, é uma reacção contra os excessos paternos.

Contudo, o seu carácter foi muito mais influenciado pela sua mãe Nellie. Uma mulher amante da cultura, presbiteriana devota, que o ensinou a ler a Bíblia e a interpretá-la à letra. Nellie era uma daquelas mulheres que forjaram o matriarcado americano: puritana, caritativa — aos domingos ia para a prisão ler histórias edificantes aos detidos —, educou os seus filhos na concepção mais clássica do que era o caminho recto.

Uma paixão: o futebol

A economia familiar obrigou os Reagan a uma vasta peregrinação, de sapataria para sapataria: Galesburg, Chicago, Monmouth, Dixon... O jovem Reagan parecia entusiasmado por uma única coisa na vida: o futebol que, para ele, continha a ser

mais do que um jogo: «Permite que um homem se lance no combate contra outro homem, com todas as suas forças». Escolhe o medíocre «Eureka College» para completar os seus estudos de sociologia e economia, precisamente porque em «Eureka» havia uma boa equipa de futebol.

Estava-se nos anos da depressão. Anos em que, segundo o próprio Ronald, «conseguir um emprego, qualquer emprego, parecia o maior êxito». Para pagar os seus estudos, o jovem Reagan havia exercido diversas actividades, incluindo a de nadador salvador. O seu primeiro emprego estável, locutor radiofónico, obteve-o aos vinte e um anos, depois de ter finalizado os seus estudos. Não era conhecido como um bom estudante — ainda que a sua memória fosse quase legendaria —, mas no «Eureka» foi recordado durante muitos anos como um grande nadador e um voluntarioso jogador de rúgbi.

Segundo capítulo: «O homem que disparou contra Gary Cooper»

ATÉ AO DIA 15 DE FEVEREIRO

TEATRO MARIA MATOS

ATENÇÃO — TEL 87817

TODAS AS 5H E 6H45

SÁBADOS E DOMINGOS ÀS 16H E 21H45H

A RATOIRA

A OBRA PRIMA DE AGATHA CHRISTIE

50% DE DESCONTO

A ESTUDANTES * MEDIANTE IDENT. NA BILHETEIRA

VEJA-O XÉP-EM TELV (GRUNDIG)

NO SALÃO BAR DESTA TEATRO

AS PORTAS ABREM ÀS 20.30H

Nova orquestra de câmara constituída em moldes inéditos

A música do século XVIII assiste aos concertos — disse Jorge Mata.

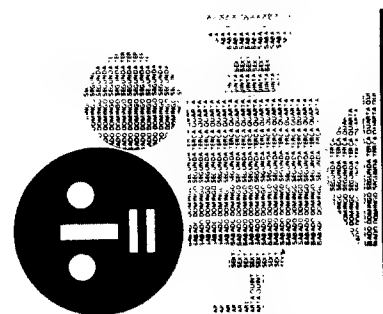
Um banco, uma empresa de seguros, uma editora multinacional, uma empresa de turismo, uma empresa jornalística e uma multinacional do sector de fotocópias suportarão os custos de cada concerto em Lisboa, organizados em cerca de cem mil escudos.

Nos dias 14 e 15 de Fevereiro realizam-se os primeiros concertos fora de Lisboa, em Cascais e Oeiras, respectivamente, e a estreia lisboeta terá lugar no dia 21, na Igreja de São Roque.

Do programa constam a obra de Carlos Seixas, o Concerto para Oboé de Amor de Telemann, o Concerto Grosso de Haendel e o Divertimento em Fá Maior e o Concerto n.º 17 de Mozart.

MÚSICA

CINEMA Sete Ponto Sete



CINE/PONTO

Um bater de corações

de John Byrum (USA-1980)

O cinema com o romântico balanço dos mitos e o muro seco das realidades. O destino de Keronac e de Neil Cassidy, contado pela mulher que os amou, tal é a ficção, apaixonante, que John Byrum volta ao nosso convívio. Depois de *Inserts*, este *Heart Beat* confirma-o como um dos maiores autores da nova geração americana.

Cinema Quarteto - Sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.30h)

Save-se quem puder (interdito a men. 13 anos)

de Jean-Luc Godard (França — 1979)

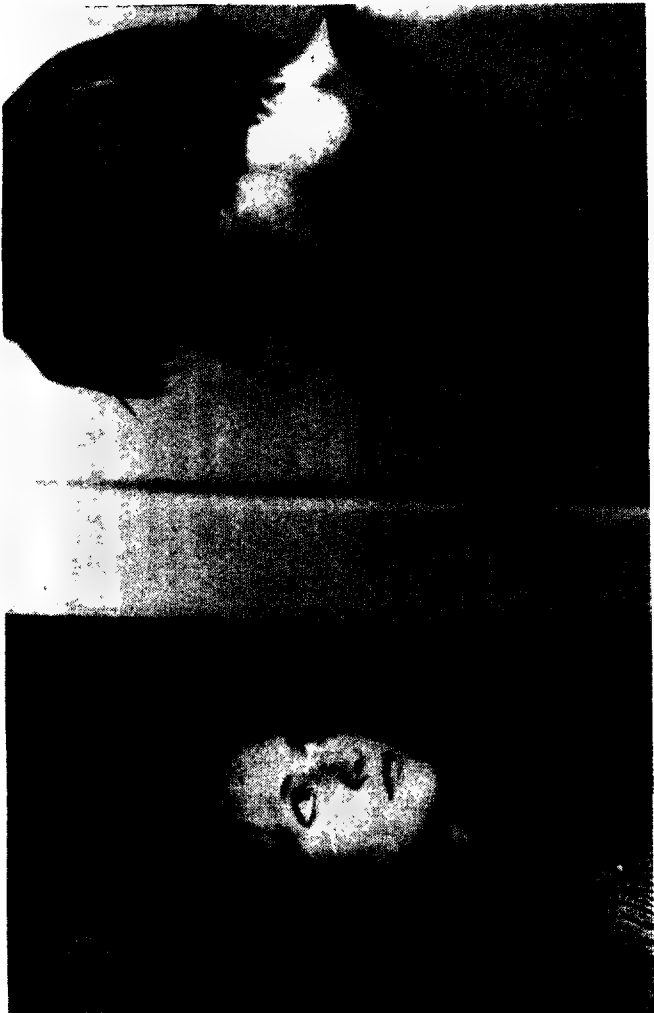
Há quem sustente que este filme marca o definitivo bloqueamento de Godard; há quem defenda que esse bloqueamento (ou, talvez melhor, esse desgosto das coisas) é o de uma civilização que ele (como sempre) filma no presente. O que é certo, é que *Save-se quem puder* é uma obra que divide radicalmente as pessoas. Bom sinal.

Cinema Quarteto - sala 1 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)

Tess (interdito a men. 18 anos)

de Roman Polanski (França/GB — 1979)

Prosseguindo uma carreira admirável, Tess está, quanto a opiniões, nos antipodas do filme de Godard. Aqui tece-se uma unanimidade favorável. O regresso de Polanski a uma segurança notória (após esse falhanço que foi *O Inquilino*), é de facto, de saudar vivamente. E, para mais, revelando uma actriz de excepção, Nastassia Kinski.



Save-se quem puder: um filme que divide opiniões e enche salas. Godard, como sempre, polémico.

Cinema Apolo 70 (15, 18.15 e 21.30h)

O meu tio da América (interdito a men. 13 anos)

de Alain Resnais (França — 1980)

Laborit, o cinema, a memória, a vida. Trajectos de sujeitos numa sociedade de capitalismo avançado. Muita ironia, lucidez, rigor. Pouco fascínio (q. b.). Depardieu num trabalho notável. Renais, um, dois, três pontos abaixo de Providence, mas, ainda assim, suficientemente interessante.

Cinema Star (15, 18.15 e 21.30h)

Woyzeck (interdito a men. 13 anos)

de Werner Herzog (RFA — 1978)

O texto de Büchner é demasiado fascinante para ser cilindrado pelas inabilidades de Herzog. Mas lá que sai muito maltratado, lá isso sai. E se não fosse Klaus Kinski, da chama inquietante de Woyzeck não iria restar nada.

Diário de uma criada de quarto

de Luis Buñuel (França/Itália — 1964)

Cinema Quarteto - sala 2 (15, 17, 19, 21.30 e 23.30h)

(não acons. men. 18 anos)

sem reservas). Buñuel sustentou a concorrência feroz das «locomotivas» do Natal, passou pelo marasmo que, sempre, se lhes segue e permanece em cartaz. A França dos anos 30 acabadamente delineada por Buñuel, a merecer bom acolhimento. E para quando *L'obscur object du désir*?

Cinema Estúdio (15.30, 18.30 e 21.30h)

Esquecer Veneza (não acons. men. 13 anos)

de Franco Brusati (Itália/França — 1980)

A lagoa azul (não acons. men. 18 anos)

de Randal Kleiser (USA — 1980)

Kleiser fabrica mais um sucesso, destinado a jovens e adolescentes. O chamaz do amor na ilha deserta faz motivar um público a quem, depois, o

As estrelas

Um bater de corações

Save-se quem puder

Tess

O meu tio da América

Diário de uma criada de quarto

Woyzeck

A Lagoa Azul

Esquecer Veneza

O factor humano

★★★★ — Excepcional
★★★★ — Bom
★★★ — Interessante
★★ — Desinteressante
● — A evitar

Klaus Kinski



Klaus Kinski com Eva Mattes, em *Woyzeck*.

Os espectadores do Politima, conhecem-no bem: Klaus Kinski entrou em largas dezenas de *westerns* - *gangueiros*, filmes de terror de guerra, ordem, películas de guerra, rodadas nas traseiras da Cinécitta ou nos estúdios a la minute de Almería, policiais rascas que a Alemanha Federal produz em série. Com efeito, Klaus Kinski é sobretudo um actor de filmes apressados, feitos para dar dinheiro, sumário, rodados em quinze dias e sem resgate.

Porém, mesmo nesses filmes, iglórios, dirigidos por realizadores de que não há filmografias nem constam nos dicionários, Kinski deixou um traço de existência. No meio da promiscuidade, ele é como essas prostitutas que não são nem mais belas, nem mais atrevidas, nem mais bem pagas mas que se distinguem porque, de algum modo, se sentem ser possível que habitem outros lugares.

Kinski conheceu esses outros lugares, em meia dúzia de filmes, que não eram excelentes, mas que a sua presença os tornava notórios.

Aguirre, onde o seu rosto denuncie habitava a megalomania suicidária de um conquistador espanhol, nas selvas latino-americanas.

Nosferatu, onde uma imensa tristeza e solidão banhavam um dos mais míticos personagens da história do Cinema.

Woyzeck, onde a angústia do primeiro proletário do teatro alemão fazia por momentos, sublime, um filme, no mais medíocre.

Três momentos (com Herzog) que fizeram dele um rosto a reter. Três momentos a que há a juntar o importante é amar de Zulawski, que nos fazem lamentar a ausência dos ecrãs portugueses de *Nuit d'or* de Moati e de *La chanson de Roland* de Cassenti.

Dados biofilmográficos

Klaus Kinski (de seu verdadeiro nome Klaus Günther Nakaszynski), nasceu em Zappot, na Polónia, em 18 de Outubro de 1926. Infância miserável e adolescência atravessada pela guerra. Passa por asilos, prisões, prostíbulos. Desemboca no palco, na Alemanha, onde ganha rapidamente fama. Monta espectáculos de poesia (Villon, Rimbaud...) de enorme sucesso. Nos anos 60 dedica-se ao cinema, por dinheiro, ro-

dando dezenas de filmes, um pouco por todo o mundo. Recusa propostas de Visconti, Pasolini, Fellini, por não querer trabalhar para a glória. Em 1972, ganha renome com *Aguirre, o aventureiro* de Herzog, após o que enceta uma «segunda carreira». Em 1976, publica a sua autobiografia, «Crever pour vivre».

PRINCIPAIS FILMES (entre os 140 que rodou): *Kinder, mutter und ein general* de Laszlo Benedek (1955); *A time to love and a time to die* de Douglas Sirk (1957); *Der raucher* de Karl Anton (1960); *Bankraub in der Rue Latour* de Curt Jurgens (1961); *Die Tur mit den sieben schossern* de Alfred Vohrer (1962); *Scotland Yard jagd Mabuse* de Paul May (1963); *Guerre secrète* de Terence Young, Christian Jacque, Carlo Lizzani e Werner Klingner (1964); *Il mistero del tempo indiano* de Mario Camerini (1964); *Winnetou II* de Harald Reinl (1964); *The traitor's gate* de Freddie Francis (1965); *Operação Istanbul* de António Isasi Lasmenendi (1965); *Per qualche dollari in più* de Sergio Leone (1965); *Marakesh* de Don Sharp (1965); *Circus of fear* de John Moxey (1966); *Doutor Ji-*

vago de David Lean (1966); *Quien sabe?* de Damiano Damiani (1966); *Jules Verne's Rocket to the moon* de Don Sharp (1967); *The million eyes of Sumuru* de Lindsay Shonetteff (1967); *Ad ogni costo* de Giuliano Montaldo (1967); *Coplan* sauve sa peau de Yves Boisset (1967); *Sartana* de Frank Kramer (1968); *Marquis de Sade: Justine* de Jesus Franco (1968); *I bastardi* de Duccio Tessari (1968); *Il grande silenzio* de Sergio Corbucci (1968); *Paroxysmus* de Jesus Franco (1969); *Count Dracula* de Jesus Franco (1970); *Aguirre, o aventureiro* de Werner Herzog (1972); *O importante é amar* de Andrzej Zulawski (1974); *Un genio, due compari e un pollo* de Damiano Damiani (1975); *Nuit d'or* de Serge Moati (1976); *Jack the Ripper* de Jesus Franco (1976); *Madame Claude* de Just Jaeckin (1976); *Operation Thunderbolt* de Menahem Golan (1976); *Mort d'un poutri* de Georges Lautner (1977); *La chanson de Roland* de Frank Cassenti (1977); *Nosferatu, o fantasma da noite* de W. Herzog (1978); *Woyzeck* de W. Herzog (1978).

J. L. R.

Quando Lee Marvin matou Reagan

A incrível história do "cow-boy" que chegou a presidente



Reagan matou, o colega desportista, o gale: Ainda muito longe da Casa Branca O seu último filme: conquista Angie Dickinson mas morre de mãos de Lee Marvin

O homem que no passado dia 20 de Janeiro tomou posse da chefia do Estado mais poderoso do mundo, tem atrás de si uma biografia um tanto atípica. Até aos cinquenta e quatro anos foi apenas um actor. O protagonista de discretos «westerns», afastado da política, adorado pelo público feminino. Esta é a vida do quadragésimo presidente dos Estados Unidos, o inquilino mais velho da Casa Branca.

Os «americanos médios» elegem o seu representante mais típico. Quase paradigmático. De tal modo que a sua carreira até à presidência parece inconcebível. O homem que tomou posse da Casa Branca é um ex-emprego acabado da figura criada por Hollywood: alto, forte, anti-intelectual, com uma visão algo simplista de um mundo em que só há bons e maus...

Só John Wayne superou tanto tipismo.

Lee Marvin matou-o em 1963. Era a última película de uma figura já decadente no império de Hollywood: «Código del hampa». O actor Ronald Reagan morria com um balão disparado por Marvin. Contudo, já antes tinha conquistado



Subir o rio

← a sua fundação aos Templários).

ou concha apanhado à beira-mar, serve para chamamento de pastores e aviso aos ranchos durante a apanha da azeitona. A expressão cartilinas do mar está associada a adúltero, e maresia significa que calu uma orvalhada, sargaço ou salgaço refere-se a uma planta de flor branca que nasce no mato na zona da Seritá por aí fora.

Um pouco mais longe estaremos nas Portas de Ródão. Antes, veremos ainda, as oliveiras («a oliveira, planta de sacrifício, às vezes cultivada sobre os penhascos, com um pouco de terra segura por pequenos muros de pedra, como sucede nas encostas abruptas das Portas de Ródão»). Amorim «Girão Geografia de Portugal» pontilhando os montes junto ao rio, melindas no declive e seguras por meio de paravento de pedra solta, os carris; a tarefa de apanha da azeitona pode-se calcular na sua dificuldade. Aquelas que o faziam lam, na época de colheitas engrossar os conhecidos ranchos de ceifa, no Alentejo. Uma quadra desses «ratinhos»: «Já corri o Alentejo, E grande parte da Beira, O Melhor amigo que encontrei. Foi o di-nheiro na algebeira».

E chegamos às Portas que trazem associadas a si, para além da natural expectativa geográfica, um desfilar de acontecimentos, lendas e contos remontando ao domínio romano e árabe. A primeira mistificação coube, segundo alguns, a Frei Bernardo de Brito, que imaginou ali a cidade de «Rhodio», assegurando que nela teria sido assassinado nada menos que Herodes, versão acolitada pela pena do Abade de Miragaia, que escreveu que lá «se aponta certo fojo como local da sepultura de Herodes». Na continuação, temos a versão moçárabe atribuído o nome de Azeia à zona actual de Vila Velha do Ródão. Mas destas questões toponímicas podemos passar a outras de ordem arquitectónica. O abade já citado, escrevia em 1887 que «esta vila nunca foi murada, mas desde tempos remotíssimos houve no seu termo, extremamente acidentado e alcantilado, diferentes obras de defesa, das quais hoje apenas resta uma parte da grande torre que encimava e coroava a montanha de maior altura no termo desta paróquia, dominando o célebre e majestoso penhasco das Portas de Ródão e as margens do Tejo, a montante e a jusante. Ignorase quando e por quem foi fundada a dita torre (alguém atribui

-se das festas desta e daquela terra, das suas tradicionais rivalidades.

Há poucos anos, duas aldeias envolveram-se em disputa violenta por motivo de uma festa tradicional. Tudo começou quando decorria a procissão, levando em cortejo um andor de uma santa em devoção e que era transportada, cada ano, para a outra aldeia onde permanecia até ao ano seguinte. O manto, que cobre a imagem, ia atape-tada das oferendas e promessas, notas em dinheiro nacional e de outros países, oferta de emigrantes, dinheiro esse preso com alfinetes de ama. O cortejo não se concretizou porque os adeptos de uma aldeia pretendiam que agora era a sua vez de guardar a santa, pretensão a que os outros se opuseram. Os de cá contra os de lá.

A diferenciação, estabelecida a existência como única, ao expressar-se através, neste caso, de uma ocorrência de «ritualidade» expressada em signos religiosos lembra uma afirmação de Eric Wolf («Peasants» Prentice-Hall 1966) pois esse acontecimento concorre, também, «para sustentar e equilibrar o ecossistema camponês» constituindo uma componente de ordem ideológica mais ampla. Refere-se esse autor, em especial, aos diversos níveis de religiosidade e das suas formas de intervenção no interior do «tecido social» aldeão.

Evidentemente que não nos referimos, ao falar-se de «fenómeno religioso» a este ou aquele termo ilustrativo do cristianismo, suposto termo geral onde assenta a sacralidade expressa do aldeão.

Os porquês que J.C. Baroja introduz na frase, «o como, e para quê são dois motores do antropólogo moderno (que) deixa de lado, com frequência, o porquê, pois para encontrá-lo haveria que realizar trabalhos que não estão na moda» e não se podem encontrar em pequenos apontamentos como estes. A região conta ainda com outro tipo de vivências: queremos lembrar-nos, por exemplo, de todos os episódios reais ou forjados, que tiveram por cenário e por protagonistas, as serras e os pastores, os exércitos franceses, invasores e os seus oponentes, o exército anglo-português.

Não vamos falar das reminiscências linguísticas, tanto do francês como do inglês, que se incorporaram aos portugueses, nem das complicadas imbricações genéticas ou outras.

O certo é que na memória colectiva ficaram os combates e as

fugas, as traições e as heroicidades, o desinteresse e o negócio que rodeiam os episódios de guerra (dos Sete Anos e Invasões Francesas). O combate da Foz dos Botes, para outros o Cachão do Belo, em que a ausência de um pastor levou ao outro lado do rio um destacamento, que atravessou a vau num sítio onde os franceses não pensavam ser possível, com a inevitável derrota e fuga destes, podia muito bem ser um desses capítulos. Amargo como um pino, isto é, de sabor amargo este cruzamento já se fez o comboio retorna o andamento a caminho da serra até à fria Guarda.

As luzes da fábrica de celulose em laboração continua não escondem o cheiro característico e as emanções emitidas para a atmosfera, enquanto no rio uma fina e estreita faixa branca, agarrada à margem denuncia o sítio onde desagua a conduta de «limpeza», que «comeu» os peixes ou pelo menos no seu conjunto perturbou o equilíbrio ecológico da zona. Do outro lado da serra, não se vêem as ruínas de pedra, da antiga indústria têxtil da Foz do Córão que produzia lá, serroboeco e saragoças. As tendas lam depois sendo distribuídas ao longo de muros por todas as feiras até Niza e mais para lá. O Córão que também é nome associado a engrimanços de S. Cipriano! O cansaço derreou quase todos e por pouco não se torna verdade o ditado que afirma «se o laranço visse e a vibora ouvisse não havia ninguém vivo».

Na escuridão e no ar, o ruído da locomotiva agarrada ao feixe de luz que clareia as salpas da via férrea. A sombra dos pinheiros recorta-se contra os restos de luminosidade que a via láctea espalha lá muito em cima. A ausência das horas tornadas iguais pela repetição dos mesmos sinais conduz-nos mais e mais para outro ar. Atravessa-se a floresta onde ofícios como o de resinero são marcas de entalhe nas árvores.

A sombra acachapada de pedregal de granito, restos espigados de estevas, carapeteiros, carquejas e, em locais húmidos, de fetos não chega para esconder algum brilho furtivo de lobo ou raposa. Mesmo os javalis, ou o linco, quase desaparecidos, voltaram a animar os ditos como um bocado de pau torrado com que se remexem as cinzas do borralho.

José Manuel Moreira

Cinema e papel pintado

Enquanto se aguarda a reedição da célebre «História do Cinema» de Sadoul (há muito esgotada), a editora Livros Horizonte continua a revelar um notável dinamismo na sua colecção «Horizonte de Cinema», lançando publicações que vão suprimindo lacunas de vulto. Desta feita cumpre assinalar a saída de «O significativo imaginário — Psicanálise e Cinema» de Christian Metz e de «As Estrelas de Cinema», de Edgar Morin. Edições patrocinadas pela Secretaria de Estado da Cultura, única forma de garantir um preço razoável de venda ao público (240\$00 e 200\$00, respectivamente).

Christian Metz é um dos pioneiros da investigação semiológica no campo do cinema, na senda de pistas oportunamente lançadas pela equipa dos Cahiers du Cinema na sua fase pós-68, revista, aliás, onde Metz tem publicado vários textos. Este livro, ora traduzido para português por António Durão, data de 1977 e é uma tentativa organizada de iluminar a semiologia do cinema à luz da psicanálise, num esforço apaixonante de descoberta. Há quem sustente ser a sua prosa razoavelmente «dura» de penetrar, por quem não esteja munido de terminologias e conceitos teóricos de linguística, psicanálise e cinema, afirmação curiosa (e justa) que será, talvez, oportuno comentar.

Em relação a alguns ensaístas (e a certas revistas, de que os Cahiers são o protótipo) criou-se, nalguns círculos, a opinião de que se tratavam de uns tipos complicados, imperceptíveis, pretenciosos, que abordariam o cinema (uma coisa simples) com uma linguagem rebuscada e esquisita que ninguém entendia. Esta opinião, muito comum e vulgarizada, é, ainda, um dos sintomas finais da menoridade atribuída ao cinema, não mais que espectáculo de feira para massas ignaras.

Quando se abre um livro de Biologia, de Electrónica ou de Matemática, não se pretende que ele seja imediatamente perceptível para o comum dos mortais. Pelo contrário, acha-se natural e necessário que ele tenha uma linguagem especializada. Mas assim que o assunto é Cinema, apelida-se de pretensioso quem quer que o aborde com



Morin faz, neste livro, um dos mais sólidos e definitivos estudos das relações mágicas que se estabelecem entre o espectador e o écran, ao mesmo tempo que dissecar os vários lugares que as stars ocupam, na ideologia, no comércio, no mito.

E já que estamos a falar de livros, cabe aqui dar uma boa notícia: aguarda-se, para breve, a publicação do ensaio **Fascinação e Distanciação**, primeiro voo de uma série de estudos de semiótica que Fernando Gonçalves Lavrador está em vias de elaborar.

Gonçalves Lavrador é um caso singular na crítica de cinema em Portugal. Vivendo na chamada província (mais precisamente, em Aveiro), longe portanto dos grandes canais de promoção, o seu nome é pouco conhecido do grande público e o seu trabalho, no campo, do cinema, tem permanecido envolto num ostracismo injusto. Autor de um ensaio de fôlego (**Justificação Estética do Cinema**, ed. Plátano, Lisboa, 1974) cujo grande senão se inscreve na pu-

rigor e profundidade que excedam a coluna de meretricos das vedetas ou o conselho do maître d'hotel (tal filme é bom, o outro é delicioso, aquele está requentado). Ora o Cinema, enquanto linguagem, é infinitamente mais complexo que a literatura, o teatro, a música, a pintura, o que agrupa todos esses campos e se funde numa organização de grau superior. Eisenstein já o sabia há meio século. Não se percebe como hoje, ainda há quem torça o nariz, quando este facto é tratado com a seriedade correspondente.

O livro de Metz é um dos mais brilhantes e produtivos mergulhos, no campo do cinema, que me foi dado ler nos últimos anos. Rigorosamente pioneiro e fascinante.

Quanto a **As Estrelas de Cinema**, trata-se de um livro já clássico na abordagem sociológica desse fenómeno que são as estrelas. Editado em 1957, este trabalho de Morin marca, por assim dizer, o fim do mito das stars e o seu renascimento enquanto memória. Falando de cinema mas também, ou sobretudo, da nossa civilização,

blicação tardia (o livro fora escrito em 1954 e esperou vinte anos por um editor), Gonçalves Lavrador aborda o cinema com a seriedade e a minúcia de um investigador atento e sensível. Se visse em Paris, provavelmente já teria tido maior repercussão em Portugal e não encontraria tantas dificuldades em publicar os seus trabalhos. Quando escrevinhadores menos do cinema conseguem apoiar a SEC e/ou do IPC para publicar prosas de pouco significado, não se percebe que, pelo menos, igual tratamento não seja dispensado a quem prefere o apagado retiro averdense ao bulício dos corredores do Podet. Muito concretamente, daqui se chama a atenção para o merecido apoio que **Fascinação e Distanciação** deveria ter, por parte dos organismos estatais que se ocupam do cinema e, de menos que se ache que o único investigador de semiologia fílmica em Portugal deve, um destes dias, cansar-se e remeter-se, de vez, ao silêncio.

J.L.R.

Estórias de Portugal



Nas estórias da nossa história nem sempre o que **parece** é: nem sequer, na maioria das vezes, vale mais **sê-lo** que **parece-lo**. Morais complicadas não vale a pena preocuparem-se a extrair porque toda a moral, e a moral não é como a mãe que há só uma, é uma complicação de todo um tamanho!...

O presidente Figueiredo, por exemplo, ao aparecer nervoso, a preto e branco ou todo colorido, nos vídeos, deste país, solenemente, numa de: «— Daqui fala o Figueiredo!...» — para logo de seguida garantir aos «médicos» estar «numa muito boa» porque, agora, graças à sua vinda a terra do Cabral (seja lá qual for o nosso Presidente, esteja que Governo estiver a cantar de poleiro, brasileiro que venha a Portugal vem a terra do Cabral... será masoquismo?), depois daquela interurbana, os brasileiros e os portugueses passavam a poder falar muito mais à vontade... O presidente Figueiredo não **parecia** mesmo que **estava** pela primeira vez na estória da Humanidade a estabelecer uma comunicação directa entre os dois países: irmãos?... Ou serão pai e filho?... A verdade é que estes laços familiares esta árvore genealógica que, para alguns, em tempos idos, já foi árvore das patacas tem as suas nebulosidades complicadas!... **Parecia** ou disse muito mais coisas

Mas o cara presidente não tem problema nem mesmo de, antes, ou depois do «está lá», **se mandar** num de **tudo bem** com os comunistas, **tudo muito legal** só que as legalidades dos dois países, feliz infelizmente, graças a Abril, já não são iguais! Mas o **cara presidente** é um **tre-mendo barato**... Dai que, logo à partida ou, se preferirem, antes da chegada, o seu ministro Guerreiro viesse, pimba... pimba... pimba... um país dinâmico que passou por um período de adaptação e através agora uma fase de revitalização... Ora isto a ser verdade, e não será este pequeno estoriar que é mentira, não era caso para todos nós andarmos para aqui de peitos felizes, papos inchados, todos **adaptados e revitalizados**? **Parece** ou não **parece** que era?... Atevo-me a indagar: — E andamos?... Mas o **cara presidente** disse muito mais coisas

multo bacanas e, estorie-se em abono da verdade, também foi obrigado a ouvir muitas outras porque nas coisas das vistas oficiais, e não só, quando toca a discursar os «laços fraternos», os «feitos imemoriais», a «geoestratégia», o «apartheid», o «Aleganistão», os «blocos», os «alinhamentos», os «Vossa Excelência», é um «pataca a ti — pataca a mim» que nem por todos os «flam-bés» do mundo, pelas melhores garrateiras das mais consideradas «caves», apanhavam o filho da minha mãe, o sobrinho da minha tia, nesses Palácios onde os **maiores** se banquetavam encasacados e sobrecaçados, para os fotógrafos rodeados de «glórias» e «glórias». Quando os vemos lá nos telejornais é que podemos dar valor ao sossego de alma, a paz de espírito que, se conquista com uma meia-gaioia e uma patanica de bacalhau.

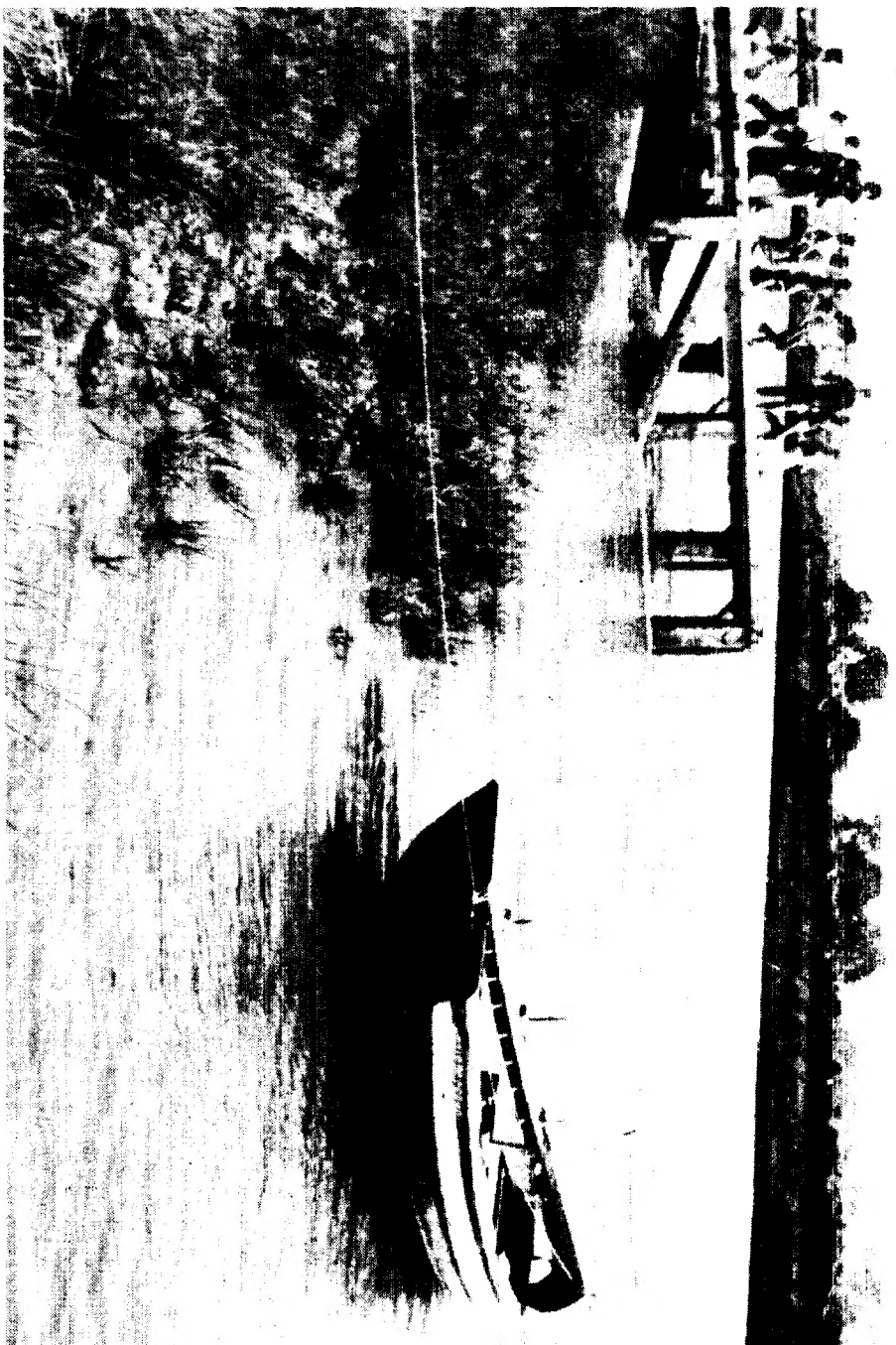
Quer o historiador dizer que da visita do presidente Figueiredo nada terá ficado?... Nem pó!... Pois se atêfou uma fotografia, uma fotografia emoldurada que, num graciosíssimo gesto, resolveu ofertar ao seu homólogo, o nosso Presidente Eanes! Fotografia que neste momento já deve ter causado fortes engulhos aos seus conselheiros. Não que esteja tremida, tenha uma revelação defeituosa, desfavoreça o fotografado, nada disso. E está num formato muito bonito, daqueles que dão para pôr em qualquer lado, têm muita arrumação. Pois é exactamente na arrumação que está o busilis diplomático. De facto, em presença de tanta gentileza, o nosso Presidente terá de arrumar, colocar a fotografia do presidente Figueiredo em qualquer lado. Pondo de parte, por razões deontológicas, o teor da dedicatória, uma fotografia destas está inevitavelmente, dedicada... (Como será?... Para o Presidente da República dos portugueses com toda a admiração do presidente da República do Brasil???) ou... «Para o general Ranaulho Eanes do seu sempre certo general Figueiredo?...» ou ainda... «Para o António do amigo... e admirador João?...» à Estória compete relatar o evento sem se arrear de bulir com os pequenos problemas que todos os gestos grandes desencadeiam. E a verdade é que botar a moldura do presidente João Figueiredo lá no Palácio de Belém deve ser obra. Para já, colocá-la na mesinha de cabeceiro do Presidente não vão colocar e nem será apenas por uma questão de tamanho, não acham? Depois não a poderão pendurar na ala dos nossos antigos presidentes porque, por muito antigo que seja João Figueiredo, nosso presidente é que ele nunca foi. Usar a fotografia na carteira também não é de todo viável. A decoração do Palácio não se compadece com sentimentalismos. Todos aqueles cadeirões estão im-plantados com rigor e há entre eles os móveis de estilo, os continuados, os jarrões, os quadros e todos os «psichés», uma profunda relação histórica e um pommeorizado enquadramento estético que não se emociona à vista de qualquer fotografia por mais fraterno-presidencial que ela se apresente. Não devem ser nada fáceis os momentos que João Figueiredo veio, com o seu 1824, ou talvez mais, oferecer a Belém. A Estória presente-lhes a angústia, as bolandas, o de Herodes para Pilatos do retrato. Claro que a solução há-de ser encontrada. E se o Joaquim Leitria não se põe à tabela um dia destes entra no seu gabinete de trabalho e tem a fotografia do presidente do Brasil sorrindo-lhe sobre a secretária. E que estas partidas fazem-se sempre aos mais novos.

Francisco Nicholson

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Condições
A. João XXI, 5-0 — 1100 Rua Infante, 16-55 C — 1300 LISBOA

ALGARVE
Terrenos rústicos
Perto da praia, junto à Estrada Nacional, água e luz. Desde 70 000\$00. Telefone 94 11 13 (horas de expediente).

Subir o rio



A paisagem mudou à medida que nos aproximamos da fronteira. Com a composição parada, aguardando, nesta linha férrea de sentido único, o cruzamento de um comboio vindo de cima, podemos ver como o horizonte se limitou, como o rio se vê metido nas suas margens abruptas, com os montes descendo até uma margem xistosa, bordeada aqui e ali pelos restos de um carroiro construído para o tempo em que a navegação era um meio de escoamento de produtos até à Foz. O caminho para a sirga, o sirgadoiro de três quartos palmos de largo, rasgado no sopé, ajuda-nos a imaginar esse trágico que era feito até Alcátara, em Espanha e, segundo elementos disponíveis no Porto do Tejo, em Ródão, «arreavam-se umas vinte mil cargas por ano (a dez arrobas cada), cerca de três mil toneladas de madeira, de cortiça, azeite, vinho, sal e lá», sem falar no minério espanhol.

Curiosamente também se fazia naquele local, sensivelmente onde hoje se encontra uma ponte metálica, construída em 1888, o transbordo por meio de barcas, do gado de transumância, vindo da serra da Estrela para o Alentejo.

Alis, ainda hoje em dia se pode observar uma regular actividade de pequena pesca, em barcas de madeira de proa subida em espigão curvo, com ocupação de meio comprimento por uma caixa de madeira, com abertura, para resguardo dos aparelhos de pesca. O vocabulário da zona, por seu lado, reflecte o uso de expressões provenientes dessas actividades, por transporte para outras aplicações. Por exemplo, o búzio, caracol

Pela boca morre o peixe

Os bebedores estão «de luto»: pesquisas recentes permitiram concluir que certas marcas de whisky são cancerígenas. Segundo a «Food and Drug Administration» (agência americana de alimentação e produtos farmacêuticos), seis qualidades dessa «revigorante» bebida «made in Scotland» registaram fracas quantidades de nitrosamina, substância de reputação cancerígena. Os seus nomes: Chivas Regal, Black and White, J. and B. Ballantine, Cutty Sark e Sandy Scot.

As razões que nos vêm da América são estas: a nitrosamina causa cancro em animais de laboratório, mas (cautela, cautela), não se poderia ainda provar que fosse cancerígena quando introduzida no organismo humano. Em que ficamos?

No banco dos réus, com maior frequência a alimentação industrial. Não em Portugal,

país de brandos costumes, onde instituições e figuras públicas ficariam satisfeitas em ver os consumidores a braços com esses «magníficos» benefícios da sociedade de consumo (o progresso é sempre o progresso, ou não será?...). Mas na Bélgica, por exemplo. E passa-nos pelas mãos uma obra do professor Jean Lederer, docente da Universidade de Lovaina e director do laboratório de higiene alimentar laboral. «Alimentação e Cancro» é um severo libelo acusatório contra esses «prodígios» da alimentação industrial. Vejamos de perto (algumas) razões do professor Lederer.

Completelemos este pouco animador quadro com a referência a certos produtos não cancerígenos, em si mesmos, mas que podem favorecer o aparecimento do cancro.

Jean Lederer é, contudo, um optimista. Considera que apesar deste rol de constatações, o cancro não progride actualmente de modo assustador, nos países industrializados: «As estatísticas globais podem parecer inquietantes, porque o número de mortes pelo cancro aumentou

desde o começo do século XX. Mas esta é uma consequência do aumento do tempo de vida. O cancro é uma doença cuja frequência cresce com a idade. O número de cancros não aumentou em qualquer das camadas etárias que consideremos».

Ficamos a pensar. Uma doença, o cancro? Consequência do aumento do tempo de vida (facto que não está de todo em todo provado)?

O número de casos não aumentou? Demasiadas perguntas sem resposta.

Lederer chega a uma inequívoca conclusão:

«Seja como for, a prevenção do cancro exige uma medida radical: eliminar do ambiente, e nomeadamente da alimentação, todas as substâncias cancerígenas. Apenas pagando este preço poderemos ver diminuir a frequência deste flagelo que afecta um número de pessoas sempre crescente».

«Pela boca morre o peixe», dizia um ditado antigo. Mas já o esquecemos, parece.

Yayesh o Vitorioso, um português na Índia

“Tornei-me sannyasin e vivo de novo no campo”

Aneritazar, Deli, Agra, Varanasi. Nessa altura, já ia com um dedo indicador a deitar puspela unha. Ao entrar no Nepal, a mão direita inchou e começou a deitar mucos amarelos. Dores tramadas, antibióticos e pomada.

Voel pela primeira vez

Fiquei 15 dias no Nepal — que me ficou no coração. Loucas montanhas, belo clima e gentes, arquitectura e religião, artesanato belíssimo: papel de arroz, roupas, thangkas, objectos religiosos em metal e madeira. Himalaia brancos, águas aos montes. Fui até Pokhara, junto dos Himalaia. Bolo lago ali, apaihei sol. Em Katmandu, há um restaurante com arroz integral, bom pão, sopas, tofu... pude-me refazer da porcaria de comida indiana «made in restaurants».

Voel pela primeira vez, fabulosa hora a ver os Himalaia. Pa- guei a viagem com uisque e tabaco. Atravessei a Índia em três dias, desde Pina a Poona, a dormir no chão do comboio. Gastei cerca de 20 contos, estive três dias em Istambul, dois em Teerão, salónica, sete em Teerão, com prei roupas e enviei dois pacotes para a família. A 11 de Novembro de Setembro, depois de com- bujostávia, depois de com- garro para Istambul. Em se- guida, Teerão: guerra, mais quietão — Quetta e Lhore (a cidade mais cheia de merda que já vi). Tive de sair do hotel onde estava, pois era dirigido por gangsters; entrei na Índia em 13 de Outubro.

cheguei a Poona. Depois do que passei (infecções, dormidas em autocarro — quatro dias até Teerão, três até Lahore, comida «foleira» em que até tive de tirar por duas vezes carne da sopa...) e vi (fantástico artesanato que co- meçou na Grécia, aumentou em Istambul, Teerão, Lahore, em particular na Índia e muito espe- cialmente em Katmandu, arqui- tectura, paisagens novas, gen- tes diferentes), fiquei a gostar mais de Portugal (!). É verdade, que belas possibilidades há ali, no que respeita ao regresso ao campo, à investigação artesanal e, em primeiro lugar, à desco- berta interior.

Verão, Inverno ameno

O ashram é enorme, gente aos milhares (Bhagwan fez 50 anos no dia 11), cheio de vegetação, com jardim, livraria, oficinas, escritórios, lojas, restaurantes enormes. Há ainda uns seis cen- sários com jardins que pertencem à comunidade, com resi- dências e dormitórios, oficinas, padaria, dois restaurantes, pas- telaria. Há oficinas de roupa, joalheria, imprensa, olaria, tecela- gem, pintura, para além dos lo- cais para os grupos terapêuticos, quartos subterrâneos almofada- dos, Universidade de grupos e

curios, auditório para umas quatro mil pessoas, para medita- ção, discursos do mestre, grupo musical, Tai Chi, Yoga, Karate, danças sufi...

Fiz um período de oito dias, «Let 60» (encounter, bio- energia, sensibilização) e a pri- meira parte de Inner Journey (muito interessante, jogos infan- tilis, meditações tradicionais, música Zen, Sufi, Islâmica...). Adiei a segunda parte do tra- balho de grupo, pois continuo (desde Katmandu) com uma in- fecção no sistema linfático sob a axila esquerda. Bolhas espinho- sas com pus amarelo e dores.

Os artesanatos e a comida do ashram são um bocado caros. Vivo numa cabanita de bambu perto do rio, onde cozinho — há legumes baratíssimos, papaia, bananas, tofu, gomâsio, arroz e pão integrais, milho, tahin, fari- nhas (já faço chapatis). O In- verno é Verão ameno e frio à- cama e cobertor). A cabana tem vizinhança sannyasin a viver do mesmo modo e disponho de uma lâmpada e água perto. Vivo de novo no campo!

Pode ser este o meu modo de vida, aqui. Gramava ficar por cá longo tempo, há muito a (me) descobrir».

“Não tem vergonha de ler essas porcarias?”

U lia o «Tintim», enquanto esperava o autocarro. Uma se- nhora de idade sai da bicha e pergunta, entre indignada e pesarosa:

— Não tem vergonha de estar a ler essas porcarias, quando há tantas obras literárias a não per- der?!

Ironia maior: o «Tintim» é para «jovens dos 7 aos 77 anos». Nesta matéria de quadrinhos, nunca houve velhos nem novos, nem conflitos de gerações — a BD apaga tudo, «reconcilia» toda a gente. Vão longe os tem- pos da nossa infância e de um par de estaladas quando nos dei- xávamos surpreender na leitura do «Mundo de Aventuras», em vez de estudar. Mas será que tudo isso pertence definitiva- mente ao passado?

Nos Estados Unidos, onde nasceu, a BD era uma arte popu- lar, para todo o público. Na Eu- ropa, particularmente em França, nunca deixou de ser um produto destinado às crianças, qualquer coisa de vagamente vergonhoso e «proibido».

A «descoberta» dos adultos

O primeiro esforço para fazer sair a BD da sua «clandestini- dade» é, curiosamente, uma lei (Lei de 16 de Julho de 1949) que protege os menores das «más» histórias aos quadrinhos, de- cretando a criação de uma co- missão de vigilância da BD. Os censores franceses não espera- rão sequer pelo relatório Frede- rico Wertham, que «analisa» (em 1953) as estreitas relações entre a criminalidade e os «co- mic books» nos Estados Uni- dos.

Ficamos, deste modo, a saber que há «boas» e «más» bandas desenhadas. Nem tudo é ra- cismo, violência e traumatismos psicológicos... Imediatamente

De imediato se conclui que a BD até é educativa. A «boa» BD, claro, permite desenvolver o espírito lógico e de observação, ensinar as matemáticas moder- nas. Outros heróis constituem extraordinárias iniciações à pré-história (Rahan) ou à histó- ria da Segunda Guerra Mundial («A Segunda Guerra Mundial em bandas desenhadas»), em edição portuguesa da Bertrand.

Ou das maravilhas da electró- nica japonesa (Yoko Suno, no «defunto» Spirou português). Quando um desenhador co- mete um erro técnico numa po- sição de karate, por exemplo, pai e filho unem os seus esforços numa carta ao editor, escrita pelo primeiro e ditada pelo se- gundo.

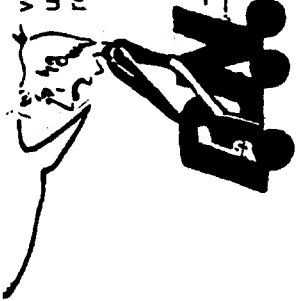
Terceira via?

Mas as crianças também exi- gem e reivindicam. E as revistas de séries em continuação vêem diminuir as suas tiragens. A clarividência da revista francesa «PIF» está em cedo ter compre- endido que o público estava farto do sacramental «continua» no fim de página das aventuras dos seus heróis preferidos. Há raparugas, por seu turno, há muito que abandonaram a litera- tura «especial para meninas».

Certos especialistas da BD — os filósofos, como diria Ray- mond Queneau —, começam a

Carlos Pessoa

você que pretende organizar um passeio faça já a sua reserva do autocarro



cep 10

AV. CASAL RIBEIRO N.º 18-B 5.º PISO LISBOA (TEL.: 57 08 56)

O último espectáculo de Teresa Motta-Démarcy

Já aqui dei notícia breve da estreia do Centro Pompidou, em Paris, do último espectáculo do Grupo Naif, dirigido por Richard Démarcy e Teresa Motta. Intitulado «Percorso» (ou o itinerário interior), o texto de Démarcy, com a colaboração de Teresa, tem como ponto de partida um livro do cineasta Werner Herzog, neste livro («No caminho dos gelos»), Herzog, conta o que foi a sua viagem a pé de Munique a Paris, entre 24 de Novembro e 14 de Dezembro, «num inverno especialmente duro», com a qual Herzog pretendia contribuir para a cura de uma velha amiga, a conhecida ensaísta de cinema, historiadora do movimento expressionista, Lotte Eisner, que adoeceu gravemente em Paris, onde reside.

A crítica dividida

Ao contrário de espectáculos anteriores de Teresa e Richard, normalmente bem recebidos, «Percorso», dividiu os críticos pouco habituados a um género de teatro em que cinema e música têm funções tão importantes, não se limitando a preencher funções acessórias, como de costume. Mesmo Michel Cournot, crítico de «Le Monde» fã e amigo dos Démarcy, parece ter ficado perturbado não conseguindo digerir qualquer coisa que lhe pareceu demasiado rica.

Estreado o espectáculo, RD manda notícias das reacções que despertou, incluindo recortes da crítica, fotos espantosamente belas, e outro material. Vou atrever-me a uma inconfidência transcendendo da sua carta uma passagem em que descreve a reacção de Lotte Eisner ao espectáculo.

«Foi um encontro extraordinário, ela ficou conosco mais de hora e meia a falar de tudo, a Alemanha, Brecht, Werner (Herzog), Piscator («ele não conseguiu essa união cinema-teatro que você conseguiu»)...

Erwin (Piscator) ficou para sempre um tanto agastado comigo por causa disso... mas é que era demasiado rígido, fixo, no seu espectáculo é fluido, e a música, e as luzes... Werner tem que ver isto... Seria bom que Brecht pudesse ver isto... Estava inquieta quando entrei, dizia-me: mas o que é que se pode fazer com um livro como o de Werner, e depois o cinema e o teatro como junta-los... Estava enganada, você mostrou como se pode fazer entre eles uma aliança perfeita...»

Démarcy é um mágico, «isto escreveu a crítica do «Télérama». E um outro crítico: «Esta transmutação que renova o velho sonho do 'teatro total', possui qualquer coisa de indistintivamente moderno. Sem dúvida porque o encenador é daqueles que são possuídos pela ciência da arte».

Mas de todas as críticas, escolherei a de Anne Ubersfeld, ensaísta e professora de semiologia teatral do Instituto de Estudos Teatrais, em Paris, que publicou na revista «Alternatives Théâtrales» um belo texto. Pode-se aliar trabalho cénico e imagem cinematográfica? Muitas — demasiadas — experiências fazem pensar que não. O nível de realidade não é o



mesmo, como não é o mesmo o investimento psíquico: ou bem a imagem cinematográfica desvaloriza a realidade cénica ou então a força da presença viva do actor empobrece o «écran» visual, a não ser que os dois fenómenos não coincidam com a denegação própria do teatro apagando a referência cinematográfica do real (o que Christian Metz chama o referente imaginário) enquanto a força da imagem fílmica torna pobre e irrisório o real cénico. Eis, porém, confirmada neste espectáculo essa lei de que não existem no domínio estético ou melhor de que há sempre maneira de as contornar e que então o insólito,

Do teatro e do cinema

O que eu vi do último espectáculo de Richard Démarcy foi o suficiente para me convencer que, finalmente, a relação do teatro à imagem fílmica leva à representação uma dimensão nova.

Aposta incível, aposta ganha. Não há uma história, não há uma fábula que se conta, não há um lugar lembrado, não há heróis — nem sequer heroínas — não há personagens para acompanhar. Não há uma his-

tória, mas uma multiplicidade de acontecimentos, não há um lugar mas uma polivalência do espaço não há uma fábula mas a espantosa densidade de um itinerário, não há uma pintura social mas uma forte presença palpável, não há personagens mas a palavra interior de um ser; deixamo-nos de espantar pelo facto do itinerário rebanar em narrativas eflorescentes, se desdobra em imagens oníricas tão presentes nos movimentos dos actores como no «écran». A sobreposição do real e do imaginário atinge momentos admiráveis como o da caminhada infundável, aérea, de uma personagem do «écran», para um cas-

telo onde não chega (castelo? clínica? hospital?) na qual se sobrepõe a corrida de uma actriz parecendo levantar voo nas suas transparências. — Estou a dizer mal: quem me lê, imaginará um esteticismo simbolista — onde há a angústia urgente de um pesadelo e a sua libertação possível. E quando a intérprete se volta, sobre o seu ventre aparece e desaparece a imagem fixa de um rosto de mulher ao qual o movimento dos véus confere uma vida inquietante.

O real e o realismo

Inquietante estranheza: o narrador (Werner Herzog, talvez,

pois que o texto é seu, mas também tu ou eu) — caminha a pé numa viagem infinitamente lenta, em direcção à mulher, velha e doente, cuja sobrevivência dependeria por uma perturbadora compensação, do esforço físico e psíquico do caminante. Aqui, tudo é real, nada é realista: o homem que caminha, desmultiplicado no palco numa série de seres, de homens mas também talvez uma mulher, e também uma raparigunha, encontra no seu caminho a neve e a chuva, um vendedor de pássaros, um estalajadeiro que se cortou o polegar, a ronda das suas recordações, e na angústia do Inverno, uma infinidade de pássaros: ele é e não é todos os seres com quem se cruza. A narrativa e a sua tradução em imagens defendem-se de provocar soluções, que seriam débéis, duma psicanálise de feitura, para além dos arquétipos junguianos, a imagem da ave reencontra os mitos, acompanha as histórias de migração e essa última viagem para a qual a alma é uma ave, a morte é uma ave — nos egípcios, nos etruscos, na nossa Idade Média. A ave passa aqui da gaiola vazia do vendedor de pássaros, do corvo empalhado para as imagens imóveis, semelhantes a um Breughel branco e negro.

O espaço vasto, vazio, povoado por escassos objectos — acessórios mais do que objectos — cujo papel é raramente ou nunca mimético: como os esquís onde cresce a relva ou esse esquí múltiplo, imagem de uma coincidência sonhada entre os seres e as suas experiências. O fundo é ocupado por um «écran» que a iluminação faz aparecer e desaparecer. O espaço é, pois sem esforço figura e modelo de um itinerário interior. O trabalho do tempo faz-se de acordo com o receita de Démarcy, pela presença da música, também ela submetida a distorções oníricas e de que o contínuo sonoro ca-

naliza e limita a dispersão das sequências visuais. Esta suspensão das sequências torna sensível ao mesmo tempo a sucessão de acasos dos encontros e das imagens — este acaso do real mais forte do que os sonhos — e a unidade do desejo interior de que a violência e a urgência fazem recuar a morte. Todas as imagens, todas as minissequências acabam por contar a mesma história de um combate de vitória provisória sobre a morte.

Deste modo se justifica este paradoxo que é a teatralização do monólogo interior: o real a confrontação com o mundo e com o seu poder de destruição não é esquecido um só momento. E o paradoxo não é apenas o da transposição de um universo interior, que já vimos num Bon Wilson, até num Grotrowski. Aqui a questão que se põe é outra, talvez mais difícil: como dar ao que é a vida interior de um homem a totalidade que faz passar do eu ao nós, de um ao múltiplo, do indivíduo - narrador ao plural do público? Aposta no limite no possível — e que vacila por instantes, mas que só o teatro pode alcançar. Eis o que Démarcy obteve dos seus actores (em especial de Colin Harris e da extraordinária Teresa Motta): a justeza dos movimentos e o despojamento da dicção que permitem a esta sucessão sem fio de manter a violência da luta a evidência do real. Tentativa corajosa, acrobática para colher a realidade da vida psíquica não apenas no seu fluxo interior, mas na sua relação imediata com o mundo exterior e com a urgência organizativa do desejo: não o universo interior na sua desordem, mas a polarização intensa da sobrevivência.

Aqui termina a crítica de Anne Ubersfeld. Quanto a nós, ficamos a chuchar no dedo. E daí — quem sabe?

Carlos Porto